Arthur Cavalcante
(Organizador)

# CONTOS DE SUSPENSE

## PROCESSO E CRIAÇÃO LITERÁRIA NA SALA DOS ESCRITORES (IFRN)

editoraifrn

**Arthur Cavalcante**
(Organizador)

# CONTOS DE SUSPENSE

## PROCESSO E CRIAÇÃO LITERÁRIA NA SALA DOS ESCRITORES (IFRN)

editoraifrn
Natal, 2026

Presidente da República
**Luiz Inácio Lula da Silva**

Ministro da Educação
**Leonardo Osvaldo Barchini Rosa**

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
**Marcelo Bregagnoli**

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor
**José Arnóbio de Araújo Filho**

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação
**Francinaide de Lima Silva Nascimento**

Diretora de Comunicação Científica
**Magda Renata Marques Diniz**

**Conselho Editorial do IFRN**

Francinaide de Lima Silva Nascimento (Presidente)
Alba Valéria Saboia Teixeira Lopes (Secretária)
Alison Pereira Batista
Alana Driziê Gonzatti dos Santos
Albéris Eron Flávio de Oliveira
Airton Araújo de Souza Júnior
Amilde Martins da Fonseca
Bruno Balbino Aires da Costa
Cedrick Cunha Gomes da Silva
Cláudia Battestin
Elisabete Pianco de Sousa
Ênio Fernandes Amorim
Jobson Martins da Silva Maranhão
Joicy Suely Galvão da Costa
José Everaldo Pereira
José Geraldo Bezerra Galvão Júnior
José Soares Batista Lopes
Julie Thomas
Kaline Andreza de França Correia Andrade
Leonardo Alcântara Alves
Luciana Maria Araújo Rabelo
Magda Renata Marques Diniz
Marilson Donizetti Silvino
Moisés Llopis i Alarcón
Paulo Augusto de Lima Filho
Pedro Felipe de Lima Henrique
Paula Ivani Medeiros dos Santos
Ramon Evangelista dos Anjos Paiva
Rômulo Magno Oliveira de Freitas
Tacicleide Dantas Vieira
Vanilton Pereira da Silva

**Projeto gráfico, diagramação e capa**
Hanna Andreza Fernandes Sobral

**Revisão linguística**
Lívia Rayssa Ferreira da Silva

**Prefixo editorial** Editora IFRN
**Linha editorial** Apoio didático-pedagógico

Disponível para *download* em:
**http://memoria.ifrn.edu.br**

editoraIfrn

**Contato**
Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, Natal – RN, CEP: 59015-300
Telefones: (84) 4005-0763 l (84) 4005-0863 | E-mail: editora@ifrn.edu.br



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.
As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.
É permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte – IFRN
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi

C763 Contos de suspense : processo e criação literária na sala dos escritores (IFRN) [livro eletrônico] / Arthur Cavalcante (Organizador). – Natal : IFRN, 2026.
169 p. ; il ; PDF

ISBN: 978-85-8333-359-3

1. Contos. 2. Criação literária – Processo. 3. Narrativas. I. Cavalcante, Arthur. II. Título.

IFRN / SIBi CDU 82-34

Elaborada pela Bibliotecária
Marise Lemos Ribeiro – CRB-15/418

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.



# SUMÁRIO

**Apresentação 07**

**1 Projeto de Escrita Criativa 13**

1.1 Sala dos Escritores.....**14**

1.2 Modelo Narrativo Unificado..... **15**

1.3 Autores Analisados..... **18**

**2 Contos de Suspense (e seus Ensaios Criativos) 36**

2.1 Cura pela Palavra | *Arthur Cavalcante*..... **37**

2.2 Aplausos | *Mazikeen*..... **67**

2.3 Pequenas Mortes Todos os Dias | *Lucas Gabriel*..... **80**

2.4 O Mistério do Diário | *Rana Félix*..... **98**

2.5 O Vazio | *Andryo André*..... **109**

2.6 O Plano | *Andryo André*..... **124**

2.7 O Canto Mais Escuro da Floresta | *Grazielle Duarte*..... **141**

2.8 A Porta | *Grazielle Duarte*..... **153**

**Posfácio 164**

# Apresentação

Este livro é um convite para alunos, professores, graduandos nas áreas de Letras e, claro, para todos os apaixonados por Literatura. Um convite a compreenderem os processos de criação literária dentro da grande área da Escrita Criativa, tendo como foco os oito contos aqui reunidos e seus respectivos processos de criação.

Entre estas páginas, o leitor encontrará não apenas narrativas prontas, mas também o percurso de suas elaborações. Há o diálogo entre a inspiração e o trabalho técnico, o amadurecimento das ideias e o refinamento da linguagem. O livro se torna, assim, um espaço de leitura e aprendizagem, um testemunho de como a literatura nasce, cresce e se transforma.

Essa prática de ver a Literatura como um material acadêmico de outra natureza, e que aprofunda questões e problematizações diversas, é recorrente em diversos países do mundo (sob o nome de *Creative Writing*), e que no Brasil, através da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), encontra eco verticalizado na graduação, mestrado e doutorado. O organizador desta coletânea tem doutorado em Escrita Criativa na referida instituição.

A área de Escrita Criativa, sendo interdisciplinar, traz uma linha de pesquisa específica: Leitura, criação e sistema literário. Investiga a origem de textos literários e não literários, sua relação com linguagens outras, a inserção do escritor no siste-

ma literário, apoiada em teorias da literatura e documentos de escritores sobre o processo de criação. O foco é a criação literária e suas bases estéticas, a crítica genética, as intersecções entre literaturas e outras mídias, criação de roteiros teatrais e fílmicos, e elaboração de textos não literários.

A Escrita Criativa trabalha com uma, por assim dizer, epistemologia do sensível. Entende-se que o texto literário tem tanto valor quanto qualquer monografia, artigo, dissertação ou tese, do ponto de vista de conhecimento sobre o mundo. Por exemplo: se Tarantino fosse brasileiro, seus filmes não valeriam nada para o Currículo Lattes, enquanto um artigo escrito sobre um filme do diretor para uma revista de baixo impacto já contaria alguma coisa. Isso é inadmissível. A obra cinematográfica é um modo de gerar conhecimento, assim como o artigo. O mesmo vale para a Literatura. *Caetés*, *São Bernardo* e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, geram conhecimento; artigos, Trabalhos de Conclusão de Cursos, dissertações ou teses sobre tais obras, também. Logo, não faz sentido uma hierarquização. Inclusive, há quem diga que *São Bernardo* é tão profundo que nenhum artigo ou tese daria conta de sua complexidade, invertendo-se o *Status quo*. *Amor nos tempos do cólera,* de Gabriel García Márquez, *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski, *Ulisses*, de James Joyce e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, são todos criadores de conhecimento.

Porém, olhar para trás é fácil na hora de identificar uma obra e seus impactos. O grande desafio é enxergarmos ao redor, em nossos pares, possibilidades criativas. Toda obra, em maior ou menor medida, é inaugural. Se algum dos meus livros existir antes de eu publicá-los, eu cometi plágio; se existir um igual após a publicação, alguém fez uma cópia. Assim

como cada ser humano traz consigo uma combinação única de DNA, cada obra de arte possui autonomia para ser julgada em seus arranjos formais. Recordemos o famoso conto *Biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges. Na história, existem livros diferentes entre si apenas por uma letra ou por uma vírgula. Obras são mais parecidas com outras, mas nunca iguais.

É nesse espírito que esta coletânea nasce, num gesto de criação e reflexão.

Para a composição dos contos aqui publicados, foram pensados os seguintes elementos: suspense, presença de uma escola (seja no conto inteiro, em partes ou apenas em menções) e algum elemento sobrenatural (direto ou sutil). Os gêneros poderiam ser os mais diversos: ficção científica, faroeste, comédia romântica, entre outros.

O leitor terá a oportunidade de acompanhar dois documentos: o Conto e o Ensaio Criativo. Este último mostra como os autores pensaram a concepção de suas narrativas, desde o surgimento da ideia até as decisões estilísticas da escrita. Funciona como um bastidor da criação, permitindo ao leitor acompanhar o planejamento e a execução de cada obra, o que no futuro poderá servir à crítica genética.

A coletânea também nasce marcada por um contexto histórico particular: o período de pandemia e seus desdobramentos sobre a experiência do ensino, da leitura e da criação literária. O isolamento, as incertezas e a necessidade de reinvenção atravessaram o processo criativo e se refletem nas temáticas e atmosferas dos textos. Mesmo com as dificuldades impostas, os autores souberam transformar o cotidiano em matéria literária, revelando, em meio às limitações, novas formas de imaginar e escrever.

Entre páginas em branco e ideias florescendo, planejávamos uma coletânea de contos que refletisse a diversidade e o talento de cada membro. Contudo, também aconteceu a greve institucional em 2024, que se estendeu por exatos 86 dias, interrompendo o fluxo criativo e afetando profundamente os planos iniciais. Alguns participantes, que planejavam contribuir com dois contos, foram forçados a reduzir para apenas um, resultado de um rearranjo inevitável de horários e compromissos pessoais. Outros, impactados pela ausência de um ambiente propício à concentração, viram suas ideias se dissiparem. O processo criativo, tão dependente de ritmo e constância, revelou-se frágil diante de uma ruptura tão prolongada. Ainda assim, dois participantes conseguiram entregar dois contos cada.

Mas o grupo persistiu, reavaliando histórias e encontrando formas de transformar os desafios em inspiração. As páginas podem ter perdido a perfeição que o tempo regular prometia, mas ganharam a autenticidade de quem escreve não apenas sobre ficções, mas também sobre a vida, com todas as suas interrupções e recomeços.

Dos oito contos aqui reunidos, um foi escrito pelo organizador e sete por alunos do ensino médio participantes de oficinas de escrita e cursos de narrativa, e expressam seu talento e amadurecimento técnico. Cada história é uma janela para o modo como escritores pensam e constroem ficções.

A organização desta coletânea foi surpreendente ao se analisar a diversidade de vozes e estilos. Se, por um lado, os textos revelam influências literárias e cinematográficas que marcaram as aulas, por outro, surpreendem ao ir além dessas referências e criar universos próprios. Há aqui um diálogo

constante entre o clássico e o contemporâneo, entre o real e o imaginário, entre o pessoal e o universal.

A opção por submeter a coletânea à categoria didático-pedagógica do Edital da Editora IFRN reflete o espírito do projeto: unir a dimensão artística da literatura à sua potência formativa. Mais do que um conjunto de contos, este livro é um testemunho de um processo criativo compartilhado, um espaço em que a Literatura se torna também reflexão sobre si mesma. Que ele inspire outros alunos, professores e futuros autores a descobrir a potência das palavras e o infinito que cabe em uma boa história.

Boa leitura!

**Arthur Cavalcante**
(*Organizador*)



# 1 Projeto de Escrita Criativa

## 1.1 Sala dos Escritores

O projeto de escrita criativa intitulado *Sala dos Escritores* é único no IFRN – *Campus* Centro Histórico. Sua criação se deu a partir de dois cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC): Narrativa e Roteiro Cinematográfico e Oficina de Criação Literária. Neles, os alunos têm a oportunidade de verem suas criações alcançarem outros leitores. Para os egressos desses cursos, o *Sala dos Escritores* se torna um espaço para pôr em prática toda a teoria adquirida, e desde o início, o projeto se consolidou como um espaço de experimentação e aprofundamento da escrita, integrando ensino, pesquisa e extensão.

O *Sala dos Escritores* nasceu como projeto de pesquisa em 2018 e, em 2024, tornou-se um projeto de ensino, fortalecendo seu vínculo com práticas pedagógicas e educativas. A mudança ampliou o escopo do trabalho, permitindo que novas turmas e oficinas se formassem, e que a escrita fosse tratada tanto como experiência estética quanto prática formativa.

Além da coletânea, o projeto também gerou um material teórico sobre o Modelo Narrativo Unificado, um recurso voltado ao ensino da Escrita Criativa e à análise literária. Esse material amplia o alcance dos contos, e oferece suporte para a criação e para a compreensão de narrativas.

O *Sala dos Escritores* segue, assim, como um espaço de descoberta, troca e amadurecimento, um lugar onde escrever é também aprender a olhar o mundo de outro modo.

## 1.2 Modelo Narrativo Unificado

Nesta breve introdução, vamos descrever a aplicação do Modelo Narrativo Unificado, desenvolvido pelo projeto *Sala dos Escritores* do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), no aprimoramento da escrita de contos.

Há um percurso por diferentes teorias cinematográficas, e a consequente adaptação de seus fundamentos para o campo da Literatura. Apesar da natureza dinâmica do processo criativo em cada meio, o modelo não apenas elaborou conceitos teóricos, mas também os implementou com êxito por meio de uma abordagem narrativa inovadora. O *Sala dos Escritores* se dedica tanto à criação quanto à análise de narrativas em diferentes formatos, como contos, romances, roteiros de cinema, peças teatrais, entre outros. Além disso, o projeto colabora com disciplinas relacionadas à área de cinema no curso Técnico Integrado em Multimídia. Os integrantes avaliam roteiros individualmente, identificando problemas em aspectos como estrutura, personagens e outros elementos narrativos, desempenhando um papel semelhante ao de um *Script doctor*, profissional especializado em revisar e aprimorar roteiros.

A rotina do projeto incluía encontros semanais entre o coordenador e os participantes, nos quais eram discutidos os avanços e desafios de cada projeto pessoal. Aqueles que não tinham um projeto de médio ou longo prazo (como uma novela ou romance) eram incentivados a participar de concursos literários nacionais. O desenvolvimento de um projeto pessoal, com um cronograma definido, ajuda o participante a amadurecer suas ideias, explorando personagens, conflitos, estrutura narrativa, diálogos, entre outros aspectos. Por outro

lado, os concursos literários proporcionam uma experiência prática de criação em prazos mais curtos, estimulando o aprimoramento constante.

Ao participar de concursos literários de abrangência nacional, os integrantes são desafiados a realizar processos de autoavaliação e receber críticas construtivas. Enquanto projetos pessoais podem levar meses para serem concluídos, a escrita de um conto para um concurso exige resultados em poucas semanas. Essa dinâmica incentiva os participantes a se dedicarem ao máximo e a aceitarem sugestões de melhorias, aumentando suas chances de produzir narrativas de qualidade e alcançar a publicação.

O autor Mckee nos relembra da complexidade e esforço desse ofício:

> Se você sonhasse em compor música, você diria a si mesmo: "já ouvi um monte de sinfonias... eu sei também tocar piano... Acho que vou fazer uma esse fim de semana"? Não. Mas é exatamente assim que muitos roteiristas começam. [...] se você desejasse compor, iria a uma escola de música para estudar tanto teoria quanto prática, focando no gênero da sinfonia. Após anos de diligência, você fundiria seu conhecimento com sua criatividade, e, conduzido por sua coragem, se aventuraria a compor (Mckee, 2006, p. 27).

Assim como um compositor busca a excelência ao dominar os fundamentos da composição musical, o escritor precisa compreender os princípios essenciais da construção ficcional.

Sem desenvolver habilidades adequadas, ele corre o risco de questionar a qualidade de suas criações. Sem um preparo teórico e prático prévio, é difícil estabelecer parâmetros metodológicos para avaliar e aprimorar suas obras.

Paralelamente à produção de histórias, o coordenador do *Sala dos Escritores* propôs um modelo que facilitasse a comunicação entre os participantes. Dado que há inúmeras fontes que podem enriquecer o repertório analítico sobre a criação de histórias, tornou-se necessária uma padronização tipológica. Diferentes autores traziam perspectivas diversas sobre narrativa, conflitos e criação de personagens, entre outros aspectos. Dessa necessidade surgiu o Modelo Narrativo Unificado, que centraliza generalizações de vários autores enquanto mantém a flexibilidade para atender às particularidades da criação ficcional, seja no Cinema ou na Literatura. O modelo também sistematizou a interação entre criadores e avaliadores, organizando o cumprimento de etapas dentro de prazos estabelecidos.

Os participantes colocaram em prática o Modelo Narrativo Unificado na criação de contos para uma antologia. Com a aprovação dos trabalhos em um concurso nacional, ficou evidente que o modelo não apenas é funcional, mas também eficiente na criação, desenvolvimento e avaliação das obras.

## 1.3 Autores Analisados

Para a criação do Modelo Narrativo Unificado foram escolhidos os seguintes autores como ponto de partida: Field (2001), Mckee (2006), Vogler (2015), Hauge (2014), Bordwell (2005), Aronson (2010), Phillips e Huntley (2001), e Ferguson (2016).

Field (2001) apresenta o "Paradigma de Syd Field", um esquema com etapas e subetapas (apresentação, confrontação, resolução e pontos de virada) e que proporciona ao escritor a criação dentro dos chamados três atos, sendo que cada ato representa uma "unidade de ação dramática" (Field, 2001, p. 3).

McKee (2006) aborda as jornadas interna e externa dos personagens e conflitos em três níveis: interno (psicológico dos personagens), pessoal (desloca o psicológico para o embate entre protagonista e pessoas ao seu redor) e extra-pessoal, (expande os dois anteriores para instituições sociais, como igreja, carreira profissional, escola etc.). Combinando os três níveis, há uma complexa expansão dentro do design da história (Mckee, 2006, p. 43). Tanto sua tipologia dos conflitos quanto a separação entre "arquitrama", "minitrama" e "antitrama" (Mckee, 2006, p. 55) serviram de base para o modelo.

Vogler (2015), no livro *A Jornada do Escritor*, adapta a estrutura mítica desenvolvida por Campbell (1995) aos personagens de cinema e literatura, simplificando as dezenove etapas do monomito em doze estágios (Vogler, 2015, p. 44), mantendo a essência do trabalho de Campbell (1995) e focando em outros meios. Os doze estágios partem do personagem heroico e sua jornada através da interação com outros personagens arquetípicos (Vogler, 2015, p. 64). O autor condensa desde o "Mundo Comum" (dia a dia do personagem, suas atitudes,

seu perfil) até o "Retorno com o Elixir" ao fim da narrativa, o qual promove o crescimento interno/emocional do herói (Vogler, 2015, p. 47-59).

Hauge (2014) estrutura seis estágios e cinco pontos de trama, lidando com a jornada interna/emocional do personagem e externa/física diante dos desafios e objetivos definidos. E em Hauge (2017), o autor cria uma nomenclatura que divide o personagem em cinco esferas (ferida, medo, crença, identidade e essência) e as manipula dramaturgicamente.

Bordwell (2005, p. 277) aborda os elementos estruturantes do Cinema clássico narrativo, consagrado a partir do filme *O nascimento de uma nação* (D.W. Griffith, 1915), cujos princípios permanecem difundidos no cinema mundial contemporâneo. A partir do ponto de vista estético e histórico, Bordwell (2005) analisa as esferas de romance entre personagens, linearidade narrativa, personagens com objetivos claros e bem definidos. Assim, extrapola os princípios clássicos para além da escrita do roteiro, como a montagem e direção do filme.

Contrastando com o raciocínio linear da narrativa, a autora Aronson (2010) cria uma tipologia também para narrativas não-lineares, dividindo-as em seis categorias: Lineares (Tandem, Multiprotagonista, Jornada Dupla), Não-lineares (Flashback, Consecutiva), e uma Híbrida (Aronson, 2010, p. 172). A partir desta abordagem, a autora possibilita um raciocínio complexo das estruturas narrativas que não se encaixam no modelo clássico, e se apropria de um novo pensamento narrativo fracionado tanto no tempo quanto no espaço da diegese.

Phillips e Huntley (2001), por meio de Haslett e Greenfield (1999), trazem uma abordagem focada em dois aspectos: nas *Perguntas Essenciais* e nas *Quatro Perspectivas*, estas se re-

ferindo aos pontos de vista de toda história – História Global, Personagem Principal, Personagem de Impacto e Principal vs. Impacto[1].

O primeiro ponto de vista se refere à visualização da história a partir de uma perspectiva mais distante. "Se a história narra uma batalha, a História Global a assiste das montanhas" (Haslett; Greenfield, 1999, p. 6); o segundo, à perspectiva do "eu", um soldado na batalha, pelo qual experimentamos como é "estar no seu lugar" ao longo da história; o terceiro, refere-se ao personagem que forçará o Principal a encarar os problemas pessoais que faz questão de fugir, impactando-o emocionalmente e fazendo-o questionar suas crenças; o quarto e último, ao fato de que existe um argumento emocional entre o Principal e o de Impacto, já que o primeiro não aceita passivamente as pressões emocionais que o segundo lhe impõe. "Essa relação entre o Personagem Principal e o Personagem de Impacto é o coração da sua história. Ambos discutem sobre problemas pessoais até que um deles mude no final" (Haslett; Greenfield, 1999, p. 6).

Sobre as *Perguntas Essenciais*, estas vêm em número de doze, porém, por causa da brevidade deste ensaio e, principalmente, do foco do Modelo Narrativo Unificado, serão descritas as oito primeiras. O motivo de se descartar as quatro últimas é didático: o Modelo Narrativo Unificado surge para facilitar a criação, porém o autor deste ensaio e coordenador do *Sala dos Escritores* considerou que as quatro últimas são muito específicas e prendem os escritores num paradigma fechado. Se a

**1.** No original, os temos utilizados pelos autores são: Overall Story, Main Character, Impact Character e Main vs. Impact Character.

intenção é generalizar – no sentido de "pegar" o que há de melhor na teoria sugerida – a noção de "melhor" é sempre aquela que favorece uma expansão e diálogo com outros sistemas.

As perguntas são:

(1) Como o personagem acaba: muda ou permanece?
(2) Esperamos, no personagem, algo: começar ou terminar?
(3) Como o personagem resolve problemas: com as mãos ou com a mente?
(4) Como o personagem pensa: é lógico ou intuitivo?
(5) O que inicia a história: ações ou reações?
(6) Qual o limite da história: tempo ou opção?
(7) Na jornada externa, o personagem consegue o objetivo: sim ou não?
(8) Na jornada interna, o personagem consegue o objetivo: sim ou não?

Phillips e Huntley (2001), por meio de Haslett e Greenfield (1999), citam muitos exemplos para seus conceitos ao longo das oito perguntas:

Em (1), o personagem Scrooge, de Charlies Dickens, é impactado pelo Fantasma do Natal, mudando ao final da história, enquanto que as aventuras de James Bond mostram um personagem que não muda, forçando seus Personagens de Impacto a mudarem.

Em (2), um personagem pode ter traumas/falhas à espera de superação ou algo de ausente que busca preencher. "O personagem sente que está causando seus próprios problemas e deve agir, ou está deixando os problemas irem longe demais e precisa pará-los?" (Haslett; Greenfield,, p. 10).

Em (3), resolver com as mãos é chamado de *Do-er*, um "fazedor", aquele que, fisicamente, resolve seus problemas, como Dirty Harry, enquanto aquele que resolve com a mente é o *Be-er*, isto é, internamente, através de uma conversa, por exemplo, para promover uma mudança de atitude no outro e sanar o conflito.

Em (4), o personagem que prefere uma abordagem lógica pensa no mundo como variáveis de causa e efeito, à procura de explicações lineares, enquanto que o intuitivo foca na relação holística das variáveis. A personagem Ripley, no filme *Alien* (1979), utiliza o pensamento lógico, enquanto o Jack Ryan, de *A caçada ao outubro vermelho* (1990), usa a intuição.

Em (5), os autores utilizam uma partida de futebol americano como exemplo – o time que ataca é movido por decisões planejadas, enquanto resta ao time que defende improvisar suas ações diante do imprevisto.

Em (6), a falta de tempo é uma metáfora para a "bomba-relógio", em que os personagens têm um prazo a cumprir, enquanto a falta de opção é quando os caminhos se esgotam, levando ao fim da história (os autores citam Aladdin, com seus três desejos).

Em (7), a pergunta é se o personagem atingiu o objetivo externo, enquanto em (8), se atingiu o objetivo interno/emocional, havendo assim, combinações: tragédias como Hamlet respondem "não" a ambas as perguntas (o personagem não consegue o que queria, e ainda sofre por isso); filmes como *O silêncio dos inocentes* (1991) trazem uma personagem que consegue o objetivo externo (prender o assassino), mas continua

sofrendo seus traumas ("*Are the lambs still crying, Clarice?*"[2]) ou vice-versa e, por último, histórias que são otimistas, trazendo personagens com objetivos atingidos e finais felizes.

Outro autor, Ferguson (2016), comenta que "filmes são construídos em outros filmes, assim como em livros, programas de TV, eventos atuais, jogos, etc. Isso se aplica a tudo, desde o mais humilde filme de gênero, até um referenciado filme independente"[3]. É com essa reflexão que o Modelo Narrativo Unificado foi pensado. Entendendo que o criador traz consigo seu repertório de influências passadas e presentes, a obra carrega uma síntese de estímulos outros e das mais variadas origens. Como o autor salienta, é uma cultura do *remix*, isto é, uma cultura que tem consciência de que obras literárias, cinematográficas, musicais ou qualquer manifestação artística são concebidas, direta ou indiretamente, com base em outras obras. Ao estruturar o conto, o escritor pode basear seu personagem em seu vizinho, o diálogo em uma peça do século XIV, a estrutura não-linear advinda de uma história em quadrinhos, entre outras possibilidades. É uma postura na qual não existe a angústia da influência, mas a sua recepção de braços abertos como parte fundante do processo criativo.

Na dinâmica da criação, três elementos são abordados por Ferguson (2016): *Copiar*, *Transformar* e *Combinar*:

> De modo simples: copiando é como aprendemos. Não podemos introduzir algo novo enquanto não tivermos fluência com a linguagem

**2.** "Os cordeiros ainda estão chorando, Clarice?", em tradução livre.

**3.** Retirado do vídeo, entre o tempo 9:00 e 9:10.

> de nosso domínio, e fazemos isso através da emulação. Por exemplo, todos os artistas passam seus anos de formação produzindo trabalho derivado.

O autor dá alguns exemplos: Bob Dylan lançou seu primeiro álbum com onze músicas *cover*; o comediante Richard Pryor iniciou na carreira de *Stand Up* fazendo imitações de Bill Cosby; na literatura, o autor Hunter S. Thompson reescreveu *O Grande Gatsby* para sentir como é escrever um grande romance; Thomas Edison não inventou a lâmpada, mas testou seis mil materiais diferentes até achar uma versão viável comercialmente. É possível pensar em um aprendiz de violão: antes de sair tocando acordes próprios, acaba invariavelmente tendo que aprender as notações musicais, posição dos dedos, a técnica do dedilhar, e reproduz músicas de outros artistas. O mesmo vale para artigo científicos. Para escrevermos nesse formato, é preciso um repertório, uma noção do que seja um artigo, técnicas de formatação, notas de rodapé, etc., e é a partir do choque de ideias que copiamos um modo de nos expressar.

Porém, após *Copiar*, há o elemento do *Transformar*, que é o modo como esses elementos copiados se chocam com nosso repertório, a fim de se chegar na etapa de síntese criativa, o *Combinar*:

> A prensa móvel de Johannes Gutemberg foi criada cerca de 1440, mas quase todas as suas partes já existiam há séculos. Henry Ford e a Ford Motor Company não inventaram a linha de

> montagem, peças intercambiáveis, e nem mesmo o automóvel, mas combinaram todos esses elementos em 1908 para produzir o primeiro carro comercializável de massa: o Model T. E a internet cresceu lentamente durante várias décadas enquanto redes e protocolos se fundiam (Ferguson, 2016).

Ferguson (2016) exemplifica os conceitos por meio da empresa Apple. Para criar seu computador *Macintosh*, a empresa copiou elementos da interface gráfica de outro computador, o *Star*, da empresa Xerox. Mas foi o modo como a Apple aplicou a etapa do Combinar que colocou a empresa no sucesso de vendas do longo prazo – criou um mouse com um único botão (o *Star* tinha dois botões), adicionou o clique duplo para abrir pastas e arquivos (o *Star* usava uma tecla separada no teclado), permitiu que a seta do mouse pudesse arrastar pastas e arquivos na área de trabalho, e também redimensionar janelas (o *Star* usava outra tecla para essa função), fixou uma barra de menus e adicionou o recurso da Lixeira, para onde os arquivos deletados seriam descartados. Todas essas novas combinações de software e de hardware fizeram o *Macintosh* ser mais barato que o *Star*, facilitando a aquisição para uso doméstico.

Os conceitos de *Copiar*, *Transformar* e *Combinar* são aplicados à narrativa através de *Kill Bill* (2003), filme do cineasta Quentin Tarantino, referido pelo autor como "o mestre dos *remixes*"[4]: os personagens são uma espécie de colagem generali-

**4.** Retirado do vídeo ... , entre o tempo 12:35 e 12:42

zada de outras obras. A cena da enfermeira assassina e de tapa-olho é uma combinação dos filmes: *Domingo negro* (1977), no qual uma enfermeira tenta assassinar outro personagem com uma seringa e fluido vermelho; *Thriller – um filme cruel* (1973), no qual o tapa olho da enfermeira é inspirado; e *A morte tem cara de anjo* (1968), que encontramos a música assoviada pela enfermeira.

Na literatura, Carrero (2005) comenta sobre o processo que ele chama de impulsão, para não confundir com inspiração. Se esta é tida como puramente subjetiva e quase mística, uma aura inacessível para os "meros mortais" que não são artistas, a impulsão é a consciência desse repertório quase que investigativo da criação.

> É preciso entrar no mundo ficcional e mergulhar. Redigindo. Às vezes – e sempre, no princípio – sem um plano muito claro. Estudando. Lendo. Investigando os autores consagrados. Precisamos estudar os autores à luz de tantas correntes estéticas e experimentalistas. Mas de acordo com os nossos sentimentos, embora com o apoio nos conhecimentos (Carrero, 2005, p. 60)

O Modelo Narrativo Unificado traz para o centro das discussões a capacidade humana de criação a partir da síntese do repertório criador, envolvendo etapas na dinâmica das referências. É através desse caldo imaginativo que é feita a pergunta: "e se?". O processo do *Copiar*, *Transformar* e *Combinar* é absorvido como preciosa ferramenta para erigir uma espécie

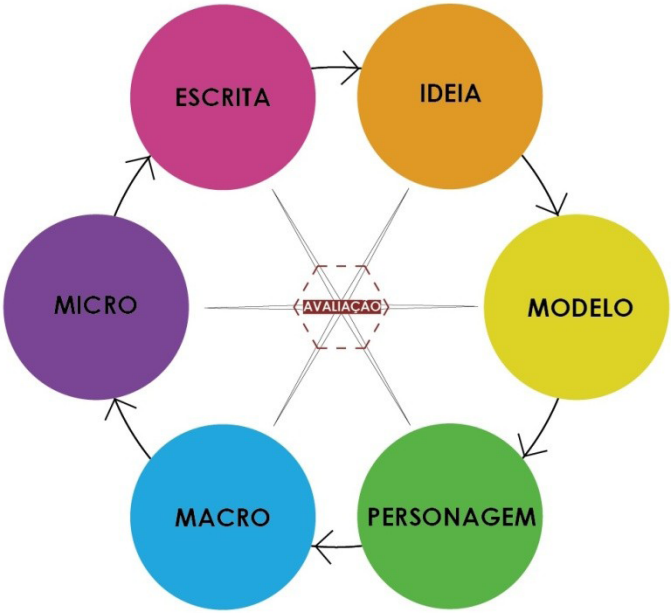
de "arquitetura narrativa", a qual passa, por sua vez, por outras tantas "arquiteturas" possíveis.

E se o filme *O Rei Leão* (1995) não abordasse leões, hienas e pássaros falantes na savana africana, mas fosse uma história com seres humanos numa metrópole? E se a sua estrutura não fosse linear, mas repleta de *flashbacks* e *flashforwards*? E se ao invés de um drama com assassinato familiar, fosse uma ficção científica? Melhor: e se toda essa construção da ficção científica pudesse ser mesclada, em maior ou menor grau, com *Memórias do Subsolo*, de Dostoievsky? E se a história iniciasse num monólogo do mesmo modo que o faz o narrador? E se toda essa história fosse contada em modelo epistolar? Ou num grande poema, tal qual *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto? E se os personagens tivessem finais irônicos, isto é, conseguissem o objetivo externo, porém ainda lhes atormentasse o trauma?

Como exemplificado acima, o processo através do *Copiar*, *Transformar* e *Combinar* produz obras inéditas, e fica impossível para nós, no presente, identificarmos quantas combinações os roteiristas de *O Rei Leão*, o escritor de *Memórias do Subsolo* ou João Cabral de Melo Neto tiveram que fazer em suas respectivas obras, da ideia inicial até o rascunho final para publicação/produção.

É a partir dessa pluralidade de propostas que o *Sala dos Escritores* (tanto para manter um método consistente de criação, quanto de análise) desenvolveu um Modelo Narrativo Unificado, ilustrado abaixo:

**Figura 1** - Etapas da escrita dentro do modelo



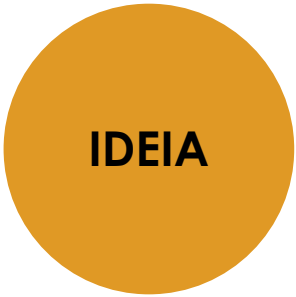

**Fonte:** criação do autor

Tendo em vista o Modelo Narrativo Unificado, o qual trabalha com as noções acima citadas, os integrantes do *Sala dos Escritores* se mobilizaram para criar seus contos.

O modelo permite a criação de personagens, estruturas e até estilo literário para diversos meios, não se limitado ao cinema e, ao mesmo tempo, flexibiliza o processo de criação. Foi gerado a partir das generalizações comuns nos autores pesquisados em narrativa, ao mesmo tempo que atende às suas diferenças tipológicas, uma vez que os diversos autores ora compartilham, ora divergem no uso de termos em suas proposições, e o Modelo Narrativo Unificado trabalha com essas vicissitudes.

As setas em sentido horário indicam um processo lógico, que consiste em abordar os elementos narrativos de forma crescente em complexidade. A estrela de seis pontas indica a possibilidade de extrapolar o pensamento linear das etapas, havendo saltos dependendo das necessidades criativas. A "Avaliação", ao centro, refere-se à busca pela avaliação dos pares, uma análise crítica sobre o que está em desenvolvimento.

As seis etapas estão simplificadas abaixo:

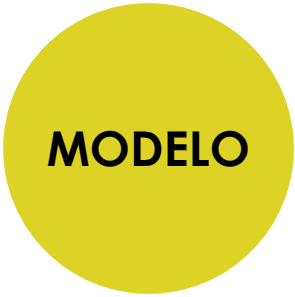



Nesta etapa, o escritor possui todas as suas influências em constante choque criativo e precisa mediá-las por meio da transformação em códigos, no caso, de escrita. Existe um eterno choque entre o que se pensa e o que se efetiva por meio das palavras. Questionamentos sobre os próprios personagens, motivos, tema, conflitos ou um modelo já preestabelecido servem de referência para os primeiros passos.

Percebeu-se que a organização das diversas fontes criativas (romances, peças de teatro, jogos digitais, cinema, séries de TV, relatos oralizados de familiares, sonhos etc.) deu-se a partir do processo dinâmico da cópia (da referência em si), transformando-a com elementos do próprio criador (a referência começa a se modificar com base no que o autor tem em mente) e combina-se com outras fontes no decorrer do pro-

cesso (à referência transformada são combinadas fontes diversas.

O que fora copiado literalmente numa etapa anterior agora está com "outra roupagem" devido às combinações entre as fontes). Verificou-se, também, que esse dinamismo se manteve em todas as seis etapas.




Ao se pensar a estrutura narrativa, a qual comporta personagens, conflitos e suas relações, infere-se um modelo já preestabelecido ou um novo modelo dentro de um repertório/hábito conhecido. Em outras palavras, dentro de elementos pensados na etapa anterior, o escritor encaixa suas ideias em um modelo narrativo.

Como exemplo, se a história traz personagens com objetivos definidos, estrutura linear, universo consistente e final com resoluções dos conflitos levantados, dialoga-se comum a estrutura da Narrativa Clássica. Da mesma maneira, o contrário pode acontecer: o escritor pensa primeiramente no modelo para depois desenvolver seus elementos (quais os conflitos, quais os objetivos etc.).

Caso o modelo não siga o classicismo narrativo, o escritor reflete sobre os elementos do seu próprio universo ficcional (quebra da linearidade – mescla entre tempo dramático, épico

e lírico – conflitos internalizados, lirismo e fluxo de consciência, e quebra das cenas fora de um padrão cujo começo meio e fim seria, no modelo clássico, a regra).




Nesta etapa, o escritor pensa mais profundamente sobre o desenrolar e desenvolvimento dos personagens, criando seus perfis e, ao mesmo tempo, atrelando a eles uma carga emocional/funcional narrativa. A partir desse perfil, pensam-se nas motivações, propósitos, traumas, certezas, dúvidas, e personalidade dos personagens. Esses componentes formam o conjunto temático da obra, ou seja, o assunto que será abordado e cuja carga emocional é evidenciada.

Dependendo do perfil e função de cada personagem, a resolução de conflitos (internos/psicológicos, pessoais/externos, extra pessoais/sociais) se dará de maneira peculiar. Do mesmo modo, havendo o eixo de um personagem protagonista, os personagens secundários também são desenvolvidos com base nessa mesma proposição temático-argumentativa, tendo em vista que uma história possui um argumento (o autor tem algo a dizer) e a interação dos personagens contribui para a efetivação do argumento na mente do leitor (romance, conto etc.) ou espectador (roteiro de cinema, roteiro de teatro etc.).




O escritor cria a macroestrutura da sua narrativa, que forma o agrupamento de cenas e sequências as quais lidam com a resolução do problema dramático e com base em modelos de jornadas. Numa jornada externa/física, o personagem tem objetivos claros e externos, cujos conflitos são criados através da apreensão pelos sentidos. Se um personagem é um atleta, sua jornada externa foca na competição, na busca pela medalha, no embate físico com outros concorrentes etc.).

Já a jornada interna/emocional lida com sentimentos e reflexões em torno do objetivo a ser buscado, e reflete oscilações emocionais baseadas nos temores, dúvidas e crenças do personagem. Voltando ao nosso personagem atleta, sua jornada interna foca nos próprios medos, nos traumas de infância que afetam seu emocional, na autorreflexão sobre "ser ou não ser capaz de vencer" etc.). Assim, munido com a jornada externa e interna dos personagens, o escritor consegue dividir sua narrativa em partes (atos, sequências, cenas).




A partir da organização de eventos da etapa Macro, existe um planejamento da cena em seu começo, meio e fim, como uma coluna vertebral sobre a qual os personagens irão interagir.Com a jornada externa e interna do personagem atleta, o escritor organiza as cenas: Cena 1 – Atleta chega em casa, tem uma discussão com o pai e volta à rua de mal humor; Cena 2 – Na rua, o atleta encontra seu melhor amigo de academia, ambos falam sobre a competição no mês que vem e o amigo admite não ter dinheiro para a inscrição; e assim se prossegue nas próximas cenas).




A partir dos desenvolvimentos das cinco etapas anteriores, foca-se no desenvolvimento escrito das ações e diálogos dentro de cada cena em torno do objetivo do personagem (jornada externa) e abordagem emocional (jornada interna). Os processos de revisão das próprias cenas e da escrita (rascu-

nhos produzidos) são realizados nessa etapa. Caso a narrativa seja um romance, por exemplo, o autor precisa escolher de que maneira a frase sustentaria os objetivos (jornada externa) e emotivos (jornada interna) dos personagens.



# 2 Contos de Suspense
(e seus Ensaios Criativos)

## 2.1 Cura pela Palavra

*Arthur Cavalcante*

Quando dei por mim, eu já estava no táxi em movimento, sentado no banco de trás. Cheiro de odorizante sabor lavanda. Sempre gostei de automóveis perfumados, e naquele ali eu me senti em casa. Arrisquei pensar nos lugares em que eu poderia comprar um kit com vinte e quatro unidades de cheiros diferentes para meu próprio carro.

– Quer o trajeto por GPS ou tem alguma preferência? – perguntou o motorista.

– GPS.

– Certo.

Inseriu no celular os dados do endereço que lhe dei. Uma linha azul se destacou com o melhor caminho. Ele fechou os vidros, ligou o ar-condicionado e sintonizou na rádio. O programa parecia um podcast de negócios, com um convidado empresário de sucesso.

O motorista continuava dando olhadelas para mim através do retrovisor.

– O senhor é... – começou ele.

– Sim, eu mesmo.

O motorista abaixou o volume do rádio, mas ao invés de iniciar uma conversa, ficou pensando no que dizer. Isso sempre acontecia.

– É a primeira vez que transporta um político? – indaguei.

– É – respondeu em tom prudente.

– Não precisa temer. Não mordo.

– Desculpe, nunca vi gente importante tão de perto.

– Não sou importante.

– Eu não ligo pra política, mas meu filho me mostrou seu perfil na rede social. Ele votou no senhor no primeiro turno e provavelmente votará agora no segundo. Se o senhor é importante pra ele, também é importante pra mim.

A política, mais do que a arte do possível, era a arte da esperança. Pessoas não votavam em fatos, mas em sonhos. Os avanços na tecnologia aperfeiçoaram a qualidade de nossas escolhas racionais, mas a imaginação do impossível ainda triunfava.

– Parabéns pela limpeza do carro – eu disse.

– Cheiro bom, né? Comprei o kit com vinte e quatro unidades.

– Interessante.

– O carro foi reformado. É um modelo antigo. Contratei uma empresa especializada em restaurar latas-velhas. Meu filho e minha nora disseram que eu era maluco por gastar tanto. Mas olhe o resultado. Se o senhor aprova, então o cliente está satisfeito. O senhor devia ter visto como era esse carro. Quando eu digo que sempre há esperança, eu dou meu testemunho sobre os dias desse táxi jogado à ferrugem. E olhe esta beleza! Eu sempre digo "meu filho, tenha fé que vai dar certo". Desculpe, estou falando demais.

– Gosto de ouvir.

– *Cura pela palavra*, como dizem. Que nem aquela história de captar o pensamento das crianças com aquelas Luvas-V e não sei o quê.

– Atividade cerebral.

– Isso. Atividade cerebral. Mas nem isso me fez criar interesse por política. Meu filho tentou me explicar sobre essas luvas, mas não compreendo. Mas o que eu entendo é que na minha época, lá atrás, ninguém imaginaria que um bando de político engravatado olharia um monte de painel colorido para decidir suas propostas.

Como um sonho transformado em realidade, as metáforas sobre a criança ser o futuro agora cobravam seu preço decisório. A *cura pela palavra* havia saído do âmbito estritamente pessoal para o social. A cura não era apenas do indivíduo, mas de uma democracia doente. Ambos necessitados de palavras que direcionassem à saúde social. E para entendermos a origem de nossos problemas como adultos, nada melhor que inserir a criança no centro da dinâmica política.

Ao lado do banco, uma caixa térmica com gelo e várias bebidas à disposição. Peguei a água com gás, abri com cuidado para a pressão não me encharcar e dei um gole. Ouvi a risada de Alice quando tive dificuldade de engolir. Ela amava esse jeito desastrado nas pequenas coisas.

Na embalagem da água com gás, uma criança toda suja de tinta brincava com as Luvas-V.

Tinta?

Não era a melhor comparação com o que de fato acontecia, mas entendi a proposta.

– Falta muito? – perguntei.

– Seis minutos.

– Adicione a água com gás na corrida, por favor.

– Não precisa.

– Faço questão.

Como insisti com o olhar, o motorista deixou o mapa em segundo plano, voltou ao aplicativo principal e fez a soma. O celular vibrou em meu bolso, confirmando a cobrança. Peguei o celular e abri a foto que Jacob havia mandado. O local era como qualquer outro – nada de instalação supersecreta ou de uma imagem cinematográfica que daria pompas ao mistério. A rua residencial comum não gerava suspeitas.

Com o silêncio entre nós, o motorista aumentou o volume do rádio. O empresário entrevistado falava sobre como foi fundamental para o país que a maioria da população finalmente voltasse o olhar para o poder legislativo. Como prefeitos, governadores e presidentes sempre foram alvos de idolatria no passado, essa imagem havia ficado apenas na lembrança. Hoje, para pôr em prática a *cura pela palavra*, era preciso um verdadeiro equilíbrio entre os poderes. As últimas duas décadas se mostraram valiosas para que a população visse a teoria posta em prática. Ninguém mais duvidava do método utilizado em escala municipal, estadual e federal.

– Chegamos – disse o motorista.

Abri a porta e agradeci pela corrida. Ele me desejou boa sorte nos próximos quarenta e cinco dias e o carro foi embora. A rua estava deserta. O canteiro central com árvores fazia uma sombra se projetar sobre mim naquele fim de tarde, e aproveitei para estirar as pernas e esticar as costas. Adiante, um portão de grades em uma casa singela de dois andares.

Jacob às vezes cometia exageros em suas promessas, mas nunca me decepcionara. Se eu encontrasse atrás daquelas paredes o que ele havia descrito com tantos detalhes, o futuro estava traçado.

Eu seria o vencedor no segundo turno.

Encontrei Jacob sentado na poltrona da sala. Ao seu lado, outro homem. Devia ser o mesmo que Jacob havia mencionado. Os dois de terno, assim como eu. Ao me verem, se levantaram e apertaram minha mão. O homem era careca e tinha um bigode falho e pequeno, ao mesmo tempo em que seu sobrepeso deixava a barriga exagerada por sobre o aperto do cinto.

Sentei na terceira poltrona. Agora, nos encarávamos os três.

– Jacob não disse seu nome – iniciei a conversa.

– É porque não o mencionei – respondeu o homem. – Mas tenho certeza que sabe quem eu sou. Deve ter visto meus empreendimentos ao redor da cidade.

O homem pegou do bolso um envelope grande e despejou várias fotografias em cima da mesa. Pareciam fotos de pontos turísticos. Jacob então apontou e foi citando cada um dos locais: a rodovia duplicada interestadual; a maior ponte da cidade, que unia a capital à pequena ilha de pescadores; os seis hospitais construídos só no ano passado; e a incubadora cultural que incentivava artistas locais há quase oito anos.

Aquele homem não era um político. Se fosse, qualquer um o reconheceria. Não, aquele homem era um lobista.

Parecendo adivinhar meu pensamento, o homem tentou um sorriso. Ele inclinou-se para frente e entrelaçou os dedos das mãos. Ele, eu e Jacob sabíamos da imoralidade prestes a ser cometida.

– Conhece essas obras, candidato?

– Claro que sim.

– Já visitou nossa incubadora cultural?

– Não.

– Pois deveria. Não faz ideia de quantos jovens tiramos da

pobreza todos os anos. Há perspectivas através da arte. Mais ainda, os jovens empreendem em suas comunidades, e trazem bens e serviços personalizados para as carências de cada público.

Ele esperou alguma reação vinda de mim, mas continuei sério. Eu troquei um olhar com Jacob, que sabia desde sempre o que eu pensava de pessoas como aquela.

– E os dois hospitais na Zona Oeste?

– Também não os visitei.

– Lembra-se do caso daquela menina Joana, que foi resgatada do soterramento? As chuvas de maio fizeram deslizar uma série de encostas e a casa dela ficou aos pedaços. Pois saiba que ela foi devidamente encaminhada e tratada no Hospital da Caridade e Luz. Não fossem os equipamentos de última geração ela teria sucumbido, tadinha.

– Conheço a história.

O homem pegou um papel no bolso do terno e me entregou. Era um gráfico dividido em dois eixos.

– Este é um comparativo entre a renda per capita dos pescadores na Ilha Lapidus antes e depois da Ponte Livramento. Está vendo a linha azul pontilhada?

– O que o senhor quer de mim?

Ele ficou sério. Um homem poderoso como aquele não devia estar acostumado a ter sua fala interrompida. Nem por políticos, militares ou civis.

– Tudo o que vou dizer a partir de agora representa meu sonho inegociável – disse o homem.

"Sonho" era uma maneira requintada de esconder a postura de qualquer lobista, cujo propósito era apenas um: chegar de um ponto A ao B para tornar real determinado objetivo.

Jacob sacudiu a cabeça, parecendo compreender um valor genuíno no que o homem dizia.

– Isso não quer dizer que faço pressão por meros interesses materiais – continuou o homem. – É nisso que está pensando, mas se engana. Acha que é ruim ter comunidades pobres sendo atendidas? O que está em jogo aqui é algo maravilhoso.

– Para elas ou para você?

– Ambos. Mas não vou discutir filosofia ou política. Nosso amigo Jacob arranjou esta conversa para discutirmos negócios.

– Negócios?

– Sua candidatura não é um negócio? Há uma troca: você tenta ganhar as eleições para levar o melhor à sociedade, enquanto se sente bem consigo mesmo, alguém que fez a diferença, que desenvolveu a consciência crítica. E praticou a *cura pela palavra*.

– Mas não faço por dinheiro.

O homem riu.

– Candidato, esqueça o "por dinheiro" e pense em "com dinheiro". Se fazemos o bem e, ao mesmo tempo pagamos as contas, que mal tem?

– Ele tem razão – disse Jacob para mim. – Todo mundo ganha se fizermos uma parceria.

– Onde está a menina? – indaguei.

– É preciso garantias – disse o homem. – Concordamos que isso aqui é um negócio de ambas as partes, então é preciso tratar da transação. E logo você terá acesso a ela.

– Acesso? Só vou concordar com qualquer proposta caso eu aprove primeiro o que ela tem a oferecer.

Jacob abriu um sorriso.

– Ela é extraordinária – disse ele. – É uma oportunidade única.

– Preciso vê-la primeiro.

O homem então se levantou e começou a abotoar o paletó, como que encerrando a conversa.

– Que pena. Foi um prazer tentar fazer negócios com você. Mas acho que o senhor Ramos tem mais a oferecer.

Ele iria mesmo oferecer a menina ao meu concorrente? Alberto Ramos estava a dois pontos percentuais da vitória, segundo os quatro institutos de pesquisa mais respeitados do país. "Tecnicamente empatados" não era a perspectiva mais reconfortante.

– O que você quer? – perguntei.

– Entendo como se sente – disse o homem, ainda de pé. – É da nossa natureza deixar-nos levar por impulsos. Apesar da aparência, não sou um homem totalmente racional, candidato. Sou um ser humano como qualquer outro. E assim como você, quero acabar com meus concorrentes. Não faça essa cara. Acha mesmo que Alberto Ramos não está contando com dois dos piores seres que alguém poderia encontrar?

Das duas, uma: ou o sentimento de asco do sujeito era genuíno por causa dos interesses escusos de seus adversários, ou simplesmente eles eram desafetos porque concorriam na arena dos interesses. A política era como a ficção, ou a ficção era como a política. Desde quando resolvi disputar eleições e me envolver em debates, tudo ao redor adquiriu um duplo sentido. Política sempre foi puro teatro. Por melhor que eu estudasse atuação, e que meus colegas desempenhassem seus papéis, o contexto mudava todas as coisas. Uma certeza de personagem político logo transformava-se num vai e vem

elástico da representação a depender do ambiente. Era como cuidar de uma planta num vaso. Mesmo que possamos regá-la em horários programados, jamais saberemos qual será a direção de cada folha e de cada galho.

– É pegar ou largar, candidato – disse o homem.

– Está bem.

Ele se sentou outra vez.

– As obras nessas fotos são de minha autoria, mas ninguém sabe. Ainda. Em breve, lançarei um livro de memórias e o mundo ficará sabendo. Para falar a verdade, acho bem fora de moda colocar nomes de pessoas em locais e instituições, mas se alguém quiser fazer isso após minha morte, que fique à vontade. O que me interessa hoje é o reconhecimento.

– Não precisa de mim para tê-lo. Basta convocar a imprensa e anunciar hoje mesmo.

– Eu estava prestes a fazer isso, candidato. Até surgir a menina. Quando acompanhar com os próprios olhos o que ela pode fazer, entenderá minha decisão. Hospitais, pontes e incubadoras culturais nada representam comparado ao que ela pode criar.

Não bastasse reconhecimento, era preciso marcar a história. Disso a política estava cheia. Cada um amontoando-se para sair melhor na foto de algo grandioso.

– E como eu entro nessa história?

– A primeira condição é que as três primeiras criações da menina receberão nomes que eu designar. Está claro?

– Nomes?

– Confirme, candidato.

Troquei mais um olhar com Jacob.

– Está bem. Confirmo.

– A segunda condição é você convencê-la a se acostumar a mim. Ela só consegue criar em um ambiente propício. Já tentamos de tudo, mas parece ser mais simples do que imaginávamos. Ela perdeu o pai há cinco anos. Quando a menina encontra alguém que pode suprir a figura paterna ou materna, acaba se descontraindo e o processo de criação se inicia. Infelizmente, começamos com o pé esquerdo e sou visto como uma ameaça.

– Onde está a mãe dela?

– Não há registros. O pai a criou sozinho.

– E por que eu serviria de figura paterna?

O homem ficou sério e respirou fundo.

– Eu sei sobre Alice.

Jacob havia falado demais. Estava apostando alto naquele desconhecido. Pela primeira vez, ouvi o leve barulho do ar-condicionado central. Meu estômago contraiu e minhas pernas ficaram dormentes. Ouvi o barulho das pedras contra o vidro do nosso carro. Alice gritava meu nome antes de silenciar para sempre.

– Preciso que você se aproxime – continuou o homem. – Que consiga fazê-la criar e que mude minha imagem.

– Para você se aproveitar de outras criações.

– Para a sociedade se beneficiar de outras criações.

– Serei uma figura paterna que a abandonará.

– Sei o que te magoa. Ninguém é culpado de nada. Entendo o que é perder alguém num acidente. A menina, também. Pode não parecer à primeira vista, mas eu acredito numa força do universo que nos juntou aqui nesta sala, neste exato instante. A menina lá dentro é um milagre. E tenho certeza que quem será salvo na *cura pela palavra* será você. Assim como eu fui.

Jacob aquiesceu. Ele me conhecia melhor do que ninguém para saber do meu olhar.

– Está bem.

– Preciso que confirme, candidato.

Recuperei a postura e fiquei de pé.

– Confirmo.

*

Em outra sala aos fundos da casa, lá estava a menina. De costas para mim, sentada no chão, cabelos até os ombros, diante do que parecia ser uma caixa de areia.

– O que você está fazendo? – perguntei.

– Você é ele?

– Ele quem?

– Aquele que de alguma forma vai dar um jeito em tudo isso?

Pela forma e velocidade com que articulava as palavras, eu confirmava o que Jacob havia dito sobre ela ser superdotada.

– Qual o seu nome?

– Chiara.

– Não sei se darei jeito em alguma coisa, Chiara, mas gostaria muito de te conhecer.

Ainda de costas para mim, ela encarava a caixa de areia ao mesmo tempo em que gesticulava no ar, como num ritual que prepara a atmosfera ao redor para algo prestes a acontecer. Ela não estava usando as Luvas-V, que permaneciam do outro lado da caixa. Logo depois, ela pôs as mãos na areia.

– É verdade – disse ela.

– O quê?

– Você nunca viu. Deixa eu te mostrar.

Aproximei-me. As Luvas-V bem que poderiam estar em pleno funcionamento, colhendo a atividade cerebral da menina. Chiara parecia esculpir castelos na areia úmida, mas as formas aleatórias não indicavam qualquer objeto preciso.

Sentei-me ao seu lado e finalmente olhei seu rosto. Jacob havia dito que ela tinha treze anos, mas qualquer um lhe daria no máximo dez pela aparência. Ela sorriu. Sua beleza parecia de outro mundo. Uma harmonia que eu nunca havia visto, algo jamais imaginado. As pontas dos dedos giravam entre os grãos feito bailarinas confiantes e veteranas de palco, livres, amplificadas, profundas como o oceano. Mãos ao mesmo tempo comunicativas e tímidas, yin yang em perfeito equilíbrio na criação do mundo. Aquele encanto ultrapassava tudo o que eu conhecia sobre o belo. E a menina era, de alguma forma, exatamente o que eu e Alice havíamos imaginado.

Seu olhar continuava vidrado nas formas criadas. As mãos tornaram-se agora uma unidade fluindo por aquela música de luz.

– Interessante – eu disse depois, com o fôlego recuperado.

– É – respondeu. – É isso que faço quando estou sozinha.

Eu continuei acompanhando, a primeira vez que alguém usava a escultura na areia em conjunto com os dados a serem recolhidos das Luvas-V. Mas não havia nada inteligível nas formas. Os grãos se amontoavam aleatórios, como se não soubessem para aonde ir.

Ela pôs a mão no bolso e retirou um doce, o desembrulhou e me estendeu o papel para que eu o jogasse no lixo. Diante de nós, agora sua criação adquiriu a forma de labirinto arquitetônico, quase um enigma que só ela sabia a solução.

Ao colocar o doce na boca, me encarou.

– Quero te mostrar outra coisa – disse ela, e apontou para um elemento no labirinto.

Então, eu finalmente vi.

*

Como combinado com o lobista, eu trouxe Chiara aqui para minha casa. Nos primeiros dias, ela explorou a vastidão dos quartos, dos dois escritórios e da minha biblioteca particular. Durante a primeira semana, mal nos falamos. Eu tentava me aproximar, mas a hospitalidade do primeiro encontro havia ficado para trás. Era como se, ao estar num novo ambiente, também tivesse que se acostumar com as pessoas, mesmo já conhecidas.

Por ser tão precoce, na certa sofrera isolamento na escola. Isso eu apenas especulava, porque ela não se abria comigo. Às vezes, ela se aproximava com suas questões filosóficas e existenciais. Ontologia, metafísica, ética, estética. Devorava os livros da biblioteca, só parando para comer, tomar banho e dormir. Pedi a Jacob que contratasse quatro professores particulares. Chiara deveria ocupar a mente como uma criança comum, com horário de estudo e lazer.

Sua rotina era estudar pela manhã e, à tarde, ficar na biblioteca. Tive medo de interrompê-la para exigir minhas demandas. Faltavam trinta e oito dias para o segundo turno. Mas quando restasse apenas quinze, minha proposta-chave deveria ser anunciada. Para isso, Chiara deveria se apressar.

*

A partir da segunda semana, ela fez algumas criações, mas nada de valor. Pelo menos, era isso que Chiara me dizia. Eu precisava dela para me apontar o significado dos labirintos de areia. E ela sempre rejeitava o uso das Luvas-V.

Acompanhá-la naquele bailado de mãos tinha um feitiço particular. Se o vento soprava contra a janela, eu conseguia ver a corrente de ar. Se os dois rottweilers do vizinho ladravam, eu arriscaria determinar as notas musicais de cada latido. Parecia loucura, mas essa sinestesia tomava conta do meu corpo.

– Por que destrói tudo o que cria? – indaguei.

– Porque ninguém iria entender.

– Não se incomoda?

– Gosto de ver do que eu mesma sou capaz.

– Mas seria melhor guardar, não? – Ela pensou um pouco antes de confirmar com a cabeça. – Então, preserve seus labirintos. Por que não aproveitar e fazer comparações?

Parando os gestos, ela suspirou.

– Seria isso que Alice gostaria de mim?

Tive um sobressalto.

– Do que está falando?

– Isto não é uma mera casa. É uma mansão. Uma família inteira dá e sobra para morar. Tem foto daquela mulher em vários cômodos. E eu ouvi seu amigo, aquele Jacob, sussurrar sobre ela várias vezes com aquele gordo chato. Deve ser Alice. É sua mulher?

– É.

– Onde ela está?

A força das minhas pernas quase me deixou. Minha garganta secou e eu procurei como contar.

– Não precisa – Chiara se adiantou.

– Posso falar, não tem problema.

Ela deu as costas e foi até a varanda, onde mantinha a caixa de areia, deixando-me sozinho com meu silêncio.

*

Podemos dizer que há dois saltos qualitativos na existência humana: o nascer e o morrer. De um para outro, é um continuum. Portanto, a existência humana é um problema de filosofia matemática. Mas, ao mesmo tempo, é impressionante a fragilidade desse continuum à sua época. A cada cem anos, a sociedade é engolida por uma descarga de sanitário, renovando-se outra vez. Alguns chegam a cento e cinco, talvez cento e dez anos de idade. A minoria entra no livro dos recordes tendo mais que isso, porém a regra é o sanitário centenário entrar em cena. Em suma, vagamos como criaturas momentâneas entre o acúmulo do passado e o vazio que deixa de existir a cada escolha no presente. E os traumas nesses acúmulos históricos podem trazer sintomas que nos maltratam no hoje. É triste saber que feridas do passado insistem em retornar.

Pessoas são como animais de rua. Se são maltratados o suficiente, acham que a próxima mão estendida é motivo para fugir.

*

Aos poucos, fomos nos aproximando. Ela falava sobre as amigas que haviam mudado de cidade e que perdera o contato, o jogo de queimada no qual nunca vencia, os sabores diferentes de sorvete que tanto queria misturar, ou sobre como al-

guém poderia levar a sério Nietzsche. Segundo Jacob, Chiara se isolou completamente após a perda do pai. Criada de casa em casa entre tios e parentes próximos, a rejeição foi inevitável.

Eu não tinha ideia do motivo de ela me tratar de modo especial. Não havia nada em mim de tão diferente do lobista ou de Jacob. Precisei lhe perguntar.

– Porque você não finge ser simpático, nem imagina que é – respondeu ela. Eu não sabia se agradecia ou ficava triste com a realidade. – Isso faz de você alguém de carne e osso. Político só sabe mentir, mas você não sabe de nada, então...

– Interessante.

– Até parece.

– É verdade.

– Se pudessem me ouvir falando essas coisas, diriam que preciso ser internada.

Havia ali o somatório de todos os comentários contra sua identidade.

– De perto, ninguém é normal – eu disse.

– Mas eu pertenço à classe de doidas sem solução. E você também pensaria isso.

– Jamais.

– Claro que pensaria. Sou aquele tipo de doida da qual se aproveitam para logo me abandonarem.

Eu ia retrucar, mas com o quê?

– Antes de você, nenhum político nunca se importou.

– Mas se outro viesse em meu lugar?

– Nenhum seria tão sensível.

– Por que não?

– Você entende que é fundamental sonhar com uma nova realidade, mas também não quer se comprometer com proje-

tos políticos metafísicos. Somos parecidos. Eu destruo meus projetos, você sonha baixo os seus. E ainda rouba meu coração ao terminar seus discursos e sorrir.

Achei lindas aquelas palavras.

– Mas nenhuma visão minha de sociedade se compara à beleza que você produz.

– Então – disse ela sorrindo – você não sabe de nada mesmo.

Terminando mais um labirinto, ela esperou meus comentários.

*

Enfim, Jacob e eu encontramos um bar aberto naquela madrugada. À beira-mar, chamava-se "Pantera Blues". Ficava no terceiro pavimento de um prédio de cinco andares, e não era muito grande. Sentamos no balcão de frente às luzes noturnas da cidade, mas o mar ficou bloqueado por uma imensa aroeira.

– A gente pode procurar outro – disse Jacob.

– Só por causa da vista? Gostei daqui.

Pedimos um vinho e nosso petisco preferido desde a época da escola: dadinhos de tapioca com geleia de pimenta. Dos alto falantes, o som instrumental de jazz. Os clientes do bar eram jovens casais, em sua maioria. E o melhor de tudo, ninguém estava interessado em mim. Minha cara estampada nos jornais poderia atrair apoiadores e opositores, mas Jacob sabia escolher. Não era à toa nossa amizade sobreviver ao ensino médio, universidade e hoje ele ser meu assessor.

– E então? Ficou enjoado por causa da Bárbara?

– Que nada – respondi. – Jornalista é tudo igual. Pega no pé por qualquer coisa.

– Você improvisou bem, igual no terceiro ano.

– Meu Deus! Ainda se lembra disso?

Demos um brinde.

– "A cidade precisa..." – comecei.

– "... de um projeto de iluminação!" – Jacob completou.

Rimos juntos ao som de um piano choroso.

– E como está indo o investimento em Shiba Inu? – perguntei.

– Nem me fale dessa criptomoeda.

Eu ri.

– Mas eu já tinha avisado...

– ...que investir é uma coisa, especular é outra. Já sei, já sei. Mas você é do longo prazo, eu não. Isso em tudo na vida.

– Como assim?

– Temos a mesma idade, mas eu já vou para a oitava namorada, sem perspectivas. Você é professor e agora quer ser político, sempre buscando mudanças que exigem tempo.

– Mas eu só me casei uma vez, e olha no que deu.

Enchi minha taça e ele acendeu o cigarro. Citar meu casamento fez Jacob mudar a expressão.

– E com Chiara? – perguntou.

– Nada mal, mas ela ainda se recusa a usar as Luvas-V. Tudo que cria, destrói.

– Ela falou sobre Alice de novo?

Fiz que não com a cabeça. Jacob ficou sério.

– Podemos conversar, se quiser – disse ele.

– Já esgotei tudo o que teria para falar.

Um casal na mesa ao lado pediu a conta, e logo uma gar-

çonete se aproximou com a maquineta de cartão.

– Pois eu tenho algo a dizer – disse Jacob. – Quero pedir desculpas.

– Pelo quê?

– Por te envolver num lobby.

– Decidi por vontade própria.

– Mas joguei sujo ao colocar Chiara em perfeita combinação com você. Ela precisava de uma figura paterna e Alice estava grávida de uma menina. Não se trata de política, apenas.

Esfreguei minhas mãos. Estavam geladas. Tomei mais um gole de vinho. Ao fechar os olhos, revivi o carro capotando ribanceira abaixo. As pedras, areia e poeira entrando pelos vidros abertos.

– Não há o que desculpar – eu disse.

– Certeza?

– Certeza.

Eu levantei a taça e demos um brinde.

– Mas você não parece bem – disse Jacob.

– No fundo, algo me incomoda.

– Fale.

– Nosso sistema político criou na sociedade a noção de *cura pela palavra* da criança sobre o que é necessário planejar. Mas tudo isso para continuarmos fazendo jogos escusos com lobistas e grupos de pressão?

Jacob deu uma profunda tragada. A ponta do cigarro acendeu num espasmo, como um vagalume solitário. Ele inclinou a cabeça para trás e soprou a fumaça. E disse:

– Melhorar a democracia não significa esperar a perfeição dos seres humanos. Sempre existirá corrupção. Mas precisamos deixá-la mínima. É utópico achar que teremos um siste-

ma perfeito. A *cura pela palavra* foi a melhor coisa dos últimos anos. E seja sincero: que tipo de corrupção é essa que o máximo é direcionar da melhor maneira o futuro da sociedade para receber como recompensa apenas um nome egoísta?

– Chiara disse que eu não me importo com projetos políticos metafísicos.

– Então, ela já compreendeu o que é uma democracia saudável antes de todos nós.

*

A política é a arte do possível, dizem. O debate de ideias é, ao contrário do que pensa a maioria, imune à razão. Na verdade, a escolha de um homem sobre seu adversário debatedor é o produto e o conjunto de seus juízos fundamentais. Diga-me o que um homem faz questão de abandonar e lhe direi suas doutrinas de vida. Revele-me seu adversário intelectual e lhe falarei qual maquiagem social ele aplica em si mesmo.

Filhotes de suricatos não abandonam o lar dos pais mesmo quando adultos, pois herdarão o território. E mães de esquilos-vermelhos presenteiam seus filhotes com tocas repletas de comida. Aquela menina não tinha ninguém a quem recorrer, ninguém do qual herdaria qualquer coisa, ninguém capaz de lhe dar afeto. A não ser eu, que teria de dispensá-la tão logo passasse a eleição.

Há uma história antiga, sobre um macaco que deseja atravessar um rio nas costas de um crocodilo. Este exige, para realizar a travessia, que o macaco lhe dê o próprio coração ao chegar do outro lado, pois morrerá se não comer. O macaco confirma o acordo, atravessa o rio e chega ao outro lado, mas

ao invés de dar seu coração, pega uma fruta e a joga para o crocodilo, que agradece. O macaco conseguiu o que queria. O crocodilo matou sua fome, mesmo enganado.

Alguém realmente perdeu com a quebra do acordo?

*

– Isso é o quê? – perguntou Chiara.

– Um jogo antigo.

Depois de tantas entrevistas em rádios, emissoras e podcasts, consegui descansar um pouco naquela tarde. E, pensando bem, era a primeira vez que jogava videogame na frente de Chiara.

– Estou matando a saudade – eu disse.

– Posso jogar?

– Venha. – Eu lhe dei o controle. – Tem uma lista grande de jogos para você testar.

Na tela, *Super Bomberman 3*, de 1995. Chiara adorou. Depois, ela quis mais. Navegamos pela lista, jogando cada um: *Cadillacs e Dinossauros*, de 1993; *The King of Fighters*, de 1996, 1997 e 1998; *Aero Fighters*, de 1992; *Samurai Shodown 2*, de 1994; *Metal Slug 3*, de 2000; e o que ela achou insanamente difícil, *Sunset Riders*, de 1991.

– Nunca vi jogos assim – disse ela, quando se cansou. – Os mais novos são quase sempre em 3D.

– Quando eu tinha a sua idade, queria ter um console. Mas meus pais não tinham condições. Então, até hoje jogo esses antigos com ajuda do emulador. Acabei me acostumando. Eu me sentia alegre só de jogá-los.

– E não se sente mais?

– Não me comovo tanto quanto antes.

– Por quê?

– Quando se é jovem, tudo é novidade. E tinha minha namorada que disputava comigo nos jogos de luta. Agora, as prioridades são outras. Entende?

– Entendo.

Coloquei para jogar *Chrono Trigger*, de 1995. Mas Chiara não estava mais interessada.

– A namorada era a Alice, a futura esposa?

– Era.

– O que aconteceu?

– Naquele dia, eu quis conversar, mas você virou as costas. Por que se interessa agora?

– Porque agora você está pronto.

Foi como uma corrente elétrica passando pelo meu corpo, fazendo meu coração quase retumbar para fora do peito.

– Eu estava cansado – comecei. – Não conseguia prestar atenção na estrada. Alice veio comigo para uma palestra na universidade, queria me ver, mesmo estando cinco meses grávida e a viagem interestadual durar oito horas. Meu cansaço e o acidente aconteceram na volta. Eu disse para ela dirigir, já que precisava praticar a direção sendo recém aprovada como motorista. Ela tinha medo. Eu insisti, não havia condições de voltarmos comigo exausto. E eu não queria descansar mais um dia, apenas desejava voltar logo para casa. Acabou que um caminhão veio na contramão e capotamos. Alice morreu na hora, junto com a nossa bebê. Sobrevivi por um milagre.

Chiara encolheu os ombros, e nada disse. Depois, me encarou.

– Qual seria o nome da sua filha?

– Clara.

Ela fechou os olhos e respirou fundo. Parecia sentir todas as minhas dores naquelas microexpressões no rosto.

– Também estou pronta – disse ela, abrindo os olhos marejados.

– Para quê?

– Vou usar as Luvas-V para colher os dados. Estou pronta para ser descartada de novo.

Eu juntei minhas mãos às dela.

– Olhe aqui, eu jamais vou te abandonar. Está me ouvindo?

– Não devia jurar por coisas que não vai cumprir.

Chiara começou a chorar. Meu coração falhou uma batida. O instinto de proteção me fez envolvê-la num abraço apertado.

– Não precisa fazer nada – eu disse. – Depois de amanhã vou apresentar um projeto alternativo junto com Jacob.

Ela se afastou do abraço e enxugou as lágrimas.

– Não. Estou pronta. Não vai doer como das outras vezes. Você foi diferente. É um homem bom.

Ela se afastou, colocou as Luvas-V que estavam ao lado da caixa de areia e começou o projeto. Ao seu lado, percebi que aquele era o somatório de todos os outros projetos destruídos semanas antes. Como um labirinto encaixado por partes, a areia dançava por entre os dedos de Chiara feito fios de algodão. E o resultado estava repleto do mais profundo do ser humano – um mistério admirável que carregamos, e de tão fácil perdição, mas que era perfume, transitório e arco-íris.

*

Com noventa e seis por cento das urnas apuradas, o resto da equipe abriu uma champagne e me ovacionou com palmas. Na TV, os apresentadores exibiam os percentuais com os vencedores de cada estado. O empurra-empurra num escritório tão pequeno foi regado a gritos de vitória. Deram-me um abraço coletivo e estenderam as taças em brinde.

– Parabéns, governador – disse Jacob, num aperto de mão.

– E Alberto Ramos?

O telefone da mesa tocou.

– Falando no diabo, deve ser ele – disse Jacob.

Pedi silêncio.

– Alô?

– Parabéns, governador. Eu poderia apenas lhe parabenizar, mas estaria sendo injusto comigo mesmo. Sua *cura pela palavra* foi extraordinária. Nem minha equipe com os melhores profissionais foi capaz de pensar naquilo. Por isso, estou disposto a colocar meu ego de lado e lhe fazer um pedido.

– Qual?

– Gostaria de trabalhar em seu gabinete e ganhar experiência através de sua expertise.

"Ganhar experiência". Mais um floreio vazio que queria dizer "vou colher tudo o que você faz, usar o conhecimento para impedir sua reeleição e eu, por coincidência, ganhar desta vez".

– Fico lisonjeado – eu disse. – Vou falar com meu assessor e marcamos uma reunião.

Antes de Alberto Ramos responder, desliguei.

Jacob me encarou.

– Vamos comemorar? – perguntou ele.

– Não. Preciso antes fazer uma coisa.

– Pode pedir.

– Onde ela está?

*

Um mês depois, tive de pegar um táxi.

– Não acredito! – disse o taxista, o mesmo do outro dia. – Fique à vontade!

As ruas congestionadas eram um sintoma do jogo de futebol. Muitos torcedores iam a pé para o estádio. Se bobear, ir de carro seria mais demorado. As torcidas divididas nas cores azul e vermelho indicavam a rivalidade histórica dentro e fora de campo.

– O senhor torce pra algum time? – perguntou o motorista.

– Só quando a seleção joga, e olhe lá.

– Parece meu filho. Ele também não acompanha. Mas eu até acho bom, porque a violência está demais. Não se pode ter paz nem para assistir a um jogo, ir com a família curtir um momento. Não, está impossível, parecem inimigos só por causa de gente que chuta uma bola. Só hoje, levei uns seis pro estádio, tudo gente boa quando estão sozinhos conversando, mas não duvido que acabem se juntando à maioria e, na pressão, partam para a violência também. Deus me livre estar julgando, é pecado de minha parte, mas a realidade é essa, e, pelo menos nisso, eu e meu filho concordamos. Desculpe, estou falando demais.

– Gosto de ouvir.

– Falar do filho da gente dá nisso. O senhor tem filhos?

– Tenho uma filha.

– Se me permite a pergunta, como faz pra conciliar?

– Conciliar?

– Separação entre a vida política e a vida pessoal.

– Acredita que nunca parei para refletir?

O taxista estalou um dos dedos no ar, como quem chama a atenção.

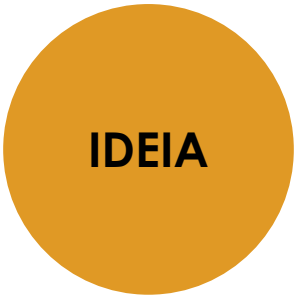
– Então é bom o senhor refletir. Digo isso por experiência própria. Quando percebi que eu e meu filho éramos desconhecidos um pro outro, precisei repensar minhas prioridades. Isso já faz uns anos. De lá pra cá, ele tem me ensinado muita coisa. E admito que votei no senhor quando meu filho me explicou com detalhes a sua *cura pela palavra*. O amor é isso, é nossa capacidade de concordar e discordar, de convencer e se deixar ser convencido, mas permanecer juntos. Sempre haverá alguém para impedir, colocando amarras em nossas cabeças. Mas é preciso estar junto, custe o que custar, e resistir. O importante é vencer uma batalha de cada vez.

*

Cada um de nós tem uma imagem geral do que seja um bom filho. Ou estudioso, ou muito educado, ou alguém sem maldade. Também tenho minha imagem. É aquela em que, sem razão aparente, minha filha rouba meu coração ao terminar a leitura de um livro e sorrir.

Resistir. Uma batalha de cada vez.

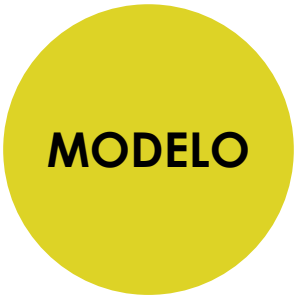
## Ensaio criativo de CURA PELA PALAVRA




Meu desejo sempre foi escrever uma ficção científica. Apesar de ter ideias para narrativas longas – novelas e romances –, escrever um conto me deu a oportunidade de ser breve e passar a mensagem. Que mensagem é essa? Mais do que tecnológica, humana.

Precisei entender as demandas emocionais dos personagens. A partir delas, elaborei suas dores, carências emocionais, conexões perdidas em seus cemitérios de relações frustradas. Não consigo traçar todo o perfil do personagem ao início, apesar de planejar bastante. Escrevo o parágrafo, reflito se cabe mais conflitos internos, pessoais e extrapessoais, e volto a expandir a história.

Sobre a temática, a escola foi citada indiretamente, e o elemento sobrenatural está envolto em Chiara com sua capacidade que não sabemos bem de onde vem, apesar de existir as Luvas-V que fazem parte do gênero da ficção científica: uma tecnologia que não existe na época em que o conto é escrito, e que ao mesmo tempo é um foco de conflitos.




Estruturei um Documento Narrativo pessoal, no qual foquei na linearidade. Temos um conto em estrutura clássica: protagonista único, objetivos definidos e externos, conflitos internos para impulsionar a conexão emocional e finais fechados (entregando a resposta para a pergunta dramática). Apesar disso, o final do conto abre espaço para uma continuação, o que não é a mesma coisa que final aberto. Um final aberto não responde à pergunta dramática ("o personagem consegue o objetivo ou não?"), e apenas deixa-a no ar.

No caso de *Cura pela palavra*, há um final claro, mesmo que não seja esse o fim de toda a história. Há uma divisão dos níveis de conflito: internos/psicológicos (ausência da figura paterna, e morte), pessoais (com os confrontos entre os personagens) e extrapessoais/sociais, com uma sociedade que possui um novo parâmetro para decidir eleições com base em crianças e dados coletados.



Existe uma dinâmica emocional entre o protagonista e a garota (Chiara), que serve como Personagem de Impacto. É através da troca mútua de repertório emocional que o leitor acompanha as vivências sofridas de cada um. Se o foco fosse apenas em relação à ação/aventura, o enfoque emocional estaria muito reduzido ou até mesmo nulo. É através das ações dos personagens que avançamos rumo ao objetivo definido, porém é no modo como reagem às ações e palavras um do outro que enseja o emocional.

Para contrastar, fiz o motorista ser alguém que fala bastante, encadeando um pensamento no outro quase de modo aleatório, mas que sempre foca no filho. A temática do conto gira em torno da relação paterna, então ter personagens secundários que a ensejem, em maior ou menor medida, cria uma atmosfera mais harmoniosa. E há claro contraste entre os diálogos diretos e emotivos do protagonista com Chiara, e o modo que o motorista se expressa. Contraste é a palavra-chave.




Organizei o começo, meio e fim da estrutura narrativa com base no conhecimento do personagem protagonista: *antes* de ele conhecer a garota, *durante* o conhecer e *após* o conhecer. Sendo o modelo linear, planejei quais seriam as cenas/ações/

reações do protagonista em relação aos conflitos. No *antes*, temos as cenas: com o motorista e sobre Luvas-V, com o lobista, Jacob e a política; no *durante*, temos as cenas: com o protagonista conhecendo a menina, e as interações dela com ele em sua casa, e interação com Jacob; no *depois*, as cenas: com a vitória contra Alberto Ramos, com o taxista e a reflexão final.




Verbos no passado, focalização em primeira pessoa, com cenas intercaladas entre ação/reação dos personagens com reflexões do protagonista que é o narrador da história. Para fluir a narrativa, optei preferencialmente pelo convencional diálogo em discurso direto e com travessão.

## 2.2 Aplausos

Mazikeen

Em algum ponto da nossa história, descobrimos que o simples ato de bater as mãos repetidamente poderia expressar algo quase ritualístico. Esse som rítmico e compassado ganhou o peso de um símbolo: tornou-se reverência, apreciação, felicitação e celebração.

– Boa sorte com as peças de amanhã. Deem o seu melhor, o teatro vai estar lotado – disse a professora de artes do terceiro ano do ensino médio, fechando um livro pesado. Mal terminou de falar, o som estridente do sinal reverberou pelos corredores, marcando o fim do último horário da manhã.

Uma mistura de alívio e tensão pairou pela sala; o almoço estava liberado, mas a turma teria que ficar à tarde para os ensaios finais.

– Merda pra todo mundo! – gritou do corredor um dos monitores da matéria ao passar pela sala, arrancando risadas dos estudantes que ainda organizavam o material para sair.

Enquanto os alunos se dispersavam pelo corredor, um pequeno grupo permaneceu na sala, esperando que o último terminasse de organizar os livros. Eles eram os que haviam escolhido encarar a peça mais desafiadora, e o peso da responsabilidade parecia esmagá-los. Aquilo era mais do que uma simples apresentação; era a chance de deixar uma marca.

– Vamos ensaiar apenas a cena final hoje; é a única que

precisa de ajustes. Tem que ficar perfeita – declarou Lucas, o líder do grupo, com uma voz que buscava soar confiante, mas que denunciava sua ansiedade. Para ele, aquela apresentação era tudo. O novo teatro da escola, com seu palco majestoso, o maior auditório do país, era um santuário para qualquer aspirante a artista. E, para Lucas, aquela era sua estreia como dramaturgista e diretor. Não permitiria nada menos que a perfeição.

A escola Montes Claros realizava um evento anual no qual os alunos do terceiro ano apresentavam seis peças diferentes. Era uma tradição tão grandiosa que parava a cidade por uma noite inteira de celebração cultural.

– Você reservou as salas de ensaio ou o teatro mesmo? – perguntou Lara, uma jovem de cabelos ruivos e protagonista da peça. Ela era, de forma evidente, a mais ansiosa do grupo; sua perna tremia sem parar, e ela não parava de roer as unhas.

– O teatro. Essa cena só dá pra ensaiar lá, por causa do palco. E as salas já estavam todas reservadas – respondeu Lucas, enquanto o grupo caminhava em direção ao refeitório. Apesar da reputação impecável da escola, a comida continuava sendo uma pasta cinza de gosto duvidoso.

– Vocês acham mesmo que vai dar certo? Tipo... sem nenhum erro? – perguntou Pedro, tentando engolir o almoço sem vomitar. Mesmo que o garoto não fosse nada exigente, a comida parecia desafiar seus limites.

– Já deu certo – esnobou Leonardo. – Mesmo que não fique perfeito, vamos nos destacar. Já viram as peças dos outros grupos? Alguns nem decoraram as falas ainda, vão lamber o nosso chão. – Apesar do tom de superioridade, todos sabiam que ele estava certo. Eles eram, de fato, os melhores.

– Tenho certeza de que vamos ficar com todos os prêmios da noite – disse Lucas.

Pouco mais tarde, o grupo se reuniu em frente à imponente porta de madeira do teatro. Maria e Marco, os gêmeos, chegaram por último, ofegantes.

– Finalmente! – exclamou Lucas. – Se vocês atrasarem assim amanhã, juro que corto a cabeça de cada um e costuro no corpo do outro – Ele começava a mostrar suas garras à medida que a hora passava e ele ficava cada vez mais nervoso com tudo.

– Desculpa... – disseram os gêmeos em uníssono.

A porta, no entanto, estava trancada. Em horário normal, algum monitor deveria estar lá para recebê-los. Lucas sacudiu a maçaneta com força, mas nada aconteceu. Leonardo, já impaciente, esmurrou a madeira.

– Que merda! – resmungou Lucas, sentando no chão, derrotado. – Que horas ele vem? Já se passaram mais de trinta minutos!

Eles tentaram ligar para o monitor, que não atendia, e até para o porteiro, que confirmou que ele já havia saído com a chave. O grupo esperou, inquieto, por mais uma longa hora, sem saber o que fazer. Precisavam daquele ensaio no palco; sem ele, a cena final não funcionaria.

No pulso de Lara, o relógio de ponteiros parecia imóvel, como se o tempo se recusasse a passar. Correram a escola inteira, e ninguém sabia o paradeiro do maldito monitor. Já haviam desistido, pensaram até em cortar aquela cena, mas não dava. Não que fosse impossível fazer sem a marcação, mas sem ela não sabiam se o truque que precisavam fazer iria funcionar.

Depois de vasculharem a escola em busca do responsável pelas chaves e verificarem o teatro uma última vez, o grupo caminhava para a saída, derrotado. Mas, então, ao cruzar o *campus*, notaram algo que até então parecia esquecido: o antigo teatro da escola.

A construção abandonada permanecia quase intacta, como um monumento esquecido no tempo. Anos atrás, aquele teatro funcionava normalmente, mas os apagões eram frequentes, sempre ocorrendo nos momentos mais inoportunos. Durante uma dessas falhas de energia, em meio a uma peça lotada, uma das atrizes acabou caindo do palco em um acidente fatal. O incidente chocou a escola, e uma investigação foi aberta. Descobriram falhas estruturais graves, paredes frágeis como gesso e um emaranhado de fios expostos e confusos, que tornavam o sistema elétrico uma armadilha. As denúncias contra as empreiteiras revelaram que o teatro era, na verdade, uma bomba-relógio, sem sequer um sistema de incêndio.

Em vez de tentar consertar a estrutura comprometida, a escola optou por construir um novo teatro, moderno, seguro e eficiente. A nova construção rapidamente se tornou o orgulho do *campus*, não só como um espaço de excelência artística, mas também como uma forma de limpar a reputação da escola após o escândalo.

– Ainda temos algum tempo antes do anoitecer, porque não ensaiamos no antigo teatro? – sugeriu Leonardo.

– Tá maluco? – a ruiva retrucou.

– Lá dentro não é escuro? Assustador, sujo, úmido, perturbador, apavorante... – Camila continuou a listar tudo o que parecia ser um bom motivo para não entrar naquele lugar.

– Eu concordo com a Camila – disse Pedro.

– Temos que ir, é nossa única chance de finalizar isso. Ainda dá tempo de passar umas duas vezes e aproveitar a luz do sol na claraboia, antes que tudo fique um breu. – Dessa vez foi Lucas quem disse. Ele não era um líder muito democrático e, assim que ouviu a ideia e a oportunidade de salvar aquele ensaio, não hesitou em ir depressa para o velho palco. Os outros não viram outra opção senão segui-lo.

Eles chegaram à porta do antigo teatro, que era quase tão imponente quanto a do novo teatro moderno, quase. Camila e Pedro tremiam visivelmente, sem tentar esconder o nervosismo. Lara não era diferente; seu tremor era constante desde que o sinal da saída havia tocado, embora ninguém pudesse dizer se era medo ou outra emoção subjacente. Enquanto isso, Marco e Maria permaneciam alheios a toda a situação, imersos em suas próprias conversas. Lucas, por outro lado, agradecia silenciosamente por ter dois personagens menos exigentes na peça, aliviado por não ter que lidar com esses dois em papéis mais complexos.

Leonardo estava ao lado de Lucas quando este encostou na porta e começou a empurrá-la com força. Um quilo de poeira caiu sobre ele, mas Lucas persistiu, determinado a abrir a entrada. Sentindo a resistência, Leonardo teve que ajudar, seus movimentos sincronizados para forçar a porta a ceder. A madeira antiga rangeu e protestou contra a invasão, mas, finalmente, a porta cedeu, revelando um corredor escuro e silencioso além dela.

Ao entrarem, uma onda de ar frio os envolveu, trazendo consigo o cheiro de mofo e decadência. O grupo avançou cautelosamente pelo corredor, cada passo ecoando na madeira.

As cortinas pesadas e empoeiradas pendiam dos candelabros, e o som distante de sussurros parecia vir de todas as direções.

– Vocês ouviram isso? – sussurrou Camila, sua voz trêmula quebrando o silêncio.

Lucas tentou manter a calma, mas até ele não podia esconder a inquietação em seus olhos.

– É apenas o vento... Deve ser o vento.

– Se a gente morrer por causa de uma peça, eu juro que vou... – Pedro foi interrompido pela visão à sua frente.

Finalmente, chegaram ao palco principal. As cadeiras estavam alinhadas perfeitamente, embora cobertas por uma boa camada de poeira. O palco, iluminado por uma luz fria e distante, parecia esperar por algo. Era como se o passado e o presente se fundissem naquele espaço, como se todo aquele lugar, apesar de velho e destruído, parecesse intocado, como se tivesse sido feito para estar assim.

– Vamos começar o ensaio final aqui – anunciou Lucas, tentando manter a voz firme.

– Cara, esse lugar não tá maneiro – disse Maria.

– Nem um pouco, cara – Marco completou.

Apesar dos protestos, Lucas ajudou todos a subirem no palco e a irem para as marcações corretas.

– Tá todo mundo nas posições?

– Sim! – responderam todos ao mesmo tempo.

A cena começava com Pedro já no centro, no meio da dupla dinâmica. O diálogo se desenrolava até que Lucas entrasse fazendo sua única aparição. Ele era o diretor, mas já não tinha mais atores para fazer aquele papel de mensageiro e acabou entrando. Em seguida, chegava Leonardo, o vilão da história, junto com Camila, filha do vilão e par romântico de Lara. A

cena continuava com um truque de luz e movimentação, revelando que o personagem de Pedro era a mesma pessoa que o personagem de Lara.

A cada momento, a cada fala, eles esqueciam todo o medo que sentiam daquele lugar sombrio. Lara, que tremia como vara bamba o dia inteiro, parecia tão confiante que tudo o que você via ali era sua personagem, seu papel. Os outros não eram diferentes; até a dupla caricata parecia entregue ao papel, talvez porque fosse idêntico a eles na vida real, mas isso não importava agora. Camila e Leonardo estavam tão bem em cena que, em algum momento, começaram a se parecer fisicamente, mesmo sem o figurino. Pedro, que saía da cena logo no início, havia voltado como o servo do vilão para a cena final; até Lucas estava bem em cena. As falas eram longas, assim como a própria cena; era o desfecho de toda a peça. Eles estavam com pouco tempo este ano, então a professora ofereceu antigos textos de peças de turmas anteriores. Lucas havia feito algumas alterações no texto original e tinha certeza de que havia feito a melhor escolha possível. A peça era ótima.

Era a última fala de Lara, e o sorriso estampava o rosto de cada um ali, até mesmo do vilão, que já havia tido sua redenção até aquele ponto. O casal principal fazia sua declaração antes de encerrarem com um beijo.

Palmas lentas.

Rápidas.

Aplausos.

Todo o grupo estava tão imerso dentro da própria história, que demorou alguns segundos para que a respiração deles regulasse e o sorriso deixasse seu lugar para expressões confusas. No entanto, o som cessou rápido, eles perguntaram

entre si e aparentemente todos haviam escutado aquele som, algo tão rápido que acharam que talvez o mofo os tivesse feito delirar.

– Vamos mais uma vez? Até o sol se pôr né.

– Até o sol se pôr.

E assim eles fizeram, mas dessa vez foi diferente. As falas estavam um pouco diferentes, as marcações também. Algo tinha mudado sutilmente, mas não parecia um erro; era como se o elenco inteiro tivesse lido e decorado uma peça extremamente parecida, mas diferente da do primeiro ensaio. Tudo correu bem, até que o mesmo som invadiu os ouvidos dos atores.

Algo estava completamente errado. E, por mais que lá no fundo eles sentissem que deveriam ir embora, algo os fazia ficar. Mesmo que tudo estivesse perfeito, havia algo dentro deles que os impulsionava a refazer tudo de novo. Era como se fosse automático, como se a única opção fosse ficar e tentar mais uma vez.

A luz do sol ainda entrava, embora em pouca quantidade pela claraboia, lançando raios de iluminação que caíam perfeitamente sobre o palco. O que não fazia sentido, a essa altura, era que o tempo deles já deveria ter terminado, mas aparentemente nenhum deles havia percebido.

Ensaio após ensaio, repetição após repetição. E dessa vez, a cena estava diferente, quase que completamente.

– Ir embora com ela?

– Pera, com ela? Não, o personagem do Pedro é masculino, por que diabos... – Lucas parou abruptamente, sua mente tentando processar o que estava acontecendo. – A cena não é assim, o que a gente tá fazendo?

A confusão tomou conta de todos. A cena estava errada, mas como? O texto estava correto, as marcações também, mas algo estava fora de lugar. As falas, os olhares, a energia no palco... tudo parecia como um *déjà vu*, mas de uma versão distorcida daquilo que ensaiaram. Eles haviam seguido o roteiro à risca, mas agora o cenário parecia ter se transformado, se distorcido.

Lucas olhou para os outros, tentando encontrar alguma explicação. Mas o que mais o perturbava era o fato de todos estarem tão imersos na cena, tão focados no momento, que ninguém parecia perceber o quão fora de lugar aquilo estava.

Vaias.

O ambiente parecia pulsar, como se o próprio teatro tivesse se despertado para a realidade que eles agora enfrentavam. O som estridente aumentava a cada segundo, cortante e desconcertante, uma espécie de alarme que parecia ressoar de dentro deles mesmos. Com os ouvidos tapados, os olhos se voltaram para o que deveria ser uma simples decoração do palco, mas agora era impossível ignorar. Os cartazes, antes meros adereços, agora tomavam uma proporção completamente diferente. Ao ver a peça exibida neles, finalmente ligaram os pontos.

– Esse é o roteiro da peça original! – gritou Camila.

– Escolhemos fazer a mesma peça que fechou esse lugar, a última peça que esse palco viu – Pedro concluiu.

Após a fala do garoto, as palavras estampadas nos cartazes com o nome da peça agora estavam distorcidas. E, de repente, o nome da peça foi substituído:

"O espetáculo nunca vai terminar."

– Isso não é real – Leonardo murmurou, o pânico infiltrado em sua voz.

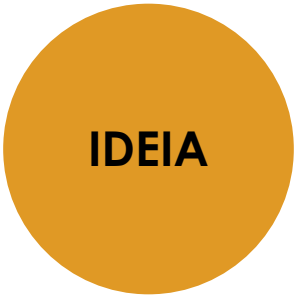
Era uma sensação de desorientação, como se a realidade estivesse

escorregando para algo irreversível. E no fundo, todos sabiam: uma vez que o palco os tivesse consumido completamente, talvez não houvesse mais volta. O desespero correu pelas veias de cada integrante do grupo, eles queriam correr, gritar, fugir.

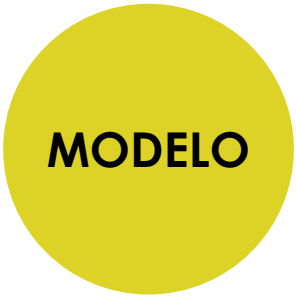
Mas, no mesmo instante, o  sol se pôs, e o lugar ficou tomado pela escuridão, exceto pelas luzes acima do palco, que acenderam. E o ensaio recomeçou. Não da cena final, mas do começo, do começo do roteiro original, com os personagens originais. Eles não conseguiam, por mais que tentassem. Tudo o que conseguiam fazer era recitar suas falas mais uma vez. E ao final de cada ensaio, a única certeza que tinham era que sentiriam o frio na barriga, o suor frio e a angústia apertando o peito assim que começassem os longos e estridentes...

Aplausos**.**

## Ensaio criativo de APLAUSOS




O conto apresenta uma narrativa de ficção com elementos de suspense psicológico e terror sobrenatural. Apesar de utilizar o cenário de um grupo de estudantes ensaiando para uma peça teatral, a história deixa o contexto escolar para explorar temas mais profundos, como obsessão, ciclos inescapáveis e a fusão entre arte e realidade. A mensagem central parece questionar até onde o desejo de perfeição e a dedicação à arte podem levar, bem como a maneira como o passado pode assombrar e consumir o presente.




O conto segue uma estrutura linear clássica – Começo: introdução do grupo de estudantes, o contexto do ensaio e a decisão de usar o teatro abandonado; Meio: o ensaio no antigo teatro, a crescente estranheza das cenas e a descoberta do vínculo com a peça original; Fim: a revelação do destino dos personagens,

presos em um ciclo eterno de ensaios, consumidos pelo teatro e pelo roteiro da peça. O final é fechado em relação à pergunta dramática principal (“Eles conseguem ensaiar a cena final?”).




Lucas, o protagonista, é um jovem ambicioso e perfeccionista que vê na peça sua grande chance de se destacar como dramaturgo e diretor. Determinado a alcançar a perfeição, ele lidera o grupo com firmeza, mas sua obsessão o faz ignorar os medos e as hesitações dos colegas, como Lara, a atriz protagonista ansiosa, e Camila, supersticiosa e receosa do antigo teatro.

Apesar das tensões e personalidades conflitantes no grupo, Lucas acredita que o talento e o esforço podem superar qualquer obstáculo. No entanto, ao entrarem no velho teatro para ensaiar, ele se depara com forças inexplicáveis que colocam à prova não apenas seu controle sobre a peça, mas sua própria sanidade.



A estrutura de *Aplausos* foi organizada de forma linear, centrada na experiência de Lucas, o protagonista. No começo, temos as cenas que introduzem seu objetivo de alcançar a perfeição na apresentação da peça e sua ansiedade crescente para que tudo saia impecável. No meio, o conflito surge quando o grupo decide ensaiar no antigo teatro, onde começam a vivenciar o estranho fenômeno sobrenatural, simbolizado pelos aplausos misteriosos e pela repetição da peça, que desafia sua percepção da realidade. No fim, a pressão aumenta à medida que o grupo percebe que está preso em um ciclo sem fim, refletindo sobre a busca incessante por sucesso e o preço da ambição, enquanto o aplauso final ecoa como um lembrete de que o espetáculo jamais termina.




O conto é narrado em terceira pessoa, com foco onisciente, o que permite explorar tanto as ações quanto as emoções dos personagens. A escrita utiliza uma linguagem clara, mas com detalhes descritivos. A escolha pelo discurso direto nos diálogos torna a interação entre os personagens mais dinâmica, enquanto a alternância entre descrição e ação mantém o ritmo.

## 2.3 Pequenas Mortes Todos os Dias

*Lucas Gabriel*

**Ela**

O sangue que escorre por entre minhas entranhas revela ao resto do mundo o que eu já sei há tempos: não há vida dentro de mim.

Confesso que achei que, depois da Queda, algo fosse mudar. Mas meu corpo permanece o mesmo: insignificante, incompleto, infértil. Inútil.

Saio do chuveiro como se deixasse uma cena de abate. A aquarela sanguínea e endometrial que jorrou do meu ventre dança uma valsa com a água em direção ao ralo, rumo ao esquecimento.

Visto uma roupa qualquer. O quarto de motel fede a suor, resquícios odorosos dos desejos consumados da carne.

Encaro a muriçoca que chupa o sangue da minha perna com atenção. Ataco-a com um tapa tão forte que até eu exprimo um pequeno gemido de dor. Deixo minha mão repousada no mesmo local, ainda exercendo contra o inseto algum tipo de força – eu odeio esses monstrinhos. Retiro minha mão. O bichinho infernal sai voando, incólume.

Eu realmente odeio a Queda.

**Ele**

Eu achei que estivesse maluco.

O homem saiu caminhando como se nada tivesse acontecido. Como se eu não tivesse acabado de dar um tiro no seu peito. Como se eu não tivesse acabado de matá-lo.

Tudo o que ele fez foi cair pra trás, tomado pelo impacto da bala. Seu sangue se espalhou pela sala, pintando o cenário de vermelho com suas tripas. E eu estava certo de que ele ficaria ali, naquela mesma posição horizontal, nadando nas suas próprias plaquetas. Mas ele se levantou, o buraco em sua costela ainda aberto.

Pensei em atirar de novo. Mas meu dedo trêmulo pairava no ar, incapaz de apertar o gatilho. Observava calado o desfile do zumbi. Eu era a testemunha ocular de um milagre. Ou de uma aberração. Será que milagres também podem ser aberrações?

*

Apenas depois eu soube de tudo. Mas ainda era cedo pra ligar os pontos.

Os jornais foram cautelosos ao veicular qualquer imagem da Criatura: tomaram o cuidado de borrar todos os registros da Queda. Provavelmente pensaram nos valores estratosféricos de um processo judicial intergaláctico por uso indevido de imagem e preferiram supor que os alienígenas – isto é, se a Criatura fosse mesmo um alienígena, ninguém sabe ao certo – estavam resguardados por uma legislação própria muito rigorosa com a veiculação midiática de seus cadáveres.

Não me lembro com exatidão onde o corpo caiu. E acho que não importa. Também é um pouco estranho chamar a estrutura corpórea da Criatura de *corpo*, dado que a associação mental que eu faço da palavra com o físico humano não condiz com a anomalia sobrenatural que os meus olhos veem.

Não pude me conter quando algumas fotos da Criatura começaram a circular online, graças ao ágil trabalho de fóruns conspiratórios. Embora parte de mim quisesse se poupar de ver a cena, a outra não podia ignorá-la. Era como Adão e Eva com o fruto proibido: eu não deveria fazer aquilo, mas eu queria muito. Então mordi.

A face da Criatura era medonha. Seus olhos, buracos vazios, eram como poços profundos de escuridão. Não havia cavidade nasal. Sua enorme boca de lábios carcomidos e abertos expunha sua língua, longa e afiada. O corpo estreito, cinza, cheio de feridas pulsando em carne viva se estendendo ao longo das pernas esqueléticas. Suas mãos mais pareciam patas, com seus braços ligados ao resto do corpo por uma estrutura carnosa que lembrava uma asa.

E então aconteceu. Ao mesmo tempo da Queda, não se sabe se por conta dela ou por alguma mutação aleatória. Como se a árvore do conhecimento do bem e do mal tivesse dado uma maçã defeituosa. As mortes cessaram.

*

Meu celular vibra.

*Esquece. Eu mesma vou lá e faço.*

*

O homem seguiu, cambaleante, até sua casa. Abraçou sua esposa e seus filhos como eu não o vi fazer desde que comecei a observá-lo. Ele não saiu de casa nos dias seguintes, não foi ao trabalho, nem trocou mensagens com nenhuma das prostitutas com quem conversava. Incluindo *ela*, eu suponho.

**Ela**

Me lembro bem da primeira vez que nos encontramos. De como foi tudo muito rápido. Mas acontece, a mecanicidade da coisa são ossos do ofício. Nunca desenvolvi sentimentos por clientes. Tampouco esse era um desejo meu. Mas é o que dizem – se puder dar merda, vai dar.

Ele veio outra vez. Ficou mais um pouco. Falou sobre a família, sobre o trabalho como professor, sobre o desejo de ter um filho menino. Disse que queria visitar a Argentina. Devia ser o primeiro sinal de que ele não era peça boa.

Veio mais outra. Pagou o dobro. E veio de novo. E de novo, e de novo. Sempre trazia alguma lembrancinha. Uma caixa de chocolates, um perfume barato. O que eu posso fazer? Sou uma mulher de desejos simples. Cancelava outros clientes caso ele me ligasse pedindo um encontro às pressas. Nada com ele era extraordinário, se é que me entendem, mas tudo parecia extraordinariamente comum, uma normalidade excepcional que eu nunca havia tido a chance de usufruir.

Até fomos a alguns bares. Sempre muito atentos aos nossos arredores, vendo se alguém estava nos vigiando. O jogo de esconde-esconde me divertia. Pra ele, claro, as consequências de perder o jogo e ser encontrado seriam muito piores, mas eu apenas amava o ar infante da coisa, me lembrava de um

romance juvenil proibido que nem Romeu e Julieta. Então eu aproveitava que as cortinas estavam abertas e fazia o meu papel de criança ingênua, coisa que nunca pude ser fora dos palcos. Tragédia grega.

Comecei a perceber algumas atitudes estranhas. O jeito que ele falava comigo quando eu perguntava se ele estava apenas me usando – o que era óbvio, mas eu sentia essa necessidade de me refutar –: agressivo, irônico. Certa vez, bêbado, ele quebrou uma garrafa de cerveja na parede enquanto gritava meu nome. Ignorei. E assim ficamos por um ano e alguns meses, ele e seus atos dicotômicos, eu e minha dependência emocional crescendo em velocidade exponencial.

Acho que não estou sendo tão expositiva nos detalhes, peço perdão, mas é só pra ter certeza de que vocês também não vão se apaixonar por ele.

*

Duas listras. Não podia ser verdade. Mas tinha que ser, por favor, meu Deus.

Ser mãe sempre foi um sonho. Muito utópico, quase bobo, principalmente pra uma mulher como eu. E não há nenhuma vergonha em ser uma *mulher* como *eu*, mas sejamos francos que as coisas pra nós não são tão fáceis como são pras outras, e olhe que elas já passam por uns maus bocados apenas pelo que levam entre as pernas.

Mas, sim, sempre quis ser mãe. Odiava a minha experiência na Terra e odiava especialmente tudo o que vivi durante a minha infância, e esperava que cuidar de um serzinho humano com todo o amor que eu não havia recebido fosse curar

uma parte quebrada que estava guardada dentro de mim, aguardando alguma sessão de terapia pra escapar pelos meus olhos por meio de uma avalanche salgada.

Só havia uma pessoa que poderia ser o pai dessa coisinha que eu levava dentro de mim. Não sabia como contar. Esperei que ele marcasse outro encontro. Sorte a minha que ele brigou com a esposa justo naquele dia. Ele veio com as mesmas roupas de sempre, a mochila pesada com as provas dos alunos. Me deu um beijo, pediu que eu tirasse a roupa, eu pedi um minuto. Ele se jogou na cama, fui até o banheiro e peguei o teste. Entreguei nas mãos dele. Ele encarou por alguns segundos em completo silêncio. Perguntou se era meu. Eu fiz que sim com a cabeça. Daí ele começou a rodar pela sala, as mãos na cabeça.

Danou-se a soltar uma sequência interminável de "porras" como se fosse mudar alguma coisa. Gritou com o dedo na minha cara que eu sabia que ele não podia assumir, que sabia que eu fazia aquilo com muitos outros e que ele nunca iria assumir aquela criança, nunca. Saiu apressado pela porta.

*

Voltou algumas horas depois, me encontrou chorando no chão. Que merda, odeio que me vejam assim. Pediu desculpas, disse que daríamos um jeito. Me ofereceu um drink que trouxe numa garrafa. Falei que não, não era bom pro bebê. Ele me disse que só mais aquela vez, pelos velhos tempos, uma despedida das bebidas até que o meu filho nascesse. O nosso filho, corrigi, e ele sorriu. Dei um gole.

Acordei no outro dia. Tonta. Respirei e senti uma dor avassaladora nas minhas costelas. Não sabia onde estava. Fui me ar-

rastando até a pia. Encarei meu reflexo no espelho e me deparei com minha barriga repleta de hematomas roxos. Levei minha mão até as marcas e jurei que conseguia sentir as mãos dele ali, tatuadas no meu corpo. Tateei os rastros fantasmagóricos dos seus punhos cerrados e chorei ao perceber que, naquele momento, com as minhas palmas apertando o meu ventre em busca do meu bebê, era como se eu estivesse balançando o meu filho, o colocando pra ninar, mas muito depois da chegada da cuca.

*

Observo a faca em cima da cômoda. O relógio já marca 10h40. *Ele* visualizou a mensagem, mas não disse nada. Desgraçado. Mas é melhor assim, tem coisas que ninguém pode fazer por você.

**Ele**

Dentro do meu carro, observo a movimentação na escola de longe. Olho para o rádio do carro, cujo visor revela o horário: 11:11. Fecho os olhos e faço um pedido.

Em alguns minutos, eles vão ser liberados da aula. Imagino que tenha sido o momento que *ela* escolheu para realizar o seu grande ato de vingança. Confesso que não sei o que fazer quando *ela* chegar.

Já se passaram duas semanas desde que tudo aconteceu. Não é muito tempo, mas é engraçado pensar em como tudo escalonou muito rápido. Uma vez que as pessoas descobriram que, não importa o que fizessem, não iriam morrer, pronto: abriu-se porta pra todo tipo de absurdo.

Por um lado, os assaltantes agora se sentem mais livres para assaltar todos os mercadinhos de bairro: eles sabem que não vão morrer, então dane-se, saem quebrando tudo, machucando quem estiver pela frente. Os civis não reagem, e eu entendo, vai que as mortes voltam magicamente a acontecer. Já os policiais, agora invadem as favelas sem medo de serem felizes. Por lá, as trocas de tiros contra criminosos locais se tornaram mais comuns do que o nascer do sol. As balas, é claro, encontram todo dia um novo lar nas costelas dos moradores, que apenas seguem com suas vidas comuns, acredito que já estavam acostumados com esse tipo de coisa.

Olho pelo retrovisor. Nada. Respiro fundo. Eu entendo a sua frustração. Entendo mesmo. Me lembro de quando nos encontramos, era uma madrugada qualquer, um beco esquisito e sem iluminação no centro da cidade. *Ela* me contou tudo, como aquele homem tinha destruído a vida *dela* e roubado a única coisa boa que *ela* já tinha tido. *Ela* me pagou metade do valor e eu jurei que ele não duraria mais que uma semana. Deu a calhar que, justamente no dia que eu escolhi pra matá-lo, todos foram promovidos ao status de imortais. Me sinto perdido. A única lente pela qual eu via a minha vida antes era a do visor das armas que eu usava pra eliminar os meus alvos. Agora tudo parece sem perspectiva, sem motivo. Não quero gastar caracteres passeando pelos pormenores que fizeram com que eu entrasse nessa prestigiada carreira de assassino de aluguel, mas acontece que isso se tornou parte intrínseca de mim: a morte dos outros se transformou na minha vida. Não é algo pra se orgulhar, mas certamente também não é algo pra se lamentar. Quero dizer, muitas pessoas vivem matando outras no cotidiano, mas a conta-gotas, doses pequenas de assassi-

nato, um olhar frio, uma palavra agressiva. A diferença é que eu vou lá e aperto o gatilho.

Como eu ia dizendo, eu não sei o que fazer agora. Digo, com o resto da minha vida. Eterna. Matar era o meu ganha-pão. Não sei se sirvo pra trabalhar em fábricas, a ideia de ser diretamente subordinado a alguém me apavora. Sempre fui mais um lobo solitário. Mas creio que viver assim eternamente acabe se tornando inviável.

Não quero dizer que eu gostava de matar. O quão mórbido é isso? Sempre me consolei com a certeza de que eu estava acabando com o sofrimento de outra pessoa, ou realizando algum ato necessário de vingança. Esperava me acertar com as minhas vítimas em algum tipo de reencontro metafísico, dizer que eu sentia muito, que a vida tinha daquelas mesmo, que agora poderíamos todos descansar em paz e rir de tudo em algum encontrinho social pós-vida. Mas, infelizmente, essa possibilidade foi adiada por tempo indeterminado e eu fui condenado a passar os meus dias infindáveis convivendo com os fantasmas deles aqui, na Terra.

Não sei a razão de tudo isso. Mas caso esse seja mesmo o meu destino, acho que passarei meus dias tentando ser uma pessoa melhor. Quero acreditar que essa possibilidade, de fato, exista. Que um lobo solitário possa, algum dia, encontrar uma matilha, alguma que aceite todo o sangue que eu carrego na boca. Olho pra minha vida finita, a antes dessa que eu ganhei sem pedir. E sinto nojo.

Às vezes, acho que não tenho salvação. Eu e todos os outros. O que as pessoas fizeram com a certeza da vida eterna? Passam os dias sem motivação, sendo levados pelos anseios levianos dos seus corpos corruptos, machucando uns aos outros, sem amor.

Sinto uma ânsia de vômito ao perceber o quão fundamentalista o meu discurso pode parecer. Sim, um assassino de aluguel que vive em um mundo em que as pessoas não morrem está querendo dar uma lição de moral.

**Ela**

Caminho lentamente pela rua como uma noiva entrando na igreja. Eu estou chegando, meu amor. Sinto a lâmina da faca fazendo cócegas na minha coxa dentro do bolso da minha calça jeans. Ajusto a arma branca pelo cabo e sigo com a minha caminhada, rumo à minha justiça.

Um mosquito desgraçado me acompanha desde que saí de casa – o quarto de motel. Já abanei minhas mãos ao meu redor algumas vezes, na tentativa de espantá-lo, mas ele segue aqui, me atazanando como uma assombração.

Meu plano é bem simples. Enfiar a minha faca dentro dele e torcer pra que, caso eu o faça com vontade o suficiente, as forças cósmicas que começaram essa palhaçada de que ninguém pode morrer se compadeçam de mim e o matem por pena. Não é um plano muito bom, eu sei, mas eu não faço ideia do que vou fazer de verdade quando ele estiver na minha frente. Também não sei qual vai ser a reação dele, mas eu não dou a mínima. Toda a minha vida eu fui obrigada a me despedir de coisas, pessoas e lugares que eu amava profundamente. E nunca tive a oportunidade de sentir verdadeiramente o luto por elas, já que "a vida tem que continuar", "mudar de escola é algo normal, você faz novos amigos" e "dane-se que o único familiar que te tratava bem morreu, todos nós vamos nos deitar na mesma cama que ele em breve". Ou pelo menos íamos.

A minha vida sempre foi cheia desses pequenos enterros, mas eu raramente conseguia comparecer aos funerais e precisava me despedir de tudo que deixei pra trás ao longo do tempo, superando cada trauma de pouquinho em pouquinho, mas nunca por completo. Segui machucada vivendo pequenas mortes todos os dias.

E quando eu finalmente tenho a chance de me alegrar com uma morte, quando eu quase sinto o doce gosto da vingança na minha boca, elas simplesmente param de acontecer. Nem pra essa merda de Queda vir umas semanas antes, pra eu não ter que enterrar *você* também, meu anjo, meu bebê. Te sentir escorrendo de dentro de mim foi a maior dor da minha vida, saber que ali eu estava dando adeus ao meu sonho, à minha quase felicidade. E agora eu não consigo nem matar a porra do seu pai.

*

O mosquito continua cantando no pé do meu ouvido. Não aguento mais. Dou um tapa em mim mesma, na altura da minha mandíbula. Olho a palma da minha mão. O bichinho está morto. Encaro-o por alguns segundos, aguardando que ele volte à vida. Mas nada acontece.

**Ela**

11:27. Eles vão começar a sair da escola a qualquer momento. Aperto o passo.

Eu vou atacar o pescoço dele. É. Pra morte ser instantânea. Mas antes eu vou enfiar a faca nos ovos. Pra ser simbólico. Onde será que dói mais? Eu podia dar umas facadas nas coste-

las dele. Ou no coração. Vou xingar, vou dizer umas verdades na cara dele. Antes ou depois das facadas? Ou durante?

Não consigo conter um sorriso ao me lembrar que o mosquito continuou ali, morto. Sem mais brincadeirinhas por causa da Queda. As coisas voltaram ao estado natural das coisas. Tudo acaba, tudo tem um fim. E a vida daquele desgraçado vai acabar agora. Penso nas suas filhas e na sua esposa. Afasto o pensamento. Não é hora de ter compaixão por ele.

Não é mais hora de ter compaixão por ninguém. Não depois de ninguém ter compaixão por mim também, não depois de eu ser vista apenas como uma prostituta, uma mulher dada, não me darem socorro.

Viro a esquina e já consigo ver a escola. Respiro fundo. Ergo minha cabeça e ajeito meus cabelos. Tiro a faca de dentro do bolso e inicio o ato final do meu manifesto.

E, então, ao longe, vejo um homem saindo de um carro. Demoro pra reconhecê-lo, só nos vimos uma vez, estava escuro, mas me lembro da sua altura, me lembro do seu casaco, o mesmo que usa agora. O assassino que não mata. Que diabos *ele* está fazendo aqui?

Continuo andando e percebo que ele está vindo em minha direção. *Ele* quer proteger o desgraçado, é isso? Não pode ser. *Ele* acha que o homem que matou meu filho é digno de perdão? Então *ele* que o perdoe, na casa *dele*.

Vou avançando e *ele* não para de me seguir. Estou quase na frente da escola, *ele* apenas uns metros adiante. Pondero as opções na minha cabeça. Não era como eu pensava que fosse ser o dia, mas acho que hoje eu vou matar dois homens.

Corro em sua direção. *Ele* fica parado. Fecho os olhos. Seguro o cabo da faca e a enfio na barriga *dele*.

**Ele**

Meus olhos se espremem de dor conforme *ela* gira a faca. Fecho os olhos e a puxo para um abraço. Sinto *ela* tentando escapar, mas a agarro com força. Seu rosto repousa sobre o meu ombro e sinto ele começando a encharcar.

– Eu só...

– Eu sei.

– Por que só comigo? – *ela* pergunta, e eu sinto a dor que a corrói na sua fala.

– Muita gente se pergunta a mesma coisa.

*Ela* para de empurrar o objeto contra a minha pele. Respiro fundo conforme *ela* retira a faca de dentro de mim. Ouço a parte metálica da mesma batendo no chão.

*Ela* se afasta de perto de mim. Ponho a minha mão por cima da ferida, que fecha gradativamente. Meus dedos tremem, sujos de sangue. Olho para *ela*, cujo olhar está fixo em algo distante. Busco para onde ela está olhando e vejo, do outro lado da rua, o meu zumbi, a aberração milagrosa.

Não vejo a reação *dela*, mas consigo ver a expressão dele, mesmo que de longe. Seus lábios tremem. *Ela* estira o dedo do meio em sua direção. Uma multidão de adolescentes começa a sair de dentro da escola, poluindo a vista. O homem dá meia volta e sai andando em direção contrária pela rua, apressado, como se tivesse visto um fantasma, o monstro dos seus pesadelos.

*

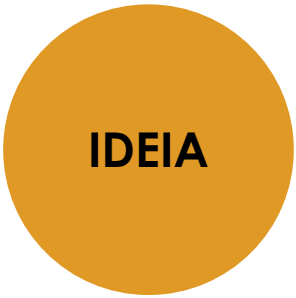
*Ela* se vira para mim. Seu rosto está vermelho e molhado. *Ela* enxuga as lágrimas com os pulsos. *Ela* abana as mãos na frente do seu rosto. Acho que está tentando espantar um mosquito. *Ela* solta um pequeno sorriso, como se tivesse se lembrado de uma piada. Eu não entendo, mas retribuo o sorriso mesmo assim. *Ela* pega a faca do chão e a guarda dentro da calça.

– Quer tomar um café?

– Eu adoraria.

Saímos caminhando e, alguns metros depois, pergunto seu nome.

## Ensaio Criativo de
## PEQUENAS MORTES TODOS OS DIAS




A ideia surgiu a partir da imagem visual de uma criatura sobrenatural morta e de uma realidade em que as pessoas não conseguem mais morrer. O plano era traçar um paralelo com a questão cristã da vida eterna, entendendo a imortalidade como uma espécie de "presente" ao qual todos tem acesso, mas nem todos se julgam dignos de ter. A partir disso, os personagens teriam experiências diferentes com a situação: enquanto o protagonista masculino começa a rever o seu passado de forma crítica para usufruir da oportunidade da vida eterna, a protagonista feminina está presa em mágoas e traumas do passado.




Não foquei em uma estrutura narrativa específica, mas me usei de uma escrita com foco no fluxo da consciência

(deixando os personagens livres para misturar descrições de ações no presente e pensamentos reflexivos acerca do passado), usando a narração de memórias como uma forma de avançar na narrativa, acrescentando detalhes à história e seguindo com a ação, com enfoque na vingança da protagonista feminina como forma de progressão dramática. Embora tenha uma conclusão para a jornada de protagonista feminina, o final é aberto e mostra uma interação sem conclusão entre os dois protagonistas para demonstrar que é apenas o início da imortalidade de ambos.




A história é narrada por dois personagens, um homem e uma mulher. Por uma escolha criativa minha, eles não possuem nomes. A narradora feminina é uma prostituta que, após ser espancada por um de seus clientes, perde o bebê que carregava. Em busca de vingança, ela contrata um assassino de aluguel para eliminar o cliente.

O narrador masculino é justamente o assassino de aluguel contratado pela prostituta, que se vê sem destino após as mortes cessarem, buscando um novo propósito de vida, se perdoando pelo seu passado e tentando impedir a prostituta de assassinar o cliente. Embora a conexão entre os dois não seja direta, percebemos a dualidade na narração de ambos e vemos uma interação entre eles ao final da história.




O conto intercala as diferentes perspectivas dos narradores. Os capítulos são curtos, geralmente focados em reflexões dos dois personagens principais. O uso de flashbacks e memórias fragmentadas aprofunda o impacto emocional, revelando aos poucos os traumas que moldaram suas ações.

A narrativa linear é interrompida por descrições poéticas e filosóficas, que contextualizam a Queda e seu impacto na sociedade. Já os capítulos finais criam tensão ao confrontar os protagonistas com a inevitabilidade de suas escolhas. A estrutura reflexiva e não convencional reforça a sensação de estagnação e desespero de um mundo onde a morte não é mais um escape.




Verbos que alternam entre presente e passado a partir da reflexão de acontecimentos do passado. Os capítulos intercalam entre os dois protagonistas, enquanto avançam na narrativa em um inevitável conflito entre eles. Não há um uso

grande de diálogo, sendo utilizado apenas no final da história, simbolizando o início de uma nova trajetória entre eles.

## 2.4 O Mistério do Diário

*Rana Félix*

Marca 7:00 no ponteiro do relógio. O céu parece triste e carregado, e a pequena Matilde, com passos lentos e preguiçosos, atravessa o corredor, com os cadernos ao peito, em direção à sala de aula. Os números não fazem sentido em sua cabeça: letras misturadas com números, números misturados com letras. Ela preferiria lidar apenas com as letras.

– Façam a lista de exercícios para a próxima semana – diz a professora.

A menina revira os olhos, levando a mão à cabeça em desaprovação, e guarda seu material. Matilde espera os colegas saírem para, enfim, ir à biblioteca, mas é interrompida quando nota a professora se aproximando com uma folha nas mãos.

– Matilde, você precisa praticar um pouco mais. Fique hoje à tarde novamente – diz, entregando a folha.

Matilde apenas assente com a cabeça. É uma lista de exercícios da semana passada, marcada com uma nota vermelha.

Caminha pelo corredor apagado até chegar à biblioteca. A porta se abre com um leve ranger, e os olhos de Matilde parecem saltar quando vê todos aqueles livros enfileirados. Ela vai até a bibliotecária, que a olha e dá um sorriso meigo enquanto entrega um livro de capa roxa-escura.

Anda pelo espaço como uma aventureira em jornada. A biblioteca possui inúmeras prateleiras com livros de todas as

variedades possíveis. A menina olha ao redor e dá um leve suspiro. Passa os dedos pelos livros expostos na primeira prateleira e se vê em um paraíso, com a quantidade considerável de mundos possíveis. Até que nota um livro diferente dos outros, que não costuma ver naquela seção.

É de cor marrom e está entrelaçado com uma cordinha e um laço torto. Sem abri-lo pode notar suas folhas amarelas manchadas pelo tempo. Parece um diário, mas o que um diário estaria fazendo ali? Caminha em direção a uma pequena mesinha redonda e se senta. Franzindo a testa e inclinando a cabeça, ela está prestes a abri-lo quando uma voz feminina surge atrás dela.

– Onde achou isso? – diz uma voz rouca.

– Primeira seção, na prateleira de cima.

É uma senhora baixinha, de cabelos brancos, vestindo roupas manchadas de uma cor marrom que parecia ser terra. Sua pele é pálida como neve, e está descalça.

– Isso tem dono criança, devolva já! – O tom de voz da senhora deixa a pequena garota assustada.

Um arrepio percorre a espinha de Matilde e sua respiração fica mais profunda. Deixa o livro na mesa, e apenas assente com a cabeça e sai da biblioteca com passos apressados.

O sinal dá o primeiro toque e Matilde, agora do lado de fora da biblioteca, está com olhos fixos no chão. Ela olha uma última vez para trás e, em seguida, caminha em direção à sua sala.

A professora de Literatura está falando alguma coisa sobre Realismo no Brasil, enquanto Matilde desenha em seu caderno o diário, o mesmo que viu na biblioteca.

Suas habilidades com desenho não são das melhores, mas precisa colocar no papel o que está tirando toda sua atenção.

No papel, um esboço de um diário está desenhado no centro da folha, sua capa de couro é de um marrom sujo, com pequenos detalhes de flores no canto.

No caminho até a cantina passa em frente à biblioteca e não consegue deixar de fixar seus olhos nela. Tanto é que não nota a presença de uma pilastra que está em sua frente. Antes que pudesse esbarrar nela, a garota dá um salto para trás, conseguindo assim se esquivar. Na cantina, nota o delicioso aroma de comida fresca e, por um segundo, afasta o pensamento sobre a senhora e o diário. Mas dura pouco tempo, pois vê alguém de longe com roupas manchadas iguais a da senhora. A pessoa se afasta cada vez mais, e a menina, por mais que esteja assustada, sente que a necessidade de saber quem era e o que tem dentro daquele diário é maior. Com passos apressados parte em direção à senhora que segue por um vasto corredor com poucas lâmpadas funcionando. Mas sem sucesso, ela olha para todos os lados e não consegue mais achá-la.

"Mas que raios está acontecendo?", fala para si. Caminha mais um pouco observando todos os lados até avistar uma colega de sua sala e caminhar em sua direção.

– Maria, você viu uma senhora passar por aqui com roupas manchadas?

A menina apenas nega com a cabeça. E Matilde segue em direção ao corredor para a sala.

Matilde se senta no banco que está ali por perto. Pega o telefone dentro da bolsa para mandar uma mensagem para sua mãe:

*Preciso resolver uma coisa, vou ficar mais tarde hoje. Beijos.*

*

Mais tarde, depois do reforço de matemática, Matilde sai da sala escutando música quando avista a bibliotecária passando pelo corredor e segue em direção a ela. A mulher quando a vê dá um sorriso e Matilde, sem hesitar, fala:

– Preciso perguntar para a senhora, quem era aquela senhora com roupas manchadas?

– Que senhora, minha querida?

– Ela estava hoje na biblioteca.

– Mas não a vi. – E sai.

Matilde puxa o ar, leva sua mão a cabeça e uma onda de pensamentos surgem em sua face, cada um mais forte que o outro, até que aquela agitação se transforma em uma paisagem clara de um grande livro, é familiar... O livro de visitas da biblioteca. "Como não pensei nisso?". Ela parte em direção ao livro, seus passos ecoam pelos corredores da escola até chegar na grande porta da biblioteca. O silencio está presente circulando pelo espaço. Ela avista um aluno que cuida da biblioteca no turno da tarde.

Ele está fazendo o que parece ser anotações em um grande livro: o livro. É de capa dura, sua cor é de azul marinho brilhante e no centro está escrito "Livro de visitas". Suas folhas possuem divisões iguais, com data, nome e sugestões. Quando termina de escrever fecha e deixa no canto. Matilde se aproxima mais um pouco com seus olhos de canto no livro. Mas segue em direção às prateleiras. "Se ela estiver aqui, posso perguntar alguma coisa dessa vez". Quando chega na fileira, não há sinal da senhora ou do diário. Ela procura na prateleira de cima e nada. Então pega um livro qualquer e vai até o menino.

O rapaz abre o grande livro e dá uma caneta para Matilde escrever seu nome, é a oportunidade perfeita para dar uma rá-

pida espiada. Ela tenta localizar seu nome, que colocou hoje de manhã, enquanto escreve novamente e, logo abaixo, vê o nome de uma mulher: "Silva Oliveira". "Só pode ser essa", pensa com seus olhos semicerrados. Termina de escrever seu nome e entrega a caneta.

– Você sabe quem é Silva Oliveira?

– Nunca ouvi falar nesse nome.

Ela agradece e sai na direção oposta. Antes de sair da biblioteca ela vê a bibliotecária tirando alguns livros de uma caixa grande de papelão e não hesita em ir na sua direção.

– A senhora conhece alguma Silva Oliveira?

– Não minha querida, quem seria essa?

– É o que estou tentado descobrir – Matilde solta um suspiro.

Prestes a sair, ela vê o objeto familiar, aquele que está causando toda sua aflição. O diário está no cantinho de uma pequena mesinha.

– Aquele livro, depois que eu o peguei ela apareceu.

A bibliotecária vira a cabeça e avista o diário que está em uma mesinha ali perto.

– Este diário está aqui há anos, existe um rumor de que a pessoa que escreveu morreu em uma tragédia.

– Qual era o nome da pessoa?

– Não sei o nome, mas pode pegar para ler, se quiser.

Com mãos tremulas, Matilde toma para si o diário. "Será que devo abrir? E se acontecer alguma coisa que eu me arrependa? E se aquela senhora voltar de novo? Ela parece ser perigosa...Desde que eu peguei o diário ela não para de me perseguir". Mas, mesmo com medo e nervosa, ela quer saber onde isso vai terminar e logo começa a desatar o laço que está

envolvido no objeto. Passa os dedos pela primeira folha quando vê uma pequena frase escrita no canto:

*13/10/2007 o dia da minha morte*

Sua respiração fica cada vez mais apressada. Está apoiando suas mãos na mesa quando escuta um sussurro:

"Eu falei para você não mexer nisso, criança."

Ela olha para trás, mas só nota o barulho do ar-condicionado ligado.

Enquanto se direciona à saída, o chão parece engolir cada passo de seus pés. Suas mãos estão suando, sua cabeça fica mais pesada como se tivesse acabado de cair uma pedra sobre ela. "O que essa figura quer? Estou ficando paranoica, não estou mais aguentando isso." Ela se senta em um pequeno batente. Sua mente está em um mar de confusão, cada pensamento parece uma onda cada vez mais forte. Ela coloca suas mãos na testa e olha para o chão, tentando recompor seus pensamentos. "O que ela quer de mim? O que tem de tão especial nesse diário? Se está a tanto tempo aqui, por que isso tudo?" Seu estômago revira.

*

Era a hora do intervalo quando, de repente, uma mão fria toca seu ombro. A menina arregala os olhos e vira a cabeça depressa.

– O que está acontecendo com você, minha querida?

Antes que pudesse colocar todas as suas angústias para fora e contar a loucura que aquele dia estava sendo, ela obser-

va, de longe, uma pessoa. Está parada olhando para as duas e se aproximando delas. A menina está cada vez mais ofegante, com olhos arregalados. Seu corpo estremece e sua temperatura parece baixar.

– Por que essa mulher está me perseguindo? – Ela se levanta em um pulo apontando para a mulher.

Cada passo para trás é um tiro no escuro, a bibliotecária se levanta e vai em direção a Matilde que, cada vez, dá um passo para trás.

– Minha querida quer que eu chame alguém?

Mais perto, está se aproximando.

– Ela está atrás de você, cuidado! – sua voz quase não sai.

A bibliotecária olha para trás, mas não vê nada.

– Não tem ninguém aqui, apenas eu e você. Olhe para mim Matilde.

As palavras da bibliotecária ressoam de forma distante, ela só consegue focar na senhora que agora atravessa o corredor e some, na velocidade de um leão buscando sua presa. A menina cobre seu rosto com as mãos.

– O que te atormenta, querida?

Matilde levanta a cabeça com cuidado, ainda assustada e com ressentimento. Ela reúne forças e conta tudo que está acontecendo para ela: conta sobre sua manhã quando viu o diário na prateleira, que quando o pegou surgiu essa figura em forma de senhorinha com roupas sujas e que agora a está perseguindo todas as vezes que tenta abrir o diário.

A bibliotecária se levanta e estende a mão para ela ajudando-a a levantar, elas caminham em direção à biblioteca e entram. O diário está ali, no mesmo canto, do mesmo jeito. Ela o pega e entrega a Matilde, que recua.

– Minha querida, você só saberá se abrir de uma vez por todas.

Ela o pega, um cala frio percorre pelo seu corpo. Está suando, sua cabeça processa milhares de coisas em segundos. Respira fundo e o abre. A frase no canto da folha está com uma caligrafia decente, com curvas bem escritas. Avança para a próxima folha com uma louca vontade de devorar qualquer coisa que esteja escrita ali. Um trecho comovente é destacado na folha seguinte:

*Depois que eu entrei naquele rio, nunca mais fui o mesmo. Como uma fênix ressurgindo, eu renasci. Mas algo estranho aconteceu: o que quer que tenha acontecido, me fez ser novo.*

Segue para próxima folha, mas, antes que possa ler o que está escrito na folha velha de papel, ela escuta aquele sussurro: "Mandei você deixar isso quieto, não te pertence. Vai perder seu tempo criança.". Mas algo diferente preenche a biblioteca. Matilde não olha para trás, ela segue com olhos fixos no diário.

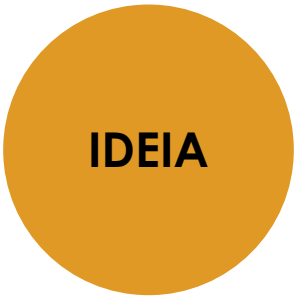
"Às vezes temos que cair em poças de lama para valorizar a água limpa."

A voz da figura ecoa mais uma vez, desta vez mais distante. "Vai se arrepender de ler isso". Ela levanta a cabeça e olha para a bibliotecária, que está olhando para ela com um sorriso. Quando se dá conta, já não ouve mais a voz da figura de Silva Oliveira. Matilde fecha o diário e o abraça.

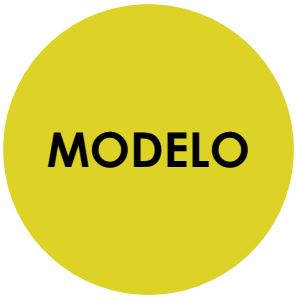
– Obrigada.

– Fico feliz em ajudar – assente a bibliotecária.

## Ensaio Criativo de
## O MISTÉRIO DO DIÁRIO




A mensagem escrita no conto vai além da demanda sobrenatural, e sim emocional. O conto surge a partir do pensamento em criar os personagens nessa atmosfera de mistério e suspense. A parti disso fui criando as dores, inseguranças e medos do personagem principal. Não defino o final, então a história vai se moldando ao decorrer da escrita. Imagino possíveis cenários, diálogos, conflitos internos ou externos, e escrevo.




O conto está estruturado em narrativa psicológica e sobrenatural, focando na linearidade. Ele segue a ordem estrutural tradicional de uma história de mistério, onde a personagem principal encontra algo misterioso (no caso, o diário), e, a partir daí, começa a jornada de descoberta que a leva a confrontar medos que são desenvolvidos ao decorrer da his-

tória. A narrativa se desenvolve por meio de acontecimentos cotidianos que vão ficando cada vez fora do comum.




Matilde é a personagem central. Suas emoções são construídas principalmente através de suas interações com a senhora misteriosa (Silva Oliveira), que é uma personagem que vai causar todos os conflitos na personagem principal. Através das reações de Matilde aos eventos estranhos e a presença da senhora, o texto gera mais atenção no leitor, envolvendo-o mais na narrativa.




Organizei o começo, meio e fim da estrutura narrativa com base no conhecimento do personagem, tendo cenas/ações/reações da protagonista em relação aos conflitos no decorrer da história. Tive em vista três momentos: inicial, com Matilde na sala de aula antes de encontrar o diário e a senhora na

biblioteca; após encontrar o diário, com Matilde encontrando o diário e interagindo com a senhora, para depois começar a surgir as dúvidas, medos e inseguranças, juntamente com a busca incessante de saber o que tem no diário; e final, com a bibliotecária ajudando-a a finalmente entender tudo que estava acontecendo.




Verbos no presente, focando em terceira pessoa, com cenas intercaladas entre ação/reação. Para fluir a narrativa, foi utilizada o diálogo em discurso direto com travessão.

## 2.5 O Vazio

*Andryo André*

Era uma tarde de quarta, eu estava atrasado para a aula de português. Dessa vez eu até tinha uma boa desculpa. O pneu do meu ônibus havia estourado após passar por um buraco no caminho para a escola. Passei meia hora esperando outro passar, em um calor insuportável. Quando cheguei em minha sala, abri a porta de forma tímida e devagar, torcendo para não receber reclamações. Bom, meus esforços foram em vão.

– O tempo de tolerância já passou – disse Douglas, meu professor.

– Vou deixar você participar da aula, mas vai ficar com sua falta

– Meu ônibus quebrou.

– Vá se sentar, Miguel.

Eu bufei e logo após fui até minha cadeira. Noah, meu amigo, estava me esperando na cadeira de trás.

– Guardei seu lugar –Noah me comunicou.

– Valeu.

– O ônibus quebrou mesmo ou você que inventou?

– Dessa vez foi real...

– Logo na aula de Douglas.

Na mesma hora, o professor se levantou e eu me virei para frente.

A aula seguiu. A sala parecia tão empolgada quanto a plateia de uma corrida de caramujo. Enquanto Douglas falava, falava, falava, e falava mais um pouco, notei pelo vidro da porta uma garota o observando. Ela tinha cabelos castanhos e longos, mas não consegui ver direito seus olhos. Ela olhou para mim, eu não entendi, achei que poderia só ser alguma aluna qualquer olhando a sala, mas depois supus que ela quisesse falar com o professor.

– Pro, tem uma menina aí fora – eu disse.

Ele olhou para a porta procurando alguém.

– Não tem ninguém.

Ele voltou a explicar e eu então noto que não havia mais ninguém na porta. De primeira eu só ignorei e deixei para lá, mas em menos de um minuto vi novamente a garota na porta.

– Pro, a porta.

Douglas observou novamente e olhou para mim, já com um olhar sério e olhos firmes.

– Não tem ninguém.

A voz de Douglas saiu seca e ele suspirou antes de voltar a explicar a matéria.

– Cara, para, não dá motivos pra ele ficar de marcação contigo – Noah disse atrás de mim. Ele, pelo visto, achava que eu estava fazendo alguma piada.

– Tem alguém ali...

Minha fala foi na mesma hora interrompida por Douglas, que respirou fundo antes de falar.

– Miguel... por favor, se não quiser assistir aula, você pode sair! Só não atrapalhe quem quer estudar!

– Eu tô falando sério, tinha alguém ali...

– Pela última vez. Não atrapalhe quem quer aprender alguma coisa!

"Caramba, que inferno", eu pensei. Coloquei meu capuz e deitei na mesa da carteira, apoiei minha cabeça em meus braços e tentei ignorar a voz irritante daquele cretino.

O toque do intervalo me acordou. Noah bateu em minha cabeça e me balançou enquanto me chamava.

– Anda logo, se não a fila da merenda vai ser grande!

Ele me disse enquanto eu levantava a cabeça.

– Já tô indo!

Nós saímos rapidamente da sala. Douglas ainda estava visivelmente irritado comigo, mas pra mim já não valia mais a pena tentar me explicar. Noah e eu caminhamos até o refeitório e esperamos na fila para pegar a merenda.

– Cara, pra que tu foi inventar de zoar o prof. logo hoje?

– Eu já disse que não estava zoando, realmente tinha uma garota ali!

– É mesmo? E como ela era?

– Bem... sei lá, tinha um cabelo castanho, meio ondulado, uma pele branca, mas não dava pra ver os olhos dela direito.

– Por enquanto não me vem ninguém na cabeça, e olha que eu conheço muita gente.

– Ah, qual é, ninguém?

– Não, ninguém.

– Que saco, por causa disso eu...

Na mesma hora, eu senti um frio na barriga e, quando olhei pro lado, vi a garota passar em direção a saída do refeitório.

– É aquela!

– Cara, esse lugar está lotado, aquela quem?

Eu não dei ouvidos a meu amigo e apenas saí da fila e segui a garota.

– Onde você vai?!

– Já volto!

– Só não se atrasa, idiota!

Eu apenas segui a garota até o lado de fora do refeitório. Ela foi até o corredor que levava às salas, mas, por algum motivo, por mais que eu estivesse correndo, ela parecia se distanciar de mim. Mesmo que eu estivesse rápido, era como se ela aos poucos ficasse mais longe.

– Ei! Espera ai!

Eu disse de forma frustrada como se ela fosse ouvir e parar, mas continuei até as salas de aula. Eu tive a impressão de vê-la entrando em uma das salas, então me apoiei na parede, já cansado da correria, respirei fundo e esperei minhas energias voltarem. Após alguns instantes recuperando o meu fôlego, eu segui, agora com calma, até a sala onde ela entrara, passei a mão na cabeça e abri a porta.

A frustação e estranheza me abalaram assim que notei que a sala estava vazia.

– Que inferno! – murmurei para mim mesmo. Pensei em desistir, até porque não fazia mais diferença, minha ficha estava suja com Douglas e não adiantava mais fazer a garota dizer que era ela que estava na porta observando a sala. Bufei, chutei a quina da porta e saí para voltar ao refeitório. Isso era irritante, não devia ser tão difícil encontrar alguém em uma escola.

Eu caminhei até o refeitório, não notei ninguém pelos corredores nem pela área de convivências. Pelo horário, ou muitos já haviam ido para sala ou estavam todos lanchando. Eu estava na esperança de encontrar Noah, mas já tinha desistido também de qualquer tipo de lanche que eu poderia ter naquele intervalo, já que o desperdicei indo atrás daquela garota.

Quando cheguei no refeitório, travei por um instante. O lugar estava vazio. Não havia ninguém e o mais esquisito era o fato de não haver nenhum prato nas mesas, como se ninguém tivesse comido nada nesse intervalo. Eu caminhei pelo lugar, também estranhei o fato de não haver nenhuma mulher na cozinha, no mesmo momento o máximo que eu poderia fazer era voltar para minha sala.

– Meu Deus... – Sussurrei para mim mesmo no caminho de volta.

A sensação era estranha. Primeiro, o dia começou a ficar mais frio do que deveria, na mesma hora, tirei o casaco amarrado em minha cintura e o vesti. Caminhei até minha sala, mas reparei o desesperador silêncio que eu nunca havia ouvido antes naquela escola. Isso, por algum motivo me fez acelerar o passo, naquela hora eu me encontrava torcendo para encontrar Noah ou por algum corredor me esperando ou na sala. Caminhei a passos largos e rápidos no corredor e abri a porta apenas para me deparar com o que eu não queria. Tudo vazio.

Aquilo fazia sentido? Não havia mochilas, a sala estava organizada, tudo em seu devido lugar, intacto, como se ninguém nunca tivesse entrado ali. Na mesma hora, sem pensar duas vezes, sai no corredor indo de sala em sala, abri porta por porta e todas do mesmo jeito: vazias, sem mochila, sem nada que dissesse que alguém já esteve lá. Acho que eu já tinha a resposta para a pergunta que eu mesmo me fiz a pouco tempo atrás, aquilo realmente não fazia sentido. E meu Deus... por que estava tão frio?

Sem pensar duas vezes corri (eu já não aguentava mais) até a sala da secretaria. Quando cheguei lá, também estava vazia. Os computadores estavam desligados e também parecia

que ninguém nunca havia pisado ali. Chutei a porta com fúria e segui até a sala do diretor. Ao chegar, novamente estava vazio. A ficha estava caindo, não havia ninguém na escola.

Eu me sentei na cadeira da área de convivências, tentei pensar em razões ou ideias, mas nada me vinha na cabeça. Como todo mundo poderia simplesmente sumir? Nem a minha mochila estava na sala. Não havia ninguém para me dizer o que estava acontecendo. Eu estava com frio, com fome e confuso e, pra melhorar tudo, minha cabeça havia começado a doer. Irritado com tudo aquilo, me levantei e fui até a portaria, se não havia ninguém, eu iria para casa, ou era isso que eu pensava.

Quando cheguei no portão, comemorei o fato dele estar sem cadeado, mas, quando o puxei, ele não abriu. Eu fiz mais força, porém ele nem tremia, como se houvesse algo que o travasse. Na mesma hora, gritei para a rua pedindo por ajuda.

– Oi. Tem alguém aí? Eu tô preso. Alguém me ajuda! – Eu gritava, mas minha voz se perdia na rua. Ninguém aparecia, não havia carros estacionados, estava tudo tão estático, tão seco, tão sem vida que eu senti outro frio na barriga. Eu sacudi (pelo menos tentei) o portão em um ato de desespero e suspirei logo após, sem fazer a mínima ideia do que fazer.

"Você não pode sair daqui..."

Eu paralisei, por um instante senti meu corpo não reagir, o que foi aquele sussurro? Comecei a me virar, minhas mãos suaram e senti um forte incômodo em meu peito. Queria correr, mas não havia para onde fugir. Eu não sabia se queria ver alguém (ou algo) atrás de mim, ou não encontrar ninguém e continuar com a cisma de poder e estar sozinho. A sensação de ser observado piorava e, em um forte impulso, preparado para correr, eu me virei de uma vez, e não havia ninguém atrás de mim.

– O que tá acontecendo?... – gaguejei para mim mesmo com uma respiração ofegante. Procurei de um lado para o outro, mas não via nada, ou na verdade, pensei não ter visto nada.

No mural de avisos, o calendário estava diferente. Ao me aproximar, não havia mais datas, eram apenas quadrados vazios onde antes estavam os números, e logo acima, no lugar do ano, havia uma mensagem, que me deixou ainda mais apavorado.

"Estamos de olho em você, Miguel..."

Instantaneamente eu rasguei aquele papel, amassei enquanto minhas mãos tremiam e joguei no lixo. Sem esperar muito, fui até a cozinha (correndo). A porta estava trancada, mas eu não aguentava mais. Então, com um forte chute, eu arrombei a porta de madeira e entrei na cozinha. Eu nunca tinha estado lá antes, na verdade. Eu estava conhecendo lugares que nunca tinha ido antes. A ausência de pessoas deixava o lugar com um ar estranho, com uma forte essência de perigo no ar que, aos poucos, ia adentrando mais e mais fundo e ficando ainda mais assustado. Eu fui até o armário e abri as gavetas atrás de uma faca ou qualquer objeto com o qual eu pudesse me defender, mas todas as gavetas estavam vazias, não havia pratos, colheres, talheres, nada que me ajudasse. Até que, novamente, senti um forte arrepio percorrer meu corpo.

Um barulho de lâmina ecoou na cozinha, atrás de mim, e me virei na mesma hora e vi, em cima da mesa, uma faca. Era grande, prateada, afiada, sua lâmina estava em tão boas condições que nela refletia meu rosto de angústia. Ela parecia estar ali apenas para mim, como se alguém estivesse brincando comigo, me transformando em um boneco e me dando ob-

jetos para que eu, de algum jeito, fizesse o que ele queria. Mas ele quem? O que estava acontecendo? Eu não fazia a menor ideia, mas não tinha opções. Eu estava suando, queria correr, queria gritar, estava implorando internamente por socorro e aquela faca só significava minha salvação, ou era um aviso para algo ruim que estava para acontecer.

Eu saí da cozinha e procurei por algo pela escola. Eu já tinha certeza de que não estava cem por cento sozinho naquele lugar, que definitivamente não era a verdadeira escola que eu estudava. O que tudo aquilo era ou significava? Eu não fazia a menor ideia, mas sabia que não deveria ser nada bom. A sensação de estar sendo observado não saía de mim, era um peso que estava me corroendo, mas eu sabia que não poderia fazer nada em relação aquilo. Não havia mais nada na área de convivências, a quadra também estava vazia, era tão desconfortável ver um lugar que antes era movimentado, agora estar praticamente morto. Outra coisa que eu havia notado era o fato de que as nuvens não se movimentavam, elas pareciam um quadro, uma pintura, uma representação falsa do que era para ser uma nuvem. Todo aquele lugar não passava de uma maldita gaiola, e eu era apenas o rato de laboratório do dono da gaiola.

Eu decidi voltar para a minha sala, ou para o que era para ser minha sala. No caso, eu queria ver se não havia algo na minha mesa que eu devesse ter notado. Mas, ao entrar na sala, eu encontrei algo bem mais evidente.

"Por que está fugindo, Miguel?"

A frase estava escrita no quadro, com um piloto vermelho vibrante, e, no mural da sala, havia um folheto, um cartaz de uma peça de teatro.

"Não percam a peça teatral:

O Sonho De Miguel "

O título da peça estava escrito na parte superior, e, na imagem, havia um desenho simples de mim, amarrado a cordas de marionetes e segurando uma faca no palco do teatro. Percebi que a mensagem ali estava sendo bem clara naquele momento. Segurei a faca em minhas mãos trêmulas e segui em direção ao salão do teatro, confiante em que acharia resposta para o que estava acontecendo, mas com um forte pavor de qual seria essa resposta.

Ao chegar no salão do teatro, o palco estava montado, e muito bem montado. Havia nuvens suspensas, um castelo no fundo e, no centro, um trono, que tinha acima dele escrito: Rei Miguel. Não entendi o porquê de tudo aquilo, qual era a piada? Qual era a lição de moral? Meus pensamentos foram interrompidos por uma voz feminina, doce, porém incômoda.

– Bem-vindo, rei Miguel.

A garota se levantou de sua poltrona, e imediatamente eu senti um embrulho no estômago. Um forte arrepio percorreu meu corpo e eu apontei a faca para aquela figura, ela era a mesma garota que eu estava procurando na escola.

– Você... Você é a desgraçada que... – Minha voz foi interrompida na mesma hora.

– Sim, a sala de aula, o refeitório. Bem, você mordeu a isca direitinho, eu estava esperando você chegar.

– O que você quer?

– Esse é meu playground, você gostou? – ela disse sorrindo feliz, seus olhos eram castanho-escuros, sua pele era branca e seu cabelo era um castanho ondulado. Ela dançou pelo salão, subindo no palco enquanto explicava.

– Eu costumo trazer alguns estudantes aqui... a ansiedade sempre foi um alimento saboroso pra mim, e é divertido vê-los andando em círculos desesperados para fugir.

– Me leve de volta! – eu pedi, em um tom de voz alto que ecoou pela sala. Eu esbanjava uma falsa confiança e autoridade, estava tremendo, parecia mais uma criança desesperada por ajuda do que alguém com autoridade na voz.

– Desculpa, mas ninguém conseguiu sair, e você não é especial. – O sorriso sádico dela me trazia ânsia e tontura. Um arrepio percorreu meu corpo e tentei empunhar a faca na direção dela, mas mal conseguia levantar minha mão.

– Você acha que consegue? – ela me perguntou, mas eu permaneci em silêncio, minha voz sumiu de minha garganta e tive dificuldades para respirar.

Em um estalar de dedos, eu estava no palco. Ela controlava o lugar e, por estar no mundo dela, eu estava sujeito a ela. Eu não tive reação, não sabia o que fazer, meu corpo não respondia minhas ordens. Ela se aproximou.

– Você foi um boneco bem teimoso, mais do que os outros...

Ela controlou minha mão, eu apontei a faca para meu peito. Eu tentava reagir, mas não conseguia.

– Parece que eu mesma terei que resolver isso...

Em um ato de desespero, eu juntei minhas forças e saltei do palco, correndo o máximo que conseguia, mas ela me jogou nas cadeiras da plateia. Eu senti um corte em meu ombro, e, por instantes, fiquei tonto, até que ouvi os passos dela, descendo do palco, segurando a faca. Seus olhos agora não eram mais humanos.

"Miguel... Miguel... Miguel..."

Meu nome ecoava em minha cabeça. Todo o espaço ao meu redor se tornava mais escuro a cada momento, eu não conseguia olhar nos olhos dela, até que então ela correu para me atacar. Minha única reação naquele momento foi me encolher e fechar os olhos enquanto ela erguia a faca... eu só podia esperar o pior.

– MIGUEL!

Eu senti uma mão em meu ombro, e então abri os olhos. Era a mão de Noah.

– Acorda aí. A aula já acabou, caramba.

Eu me assustei, uma forte dor de cabeça me abalava. Olhei ao redor e tudo estava normal, as cadeiras, os alunos, o chato do Douglas, tudo estava em ordem, até o Noah.

– Me-meu Deus...

"O que aconteceu?"

Eu pensei em minha mente, nunca estive tão grato por ver meu amigo antes.

– Cara, você tá bem?

– Tô, só uma dor de cabeça depois de... não sei, esquece. Mas vamos logo pro refeitório.

– Tá bom, *vamo* nessa.

Eu estava grato, aliviado e meio tonto, mas tudo estava normal. Passamos pela porta e Noah puxou conversa enquanto caminhamos para o refeitório.

– Com o que sonhou?

– Você não tem ideia...

– Não vai me dizer que foi com a aula chata do Douglas! - Ele riu de sua piada e deu um soco em meu ombro, na mesma hora eu senti uma dor estranha.

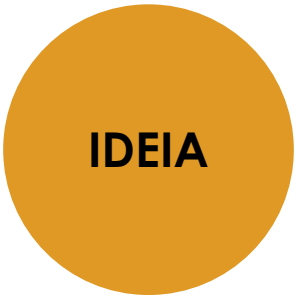
– Ai!

Noah ficou confuso, sem entender. Eu na mesma hora me assustei, tirei meu casaco para ver o que tinha de errado e, tanto eu quanto meu amigo, nos assustamos ao notar um forte e inexplicável corte em meu ombro. E tudo piorou quando ouvi a voz que estava sendo a causa para minhas angústias.

– Olá, Miguel.

A garota olhou para mim, sorrindo de uma forma sádica. A mesma garota que parecia me perseguir e me prender a ela, a garota que era a causa de meu triste e desesperado cativeiro.

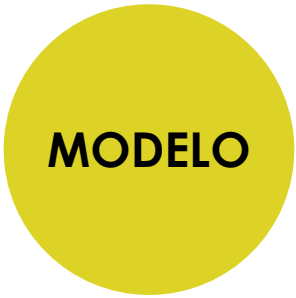
# Ensaio Criativo de O VAZIO




Eu sempre tive uma forte vontade de escrever um romance extenso, podendo abordar vários gêneros e temas, porém mesmo tendo ideias para longos livros, escrever contos me ajudou a desenvolver minha escrita e me deu a oportunidade de aprender a contar uma história de uma forma curta e passar uma mensagem.

Além de criar um mistério e um suspense, eu tive que entender sobre meu personagem, seus jeitos, seus gostos e seu comportamento tanto físico quanto emocional. E então elaborei suas dores, crenças e sua personalidade um tanto questionável.

Embora eu saiba o final de minhas histórias, eu não costumo planejar o comportamento de um personagem, apenas imagino-o na minha mente, sabendo o que ele faria e o que não faria. Assim consigo desenvolver os conflitos e criar uma história baseada em um mistério.




Eu estruturei o documento narrativo contado do ponto de vista do protagonista em um narrador personagem. Temos uma estrutura clássica de protagonista único, objetivo definido e externos, além de conflitos internos para dar o ar emocional da história. O final abre margem para um possível "pós-história", embora responda a pergunta principal se o personagem consegue ou não alcançar seu objetivo.




O protagonista é o narrador da história. Ele relata os acontecimentos da história sob o seu ponto de vista. A partir do momento que o mistério se inicia, nós conhecemos o que o personagem sente, seu medo e sua esperança por estar em um mundo desconhecido e assustador. Sua busca por respostas faz com que a história se desenvolva a partir de suas escolhas e atitudes.




A estrutura narrativa é feita de forma linear e em primeira pessoa. Eu planejei o que aconteceria com o personagem ao decorrer da história, mas suas reações são naturais a partir dos eventos e acontecimentos. Antes, vemos um personagem normal, um estudante comum. Durante o conto, acompanhamos como ele lida emocionalmente com conflitos externos, conhecendo o emocional do personagem. Depois, vemos os resultados de suas escolhas e se ele conseguiu sobreviver aos desafios apresentados.




**Escrita**: Utilizei verbos no passado, focado totalmente em primeira pessoa. Utilizei a forma de falar do personagem para passar a sensação de irrealidade, medo da solidão e vazio absoluto em contraste com o ambiente costumeiramente cheio (escola). Os diálogos, embora importantes, não são o foco, mas utilizei discurso direto usando travessão e desenvolvendo a história a partir dos cenários e jornada do protagonista.

## 2.6 O Plano

*Andryo André*

– É a última vez que deixo isso acontecer!

Eu bradei, apertando meus punhos, sentado em minha cama. Minha respiração estava forte e meus olhos demonstravam séria agitação.

– Está levando pro pessoal... – alertou Mateus, meu amigo de infância.

– Sempre foi pessoal! – Eu me levantei e comecei a caminhar de um lado para o outro sem rumo em meu quarto.

– Relaxa, cara.

– Eu dei o maior duro pra que todo o trabalho saísse do melhor jeito possível, mas quem recebe os méritos? O cretino do Douglas.

– Ele não ajudou também?

– Não! Ficou fazendo corpo mole, e nem se apresentou tão bem assim.

– Se ele um dia fizer alguma coisa boa, você vai aceitar isso?

– Você está me ouvindo?

– Infelizmente...

– Se aquele idiota fizer alguma coisa que preste, vou ser o primeiro a parabenizar.

A razão de muitos dos meus problemas, sem dúvida, era o idiota do Douglas. Não era a primeira vez que aquele cara

se aproveitava de mim ou recebia méritos por algo que ele nem fez. Isso perdurava por muito tempo, fazia 4 anos que é só "Douglas pra lá" "Douglas pra cá", e isso era insuportável.

Nos conhecemos quando estávamos na sexta série. Na verdade, quando tive esse desprazer. Ele era o que todo mundo gostava, carismático, divertido, "engraçado", bonito, sempre com aquele ar boa pinta e de bom moço. Era o queridinho dos professores e as meninas vibravam por ele. Mas pra mim, ele não passava de um pisca-pisca coberto de lama. Aquele cara só tinha aparência e enganava fácil, mas eu nunca caí no *miguezinho* dele.

A primeira vez que percebi que ele era meio sem confiança foi quando estávamos fazendo um trabalho. Como ele era novato, pensei em tentar fazer amizade com ele na época, mas quando fui conversar com ele, a ficha foi caindo. Ele estava meio metido, sabe? Pagava de humilde, mas era muito falso, sempre dizia: "Eu não sou tão bom apresentando ou fazendo trabalhos, pode me ajudar?" E eu, inocente, caía nessa piada. Eu ia lá, ajudava, fazia uma parte do trabalho dele e, quando íamos apresentar, adivinha? Ele apresentou o trabalho de uma forma tão fácil quanto subir uma escada, todo mundo gostou e até bateu palma. Ele recebeu os parabéns, a fama de "Dedicado" e até teve uma nota maior do que a minha, sendo que quem fez aquele negócio todo fui eu! Eu merecia aqueles méritos!

E depois disso foi só ladeira abaixo. Ele começou a andar com os popularzinhos da escola, dando uma de boizão descolado. E se antes ele já era ruim, agora ele estava pior. Obviamente eu evitava ele, nunca é bom criar confusão. Mas quando o povo ia jogar bola na aula de educação física eu sempre

era o foco das boladas na cara. E era de propósito, ninguém tira isso da minha cabeça.

Eu contava tudo isso ao Mateus, meu amigo desde o maternal, mas ele sempre dizia que eu estava exagerando. Mateus sempre foi muito *good vibes*, nunca se metia em encrenca e sempre deixava as coisas pra lá. Um cara tranquilo. Se mandassem ele fazer qualquer que fosse a besteira ele faria, já eu sempre tive meu espírito independente, nunca me importei pra opinião dos outros, e se eu cismava com alguém, era fato que essa pessoa não prestava.

– Você já tentou revidar? – Mateus me perguntou.

– Como assim?

– Bom... nada vai acontecer se você só ficar parado reclamando.

– E você quer mesmo que eu arrume confusão.

– Você não precisa...

Eu não entendi direito o que ele quis dizer, mas pensei em ouvi-lo. Não é sempre que o Mateus me dá ideias ou diz pra eu fazer alguma coisa, então não custava nada sentar e escutar.

– Bem, você disse que ele sempre se sai na melhor.

– Sim.

– Já parou pra pensar que é por você nunca tentar dar o troco?

Por um instante, eu refleti. Aquelas palavras soaram de uma forma estranha. Na realidade, sempre pensei em como eu poderia dar um troco naquele idiota, mas sempre desistia da ideia.

– Não sou de arrumar confusão.

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

– Não sou assim.

– Não significa que precisa ser um idiota que deixa todo mundo fazer o que quiser com você.

– Então o que quer que eu faça?

– Nivele o jogo.

Mateus disse como se fosse especialista no assunto. De certa forma, aquilo me irritava. Mateus nunca se metia nesses assuntos e sempre pedia pra eu não me meter em confusão ou pra eu ignorar toda a situação. Eu não fazia a menor ideia do porquê do nada ele tinha inventado de tentar me apoiar ou me incentivar a fazer alguma coisa.

– Como vou fazer isso?

– Bem... lembra que o Professor pediu pra você avisar a todo mundo sobre a atividade de casa?

– Eita. É mesmo. Valeu por me lembrar.

– Você pode avisar ao povo da sala, mas não a ele.

Naquele momento, eu refleti. Por um lado, seria muito interessante ver aquele idiota recebendo uma bronca depois de tempos sendo paparicado por todo mundo, mas algo em mim dizia que não era exatamente o correto a se fazer. Eu queria ver ele se dando mal, mas não por algo artificial, e sim por algo feito por ele sozinho.

– Não... não seria algo correto.

– Ele por acaso merece que sejam corretos com ele?

– Eu quero que ele se dê mal por ele mesmo, não por algo forjado.

– Quantas vezes ele já fez algo errado e não aconteceu nada? Você só está equilibrando as coisas.

– Você acha?

– Claro. E, além do mais, é uma coisa besta. Não vai fazer tanta diferença no final, mas já vai ajudar você a tomar uma atitude.

– Certo... vou tentar.

Eu ainda estava com receio, mas o Mateus até que tinha um bom ponto. Eu não poderia querer ser um certinho com alguém que não era correto. Ele merecia. Certamente ele merecia. E como o Mateus disse, não é como se fosse grande coisa, uma coisinha pequena dessas não faz mal a ninguém.

Eu fiz exatamente o que o Mateus disse para eu fazer: peguei o celular e alertei um por um sobre o trabalho, enviei mensagem para cada aluno, tive até o esforço de mandar *direct* pelo Instagram quando a pessoa estava sem WhatsApp, mas em particular, fiz questão que o Douglas não recebesse nada, nem sequer uma pista ou hipótese de haver a atividade.

Sinceramente não foi difícil, muito menos emocionante. Eu esperava sentir alguma emoção, felicidade ou até adrenalina em fazer algo "errado" na visão de terceiros, mas na verdade foi a coisa mais simples e sem emoção que eu já fiz em meses. Mas fiquei esperançoso, na espera de que minha felicidade viria quando ele percebesse que havia algo errado.

Quando o dia amanheceu, não demorei para pensar na ocasião. Estava bem curioso para saber como seria. Muitos devem achar algo muito besta, mas eu era uma pessoa muito quieta, nunca fazia nada de errado. Eu tinha motivos para achar qualquer besteira algo diferente ou interessante. Me arrumei, fui para escola e esperei calmamente pela aula do professor. Assim que os alunos começaram a ser chamados, esperei para que alguns entregassem a atividade primeiro que eu, o professor não disse que eu estava encarregado de avisar aos alunos, então estava tudo perfeito para mim. Após o terceiro, eu me levantei, entreguei a atividade e, discretamente, observei a sala e notei o Douglas no fundo, visivelmente con-

fuso e folheando as páginas de seu caderno com certa pressa a procura de alguma anotação, mas sem sucesso.

O que se sucedeu, trouxe para mim um conforto seguido de raiva. Douglas, encurralado, levou o caderno ao professor e conversou algo que não consegui escutar direito. O professor balançou a cabeça em negação e, falando mais alto, pude saber o que estava acontecendo.

– Não posso te dar a nota completa. Os outros alunos entregaram normalmente, então seria injusto.

– Mas eu não sabia da atividade!

– Douglas, todos os alunos foram avisados. E não é a primeira vez que você deixa algo pendente.

Na mesma hora, disfarcei o sorriso. Fingi que estava vendo alguma coisa no meu celular enquanto me atentava à conversa, mas ver aquele idiota recebendo uma bronca era realmente satisfatório, me fazia sentir uma confortável sensação de trabalho feito, um bom trabalho na verdade. Mateus acertou na ideia dessa vez.

– Eu ainda posso entregar ao senhor. Não preciso de muito, só da nota dessa atividade!

– Vamos fazer o seguinte: como você não precisa de tanta nota, amanhã na minha aula você traz todas as atividades atrasadas e eu corrijo todas, mas valendo apenas a nota dessa atividade, okay?

– Por mim tá ótimo! Obrigado.

Douglas agradeceu. O professor ainda balançava a cabeça em negação, mas tinha dado aquela colher de chá.

O meu sorriso desapareceu em poucos minutos. Bufei e tentei me concentrar em outra coisa, mas fiquei novamente repetindo: Sempre beneficiado! Sempre! Sempre! Mesmo

quando ele está errado, é impressionante como não deixam ele se dar mal ou lidar com as consequências das escolhas dele. Naquele momento, eu fitei em meu pensamento uma única coisa: aquilo foi gratificante, mas frustrante, e já estava decidido que o que eu fiz não era o suficiente.

Imediatamente, notifiquei a Mateus sobre o que aconteceu. Ele era o único a quem eu confiava tudo, e sabia também muita coisa sobre mim. Mateus, assim que soube, me deu outra ideia por mensagem, mas já era algo que eu estava pensando.

– Cara, faça outra coisa, então.

– Como o que?

– Sei lá, alguma coisa pequena. Mas se você quer que o povo deixe de favorecê-lo, mostre às pessoas que ele não merece.

– E como vou fazer isso?

– Aí é com você mano.

– Eu te chamei pra me ajudar!

– Sei lá, cara. Fala pra galera, aos poucos, as coisas ruins que ele fez, diz o que ele fala pelas costas dos outros. Se ele é tão ruim você deve saber bastante coisa, né?

– C-claro que sei!

– Então pronto. Eu só dei a ideia, o resto é com você.

Eu revirei os olhos e fechei o celular. Óbvio que tinha muita coisa para dizer do Douglas, mas não seria muito honesto sair divulgando que nem jornalista por aí. Eu precisava ser discreto, mas tinha um certo plano. De pouco em pouco, o pouco vira muito, e de pouco em pouco as pessoas vão começar a perceber o quão cretino aquele idiota é.

O que vou contar agora se sucedeu em dias. Eu sabia que levaria tempo para que o que eu quisesse acontecesse, então comecei a agir o mais cedo possível. Eu, embora tivesse Ma-

teus como meu amigo mais próximo, também tinha outros colegas que acreditariam em mim de uma forma muito fácil. Porém, eu não era próximo de ninguém do círculo de amizades do Douglas. Mas alguns dos meus colegas eram. Aos poucos fui comentando algumas atitudes e alguns acontecimentos que me incomodaram e incomodam. Claro, eu falei um pouco emocionado demais, com mais intensidade. Mas, por mais que achem que não foi exatamente do jeito que eu disse, nada do que falei foge da minha realidade.

Minha ideia era simples e funcional. Com o tempo, as pessoas que me ouviram e que conhecem os próximos ao Douglas iriam falar para eles tudo que eu estava contando. Uma opinião por uma só não vale de nada, mas uma opinião de muitos tem um forte poder, e foi isso que começou a acontecer aos poucos. De pouco em pouco, notava que o antes gigantesco grupo do Douglas ficava cada vez menor. Eles ainda falavam com ele, óbvio. Mas era visível que algo os estava afastando. E também pelas informações que recebiam, os amigos dele começaram a se incomodar com ele, principalmente depois de saberem do que ele é capaz de fazer. É, eu tinha conseguido um bom resultado.

Eu estava confiante. Porém, um dia cheguei em casa, descontraído, sem me importar com nada, apenas satisfeito com meu esforço. Entrei pela porta da frente, meus pais não estavam em casa, e acabei indo para cozinha para fazer umas torradas. Passei pela sala, e tive arrepios ao olhar para a cozinha.

Na minha janela, estava escrito em vermelho: "Eu sei o que você fez..."

Mas o quê? Eu fiquei paralisado por um instante. Alguém invadiu minha casa para deixar essa mensagem que não pare-

cia nada amigável. Eu imediatamente tirei uma foto, e depois apaguei a mensagem antes que meus pais chegassem. Liguei pro Mateus e mostrei a foto para ele.

– Você ainda tem dúvida de quem fez isso? – Mateus me questionou.

– Como eu vou adivinhar?

– Óbvio que foi o Douglas!

– E como ele sabe disso?

– Fofocas se espalham, e o criador delas também!

– Não tem como.

– Óbvio que tem, você precisa dar um basta nisso.

Eu fiquei em silêncio, não sabia exatamente o que dizer.

– Reprove ele.

– O que?

– Se vocês estudarem na mesma sala, isso vai complicar. Reprova ele!

– E como eu vou fazer isso?

– Próxima semana terá um trabalho pra apresentar e ele precisa ser aprovado nas matérias pra passar. Se ele reprovar nessa, ele não passa de ano. Acabe com o trabalho dele.

– Isso é extremo demais...

– Isso faz diferença?

Bem, realmente não fazia diferença. Finalmente seria minha revanche, minha vingança. Ele merecia, com certeza ele merecia. E finalmente eu teria paz, só bastava pensar em como eu ia estragar a apresentação dele.

A apresentação iria ser na frente da sala, em slide. Douglas sempre usava *pen drive*, mesmo existindo *One Drive*, isso iria facilitar minha vida. Eu esperei chegar o dia, e o que iria fazer era simples: eu acabaria com o *pen drive* dele. Não estava

me importando se aquilo era errado ou não. Eu queria fazer aquilo. Eu esperei, esperei, esperei. Eu só pensava naquilo, e estava satisfeito em querer fazer aquilo.

No dia da apresentação, eu estava pronto. Praticamente era meu motivo para ir à escola nesse dia. Eu andei pelos corredores, em direção à sala de aula. Mas, antes que chegasse lá, vi o cretino do Douglas vindo em minha direção. Eu pensei em só ignorá-lo, mas fui surpreendido... Quando passei por ele, a forma calorosa que ele escolheu para me receber foi com um soco em meu rosto.

– EU DEVERIA TER FEITO ISSO HÁ MUITO TEMPO! – ele gritou.

Eu não soube reagir, não entendi o que aconteceu. Foi rápido demais. Toda a escola parou para assistir ao que aconteceu.

– O que foi isso!?

– Isso é para você aprender a não sair por aí falando merda dos outros!

– Você tá louco?!

– Eu sei que você queria destruir meu *pen drive*! Sei que você falou merda de mim pela escola toda!

– Eu? Eu não fiz isso!

– Cara! Me enviaram prints de conversas! Eu vi tudo o que você fez. Você se prepare seu canalha, pois você tá muito ferrado!

Ele me mostrou a conversa e eu fiquei surpreso. Realmente estava tudo lá. Era meu número, era meu contato, mas eu não havia digitado aquilo, não havia conversado com ninguém sobre o que planejava fazer e não fazia a menor ideia de como ele tinha aquilo.

Eu acabei sendo suspenso, estava em meu quarto, era umas dez da noite, não consegui dormir. Pensei naquilo à tarde e à noite toda. Sei lá, poderia ser *Photoshop*, alguma edição ou um aplicativo. Mas quem fez aquilo? E como sabia de tudo aquilo?

– É, seu tiro saiu pela culatra... – uma voz disse.

Eu congelei. Procurei em meu quarto, iluminado apenas pela luz noturna que passava pela janela aberta.

– Q-quem disse isso?!

Eu fiquei ofegante. Me encolhi no canto de minha cama e tentei me proteger segurando o lençol como se fosse uma criança. Eu senti um vento frio entrar e uma sensação estranha em meu corpo, que começou a se arrepiar. Alguém invadiu meu quarto.

– Você queria fazer a sua "vingança", mas não teve capacidade.

Ouvi barulhos de passos e vi, saindo do escuro, uma pessoa. Sua silhueta era iluminada aos poucos pela luz até finalmente mostrar a sua face.

Mateus.

– O que você está fazendo aqui?! – eu perguntei assustado. Ver o rosto de Mateus melhorava a situação, mas ainda havia algo que me incomodava, me deixava angustiado e me impedia de ir até ele. Ele estava diferente.

– Gostou de ver o que é capaz de fazer? – ele me perguntou.

– Como assim?

– Você estava com dificuldades... resolvi ajudar.

– Do que está falando?

– Na verdade, como é sofrer exatamente aquilo que você faz com os outros?

– Peraí...

Na mesma hora, veio um choque de realidade: ele era o único que sabia de tudo. Ele planejou tudo, ele me entregou.

– Você me entregou? Forjou os prints pro Douglas?

– Não parecia justo...

– Você teve a ideia!

– Eu? Eu apenas dei uma proposta. Você espalhou as injúrias sozinho. Você planejou e tinha a intenção de sabotar outra pessoa por achar que ela não merecia o que tinha.

– E ele não merece! É um arrogante. Você sabe!

Mateus sorriu, debochando da minha cara.

– Olha quem fala... nosso juiz.

– Você sabe que tenho motivos!

– Você tem mesmo? Ou apenas sentia raiva por não ser você? Por se achar melhor ou mais certo que os outros?

– Eu confiei em você!

– O Mateus também... Mas ele não gostou de saber que você o chamava de fracote pelas costas...

Eu congelei, como assim o Mateus?

– Do que está falando?

Na mesma hora, eu presenciei algo que me fez questionar se eu estava tendo um pesadelo ou uma alucinação. De uma forma grotesca, aquilo que parecia o Mateus se transformou em uma versão minha idêntica, em carne pura, como uma metamorfose estranha e realista.

– Meu Deus...

– Eles não prestam... Eu presto... Eu nunca fiz nada errado, mas eles fizeram... Te lembra alguém? Tem três chances.

Ele usava minha voz, minha aparência. Senti meu fôlego sair naquele momento, minha respiração parou e eu não con-

seguia gritar. Eu olhei pra porta pensando em fugir, mas imediatamente ela trancou-se sozinha e a minha janela fechou-se na mesma hora.

– As pessoas têm uma qualidade muito engraçada... Elas conseguem ser tão arrogantes e sujas a ponto de condenar os outros, e não veem em si seus próprios erros e falhas... Elas brigam... guerreiam... se matam... e isso para mim é como um delicioso prato bem temperado.

– Socorro... – eu falei rouco, baixo, sem voz.

– Socorro? Você é podre, Victor!

– Não...

– Você é sujo... Você e todas as outras pessoas. E sabe o melhor? Eu nem preciso fazer nada... vocês conseguem fazer isso sozinhos... Às vezes até me surpreendem...

Eu estava chorando, uma angústia forte atingiu meu corpo, eu só queria correr.

– Mas obrigado, Victor... Você me serviu direitinho...

– Sai do meu quarto... – eu disse baixinho, gaguejando e soluçando.

– O que?

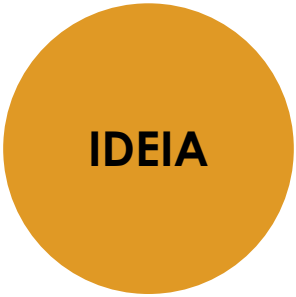
– Você não é bem-vindo aqui! Sai daqui! – eu gritei, me tremendo e, de forma impulsiva e desesperada, peguei a estátua de um brinquedo que tinha de ferro puro em minha escrivaninha e lancei no rosto da figura idêntica à minha. Ela não desviou, o impacto fez com que um corte desfigurasse sua testa. Mas foi pior... Ela voltou o rosto sangrando com o corte aberto para mim e sorriu de uma forma macabra, sádica e amedrontadora... Por um instante, o silêncio permaneceu no quarto. Meu corpo paralisou, não conseguia gritar, não ouvia sequer o barulho do vento. Estava um ensurdecedor e deses-

perador silêncio. E, depois de segundos que pareciam horas e horas encarando aquela coisa, minha cortina fechou, o quarto afundou em uma escuridão completa e a última coisa que lembro dessa noite foi um grito atormentado e esganado em meus ouvidos.

Eu acordei no dia seguinte, suado, sem entender o que havia acontecido. Minha suspensão havia passado e, posteriormente, pedi a meus pais para trocar de escola. Sobre o Mateus, nunca tive notícias de meus amigos. O contato dele e os nossos desenhos sumiram completamente. Eu não gosto de me lembrar do que houve, mas sei que não entendo e nem sei o que era aquilo... Eu esqueci completamente todo rancor que sentia, já que o rancor fora substituído por medo e ansiedade. Ninguém acreditaria em mim, mesmo se eu explicasse tudo, mas sei que aquilo tudo foi real. Nunca mais tive contato direto com a criatura, mas, de vez em quando, em algumas noites de madrugada, costumo sentir a presença dele, como se ele estivesse olhando para mim no escuro... E raras vezes, ainda escuto a voz dele em minha cabeça repetindo aquela maldita frase.

Eu sei o que você fez...

## Ensaio Criativo de
## O PLANO




Como dito no Ensaio Criativo do último conto (O Vazio), sempre tive vontade de escreve um romance longo e os contos me ajudam a desenvolver a escrita e a entender meus personagens na hora de passar uma mensagem em uma história curta. Embora eu saiba o final de minhas histórias, eu não costumo planejar o comportamento de um personagem, apenas imagino-o na minha mente, sabendo o que ele faria e não faria. E assim consigo desenvolver os conflitos pessoais e intrapessoais, expandindo a história.




Eu estruturei o documento narrativo contado do ponto de vista do protagonista em um narrador personagem. Temos uma estrutura clássica de protagonista único com objetivo definido e externos, além de conflitos internos para impulsionar não só o leitor, mas também como um dos principais focos da

história. O final, embora termine a história por completo, abre espaço para uma interpretação de se ele é fechado ou aberto, mas responde à pergunta dramática se o personagem consegue seu objetivo.




O protagonista é o narrador da história, tudo que sabemos vem dele. Ele é o único que apresenta seu lado e, ao longo da história, lemos o conto como se estivéssemos falando diretamente com ele pela forma livre e aberta de como ele se comunica. Também notamos que seu lado não é de confiança, já que tem um lado emocional e ultra parcial que guia suas atitudes, além de que são seus sentimentos e frustrações que dão motivo para a história existir e, sem eles, o conto não poderia seguir em frente.







O início, meio e fim da estrutura narrativa foi construída de forma linear e baseada cem por cento na visão em primeira pessoa do personagem. Eu não planejei o que o protagonis-

ta faria, mas sabia as suas reações de acordo com os conflitos principais da obra. No antes, temos o personagem apresentando sua perspectiva e seu problema tanto externo quanto emocional e interno. No durante, temos a sua forma de reação ao problema e depois temos as consequências de suas atitudes e a reflexão final.




Utilizei verbos no passado, focado totalmente em primeira pessoa. A dinâmica das palavras e a forma de falar do narrador trazem a sensação de estar lendo um relato informal, porém mantendo as regras básicas de escrita. Diálogos rápidos em discurso direto usando travessão e desenvolvimento através da narrativa do protagonista.

## 2.7 O Canto Mais Escuro da Floresta

*Grazielle Duarte*

O imenso pátio da escola Novo Mundo está repleto de folhas e sujeira. O barulho das vassouras preenche o silêncio entre os três adolescentes. A mistura do fedor das merdas de gato e poeira enfurece os sentidos. Felipe se encosta na parede mais próxima e eleva o olhar para o bosque responsável por toda aquela sujeira no pátio.

– Vocês não sentem nenhum pouquinho de curiosidade de saber o que tem naqueles matos? – questiona, olhando para as duas meninas.

– Felipe, não inventa – Rita esbraveja.

– Eu que não tô a fim de pegar mais nenhuma advertência por tua causa. – Julia resmunga.

Felipe coça a nuca, meio contrariado.

– Era só uma perguntinha... – ele murmura. – Para mim não faz sentido termos um bosque desse tamanho e não poder dar nem uma exploradinha.

Rita olha para ele pelo canto do olho.

– Para mim não faz sentido esse *faniquito* por fazer besteira que você tem.

– E lá não é seguro, você sabe bem – diz Julia, mediando o trio.

– Todas essas histórias não passam de uma grande bobagem. – Felipe desdenha.

– Bom... Eu acredito. – A menina dá de ombros. – E, além disso, é contra as regras da escola nós andarmos por lá.

– Você acredita porque é cagona. E também era contra as regras da escola irmos na cozinha em horário de aula.

Rita ignora ambos, concentrada demais em terminar sua tarefa o mais rápido possível. Não que ela acredite naquelas histórias toscas como Julia, mas caso sejam verdade... ela que não quer ficar para comprovar.

O sol já começa a se esconder atrás das árvores, deixando um rastro de laranja e rosa no céu que escurece. O vento de fim de tarde já se faz presente, e com ele, barulhos de galhos vindos do bosque. A atividade punitiva que os três receberam ocupou a tarde inteira, e tudo por culpa de mais uma das ideias estúpidas de Felipe.

– Você é um impulsivo que nos arrasta para ideias toscas – responde Julia.

Felipe apenas resmunga baixo.

– Calem a boca – interrompe Rita.

Felipe e Julia trocam olhares cúmplices e risinhos.

– Ritinha sendo Ritinha reclamona. – Juntos, eles zombam da menina.

Felipe joga sua vassoura no chão e anda em direção ao bosque.

– Ah... quer saber... – ele murmura baixo, andando mais rápido em direção às árvores. Felipe vira, continuando a andar de costas em direção ao bosque e grita:

– A vida é uma só!

O canto baixo de uma coruja chega aos ouvidos dos três. Julia se empertiga:

– Felipe! Fica aqui, já está escurecendo!

– Vocês não precisam vir, volto logo. Não tenho medo de corujas faxineiras! – diz Felipe, sorrindo. Ele continua a andar para dentro do bosque, acelerando os passos, animado, até sumir entre as sombras suaves das árvores do bosque cada vez mais escuro. O vento parece mais forte a cada segundo.

– Esse filho da mãe, nem terminou a parte dele – Rita diz com indignação, tirando a vassoura do garoto do chão e pondo-a no canto da parede. – Só queria era meter o pé.

– Pelo menos, dessa vez ele não nos convenceu a ir para mais uma dessas ideias malucas dele. Menos uma advertência pra nós – Julia brinca, mas Rita percebe o tom perturbado na voz da amiga; o canto da coruja deixando-a assustada.

Rita sente-se aflita, não pelas histórias macabras que os adolescentes espalham pela escola e que Julia tanto teme, mas por Felipe e suas atitudes impulsivas. A floresta é grande e densa. Como ele achará o caminho de volta sozinho se for longe demais? O resultado da última besteira de Felipe encoberta pelas amigas lhes rendeu um trabalho pior que limpar um pátio sujo. Rita espera que ele volte antes que elas precisem mentir de novo.

O sol se põe, dando lugar a uma enorme lua cheia que ilumina parcialmente o bosque e o pátio, que combinada com a névoa que surge parece deixar Julia ainda mais inquieta.

Algo se move em meio ao mar de árvores, o vento muda seu curso, mas nada sai da escuridão.

– Hm, o Felipe já deveria ter retornado, não? – pergunta Julia, aflita.

– É... – Rita verifica o relógio em seu pulso. – As aulas da tarde daqui a pouco terminam. Vamos esperar mais um pouco.

– Ritinha...

– Não começa, Julia. O Felipe só está querendo dar um susto em você, fique calma.

– Deve ser isso mesmo... – Julia assente, passando a mão pelo próprio colar. – Vamos guardar as vassouras, então.

Rita concorda. Ela segura sua própria vassoura e busca a de Felipe. Julia a segue de perto, parecendo temer ficar sozinha.

O vento retorna mais forte, movimentando as árvores e trazendo algumas folhas de volta.

Assim que ambas entram, a porta da sala de limpeza se fecha. Julia solta um gritinho esganiçado.

Rita leva a mão ao peito, vendo os pelos eriçados da amiga.

– Foi só o vento...

Um grito alto chega aos ouvidos das jovens.

Julia e Ritinha se encaram com os olhos arregalados. Julia engole seco, assustada.

– Isso não veio do bosque, veio?

Elas ficam em silêncio, esperando alguns segundos, mas o grito não se repete.

– Pode ter vindo de dentro da escola, Julia. – Rita afirma, sem convicção. – Vamos pegar as nossas coisas e ir para casa.

Rita caminha em direção à porta, sendo interceptada por Julia, que a observa com seus grandes olhos cheios de preocupação.

– E o Felipe?

– Ele já deve ter voltado – a menina responde, pegando na mão de Julia e a arrastando para fora da sala. – Olhe, ele...

A frase morre diante do bosque denso. Grilos anunciam a escuridão, e nenhum sinal de Felipe. Para piorar, o caminho até os limites da escola não tem iluminação.

*Maldita escola desleixada*, pensa Rita.

– Temos que buscar ele. – Julia aperta a mão da menina.

– Julia, você conhece o Felipe, ele deve estar voltando. – Ritinha olha para a amiga. Dos três, Julia sempre foi a mais medrosa e emocional. – Vou ligar pra ele.

Rita tira seu celular do bolso, e disca rápido o número do amigo. O telefone chama. Sem resposta. O telefone chama mais uma vez, e Rita sente sua mão sendo esmagada pela amiga. O celular continua a soar, até dar seu toque final e morrer.

A tentativa falha instalando um longo silêncio entre as duas.

Com testa franzida, Rita se aproxima do bosque, arrastando Julia pela mão. *Onde você se meteu?* Ritinha pensa.

– Felipe! – ela berra o mais alto que pode.

As folhas de uma das árvores mais distantes se movimentam.

– SE ISSO FOR UMA BRINCADEIRA, EU TE MATO! – Rita grita.

Felipe não responde; nem os galhos. Mas o vento se manifesta, bagunçando e agitando os cabelos de ambas. As meninas continuam em frente à extensão de árvores escuras e retorcidas à espera de algum sinal.

Rita analisa Julia, que está pálida. A menina olha para o pulso, conferindo as horas. Daqui a alguns minutos ela tem que ir para casa, ou sua mãe reclamará do horário.

– Quando eu encontrar esse menino, vou puxar as orelhas dele. – ela suspira, acendendo a lanterna do celular.

– Não vamos entrar aí, né, Ritinha? – Julia choraminga.

– Claro que vamos, nós estamos sempre atrás desse traste do Felipe para salvá-lo de si mesmo – responde Rita com mau humor.

O caminho floresta adentro é escuro e difícil de se andar. O cheiro de fezes de bicho e mato mexe com os sentidos das duas. Julia está quieta, preocupando Rita.

Ao caminharem, os galhos quebram e as folhas fazem barulho. A floresta se cala, amplificando os chamados altos das meninas por Felipe, que andam sem rumo em meio às árvores. Rita se mantém concentrada com o celular em mãos. Enquanto Julia parece se assustar com cada brisa que chega.

Um barulho diferente e alto soa atrás delas. Julia agarra mais forte o braço da amiga. As duas se viram e, antes que elas possam ver, o celular de Rita pisca sem parar.

– Que merda é isso? – Rita reclama.

O celular desliga quando para de piscar. A dona do aparelho xinga e tenta ligá-lo, mas nenhum sinal de que retornará a funcionar vem. A escuridão da floresta as abraça e o barulho se repete mais alto e próximo.

Julia, de maneira desesperada, retira o próprio celular do bolso e liga a lanterna na direção do som. Nada se encontra ali, apenas mais arbustos e matos há muito tempo podados.

– Eu não quero mais ficar aqui – Julia choraminga quando a amiga a puxa.

Rita e Julia passam a andar mais depressa, movimentando folhas secas e os galhos retorcidos no chão. Um assovio baixo chama a atenção de Rita quando um mato acima se move, elas escutam o som se repetir mais estridente, dessa vez Julia parece o reconhecer. Ela ofega quando se depara com o animal parado em um dos galhos.

A coruja é pequena e branca, comum se não fosse pelos olhos vermelhos. O bicho inclina o pescoço, como se analisasse as meninas e farejasse medo. A respiração de Julia soa alta e

descompassada. Rita olha para a amiga e a conforta.

– É apenas uma coruja.

Ao ouvir aquilo, a coruja passa a observar Rita com os grandes olhos e começa a abrir as asas devagar. Julia dá um passo para trás, quebrando um galho em um estalo. A coruja olha para as duas meninas por longos segundos, quando, enfim, levanta o voo deixa para trás o horrível som de pano sendo rasgado. O mesmo som aterrorizante das outras vezes.

– Era uma rasga-mortalha – sussurra Julia, transparecendo pavor.

– Como é que é?

– Rasga-mortalha. Coruja que anuncia morte.

O nome desperta memórias em Rita. A lenda dessa coruja era famosa em sua família, lembrava bem de ouvir o canto do animal quando criança e a avó ficar tão assustada quanto Julia. Rita era pequena demais para saber dos detalhes, mas sabia que sua vó sempre a alertou que um dia Ritinha entenderia o porquê de seu medo.

Mas nada daquilo faz sentido.

– Julia, isso é história que a minha vó me contava quando...

Rita não finaliza a frase quando um ponto no escuro chama atenção. Está incerta se o que vê é real ou sua imaginação. Seus olhos focam, e com um arrepio de horror e alívio ela sussurra:

– Ah, meu Deus...

Abaixo de uma árvore, a cabeça de Felipe está enfiada entre seus joelhos. Ele murmura coisas inaudíveis, parece perturbado. O menino não percebe a aproximação das amigas. Elas se agacham devagar ao lado dele.

O garoto não recua, nem levanta a cabeça quando Julia acaricia os cabelos dele com certo carinho.

– Lipe? – ela o chama.

Rita o observa com apreensão. O menino levanta a cabeça e seus olhos, agora parecendo opacos e fundos, brilham quando percebe as amigas. Felipe ofega e se lança em cima das duas.

– Finalmente – ele murmura. – Vamos embora, por favor. Quero minha casa.

Rita e Julia trocam olhares preocupados e interrogativos.

– O que aconteceu com você? – Rita questiona, reparando em seu uniforme sujo de terra e rasgado em alguns pontos.

– Só vamos sair logo, por favor – ele replica sussurrando. Felipe olha para as árvores assustado e se encolhe. Seus olhos contém um horror que nunca esteve presente.

– Sim, claro. Vamos, Julia – Rita chama, entrelaçando seu braço no braço do amigo e segurando a mão da outra.

Juntos, os três caminham em silêncio de volta para a escola. Conforme se aproximam do que acham ser o pátio, mais escuro fica o bosque. O som dos grilos é o que os guia na mata que os confunde. Dessa vez, Rita vê os matos se mexerem, mesmo que dentro do bosque o vento quase não exista.

– Quando sairmos daqui, não olhem para trás. Apenas peço isso – murmura Felipe.

Rita franze a testa, porém assente. Julia concorda sem pestanejar. Os três sabem que nunca mais retornarão àquele lugar.

Finalmente chegam ao começo do bosque. Agora eles veem o pátio abandonado, a sala de limpeza com a ridícula porta amarela neon, e a porta de vidro do corredor de salas

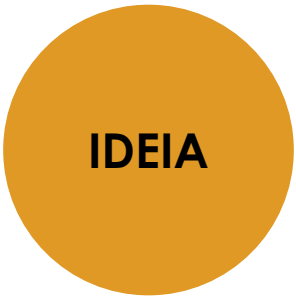
menos utilizadas. Rita tem a certeza de que as pessoas daquela escola não escutaram nem o mais alto barulho como os gritos assustadores da coruja branca, talvez nem mesmo tenham sentido a falta dos três adolescentes.

Pela primeira vez, Rita nota que seu relógio havia parado de funcionar. Seu celular volta a ligar no momento em que eles se afastam mais. *Mas que diabos é isso?,* Ritinha pensa.

Esquecendo do pedido de Felipe, ela se deixa levar e olha para trás. Ao longe, no canto mais escuro da floresta, ela vê a coruja olhando para os três com seus pavorosos olhos. Rita nota a boca do animal formando um sorriso largo e macabro. Junto ao bicho, uma figura esbranquiçada reside em meio aos arbustos. Com os olhos cheios de pavor, ela se vira e pisca querendo esquecer tudo aquilo.

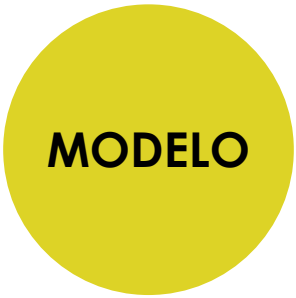
Por longos anos, a memória daquela noite era viva nos três amigos, e o mistério do que Felipe viu e viveu lá dentro seria guardado por ele.

## Ensaio Criativo de
## O CANTO MAIS ESCURO DA FLORESTA




Quando recebi o gênero suspense, logo pensei em quais eram as histórias que eu tinha como repertório, que eram poucas. Então, pesquisei e achei o livro ''Dr. negro e outros contos de mistério''. Nele, tive como referência como eu criaria o suspense e mistério no conto.

A ideia em si, a princípio, veio quando pensei na época do *Halloween*, festas escolares e grupo de amigos, e me perguntei como exatamente eu poderia criar um suspense de mistério com base nesses três tópicos. A partir disso, formulei melhor a trama e pensei em como seria os personagens, suas personalidades e, principalmente, suas diferentes formas de agir e reagir diante das situações sobrenaturais propostas, e, consequentemente, como eles moveriam a trama.



Optei pela Narrativa Clássica, estruturando a trama e seus acontecimentos, com um final puxado para o irônico.




Minhas ideias nem sempre vem conforme o esperado, mas eu sabia que queria um trio com personalidades distintas, assim como sabia que precisava de um protagonista impulsivo. Sendo assim, o trio protagonista apenas surgiu pronto na minha cabeça: Julia, a mais emotiva e leal do grupo; Ritinha, ranzinza e pé no chão; e Felipe, o corajoso e impulsivo. Pensei que assim, ao final do conto, cada um teria passado pela experiência que mudou algo dentro dos três.







Com a ideia formada, a estrutura foi sendo construída: Felipe, seguindo os próprios instintos, segue mata adentro e some por horas; as amigas, o oposto uma da outra, começam a busca por ele, enfrentando eventos repentinos e lidando com a situação de formas diferentes. Com o amigo de volta, o trio

entende certas coisas: Felipe, talvez agora acredite mais em lendas e pense antes de agir; Rita, antes ranzinza, agora cogita que Julia estivesse certa; e Julia, antes medrosa demais, segue atrás do amigo, pois é mais importante.




Com a focalização em terceira pessoa e verbos no presente, busquei a criação da tensão e do mistério nas cenas. Após o primeiro rascunho e revisão, me atentei em focalizar os pensamentos e sensações de apenas uma das personagens e trazer profundidade à escrita conforme orientação. Me atentei em deixar o texto mais enxuto, modificando e encurtando parágrafos.

## 2.8 A Porta

*Grazielle Duarte*

Santa Família é uma pequena escola situada no interior do RN. Pouco popular, os anos escolares vão até o ensino fundamental. Os finais de ano sempre são melancólicos entre os alunos do nono ano, com discursos de saudade aos colegas que irão se separar. Mas não para duas alunas específicas.

– Aqui é bem melhor – diz Helena, tirando a sujeira do vestido de gala.

– Se "bem melhor" você quer dizer estar sentada nesse corredor sujo em vez de estar no meio daquelas pessoas... – Vitoria olha para a amiga e sorri – concordo com você.

– Com toda aquela comoção, até parece que a sala era unida.

– Podíamos fazer algo que valesse a pena esse último dia juntas – Vitoria, batucando os próprios joelhos, observa os arredores.

Os professores convidados para festa, os alunos e seus pais se concentram no pátio no qual a comemoração acontecia. A música, agora animada, chega baixa onde ambas as amigas se encontram. Os corredores estão vazios e sem a inspeção da diretora Fernanda. As salas estão de livre acesso.

Então, um óbvio pensamento surge na cabeça inquieta de Vitória.

– Sabe aquela porta?

– A porta que a diretora esconde os corpos que ela mata? – Helena sorri com a própria piada. – O que tem?

Vitoria encara a amiga, erguendo as sobrancelhas.

– Não... – Helena sacode a cabeça.

– Sim!

– Vitória, nós poderíamos ser...

– Expulsas? – Vitoria debocha. – Já passamos de ano, é o nosso último dia. Não quero sair desse lugar sem saber o que diabos tem naquela sala.

Helena parece avaliar a ideia, como sempre faz quando o assunto é alguma ideia de Vitória. E a resposta é a mesma de sempre:

– Vamos logo – Ela se levanta revirando os olhos.

Vitoria abre um sorriso animado e puxa a amiga pela mão. Elas andam pelos corredores sem intervenção alguma, sendo paradas uma única vez por uma funcionária da limpeza.

– Vocês não deveriam estar na festa, mocinhas?

– Estamos indo ao banheiro, tia – Vitoria responde sem hesitar.

As duas conhecem muito bem o caminho para a famosa porta proibida. Nunca souberam o motivo daquela parte da escola ser restrita aos alunos, e isso dá espaço para as mentes criativas dos adolescentes criarem suas lendas. Vitoria logo nota que o lugar parece mais escuro e quieto do que o normal.

– Nunca notei que o pátio da escola era tão longe assim dessa parte.

– Não dá pra ouvir nada da festa – Helena concorda.

– Isso é ótimo, ninguém para nos impedir!

– Vitoria...

Ela franze a testa e olha para Helena, estranhando o tom de sua voz.

– O que foi?

– Por que a porta tá com esse brilho esquisito?

Elas param dois metros à frente da porta. Vitoria analisa e percebe que existe mesmo um brilho azul incomum ao redor dela.

– Pode ser só mais uma decoração – ela sugere, dando de ombros.

Helena olha para a amiga com o olhar desconfiado. Sem se importar, Vitoria caminha até a porta e gira a maçaneta devagar.

A porta abre.

– Ih, abriu? – Ela franze a testa e olha para trás. – Achei que estivesse ao menos trancada.

– Como assim? Toda aquela chatice e proteção pra gente não chegar perto da porta, pra agora ela estar aberta? – Helena se aproxima – Que ridículo.

A sala aberta é comum e igual às demais salas da escola, a não ser pela lousa verde e desgastada ao fundo, as mesas e carteiras escolares que parecem ser dos anos noventa e estarem abandonadas ali.

– E a sala não tem nada de mais – Vitoria comenta assim que entra.

– Todo esse mistério por isso? – Helena pousa as mãos na cintura, observando o lugar.

A porta se fecha em um estrondo. O coração de Vitória se acelera pelo susto repentino.

– Ai, caramba! Achei que você estivesse segurando a porta, Helena!

– Não achei que ela fosse bater! – Ela leva a mão ao peito. – Nem tem vento aqui.

– Vamos embora logo – Vitoria resmunga. – Não acredito que esse tempo todo morri de curiosidade pra ser só mais uma sala normal.

Helena concorda com a cabeça e abre a porta novamente. Uma luz forte invade o lugar, afetando a visão das duas. Assim que os olhos de Vitória se acomodam com a luz, ela se espanta com o que vê.

– O que diabos aconteceu? – Helena verbaliza os pensamentos da outra.

Do lado de fora da sala está totalmente claro, como ficam os corredores da escola de manhã.

– A escola nunca ficou tão clara assim de noite. – Vitoria esfrega os próprios olhos. – Por que acenderam as luzes?

Helena corre pelos corredores deixando Vitória para trás. Elas correm sem rumo pela escola. Vitória nota pequenas mudanças; no lugar dos azulejos nas paredes há apenas uma coloração amarela pacata. E a escola, que antes estava vazia, agora tem vários alunos com uniformes diferentes olhando torto para as duas.

Elas têm a confirmação que está de dia quando chegam à parte externa da escola. Nada faz sentido. As crianças e adolescentes que passam por elas as julgam e riem.

– Esse uniforme não é o nosso – Helena pontua respirando alto.

Vitoria franze a testa assustada.

– Parece roupa do tempo da minha mãe.

– Não estou entendendo nada. Por que está de dia? Por que não reconheço nenhum desses rostos?

Vitoria não responde. Ela também não sabe.

– Com licença, senhoritas, posso saber que roupas são essas? – Uma voz feminina surge atrás delas.

A mulher é madura, não passa dos cinquenta. Tem uma carranca natural que lembra a diretora Fernanda. E causa o mesmo nível de medo.

– Hm... – Vitoria olha para Helena em busca de ajuda. – Nós... não somos daqui

– Isso, nós estávamos na nossa festa de formatura e então...

– Ora, meninas, não sejam tolas. Parem de inventar coisas. Vão tirar esses vestidos exagerados! Onde vocês arrumaram isso?

– Mas nós... – Vitoria sente vontade de chorar. Está perdida e confusa.

Sem escolha, as meninas obedecem ao que parece ser a diretora. Descobrem que a escola é um internato e tentam se misturar aos demais alunos. Os comportamentos de todos são diferentes do que estão habituadas, como se estivessem no passado. Não sabem o que fazer senão copiar o que todos fazem.

Entre os intervalos de aulas, vão atrás da porta de onde vieram. Naquele mundo de tempo diferente a porta também é proibida aos alunos. A diretora carrancuda, que se chama Amanda, tem olhos tão afiados quanto Fernanda e manda as meninas irem embora quando as vê perto do lugar.

– Podemos tentar chegar lá quando anoitecer – Vitoria sussurra para Helena.

Vitoria, assustada e com medo, não sabe para onde ir e o que fazer. Se a porta poderá levá-las de volta para casa, não

tem certeza, mas tenta se manter tranquila para que Helena não surte de vez. Elas tentam o máximo que podem esconder o medo de estarem sozinhas em um lugar estranho.

Quando anoitece e a diretora manda todos para seus quartos, Vitória e Helena obedecem, esperando a oportunidade surgir. A diretora se despede dos dormitórios femininos para vistoriar os masculinos, e é quando ambas saem de suas camas. Com cautela, se movem pelas sombras dos corredores, desviando dos vigias que cochilam encostados nas paredes até chegar à porta.

Helena reza baixinho para não estar trancada, enquanto Vitoria se esforça para girar a maçaneta sem fazer muito barulho. Um suspiro de alívio escapa das duas quando a porta abre.

A visão da sala é diferente. A lousa verde é nova, as mesas e cadeiras estão em bom estado como as que elas usaram hoje. O lugar é arejado e ventilado, utilizado frequentemente.

– Vamos fazer como fizemos da última vez – diz Helena. – Entramos, fechamos a porta e abrimos de novo.

– Isso vai funcionar.

– Eu espero – responde com expectativa.

E assim fazem. Entram na sala, fecham a porta e abrem novamente. O corredor continua da mesma forma.

Helena olha desesperada para Vitória.

– O que fizemos de errado?

– Eu não sei! E agora o que faremos? – Vitoria bate a mão na própria testa, perdida.

Elas andam em círculos pela sala por segundos ou horas. Até a porta bater em um estrondo. Vitoria pula de susto, massageando o peito acelerado.

– Ai caramba! Achei que você estivesse segurando a porta, Helena!

– Não achei que ela fosse bater! – Helena também leva a mão ao peito, franzindo a testa. – Já falamos essas mesmas coisas...

– Será que...

Os olhares das duas brilham em esperança quando se cruzam. Helena anda a passos apressados e tropeços até a porta e abre.

Dessa vez as duas estão preparadas para a claridade que virá a seguir e protegem seus olhos. Só não contavam encontrar a diretora Fernanda à espera delas.

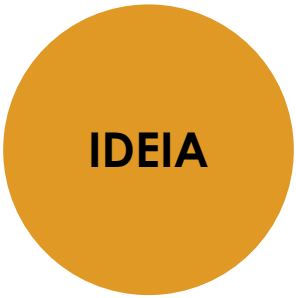
– Meninas! Vamos, seus pais estão esperando para os últimos discursos de despedida!

Vitoria olha desconfiada para a diretora. Espera algum tipo de bronca ou questionamento pelo sumiço, ou invasão da sala, mas nada vem. Ela olha para Helena, e entende no olhar da amiga que aquilo está estranho. A formatura agora acontece de dia?

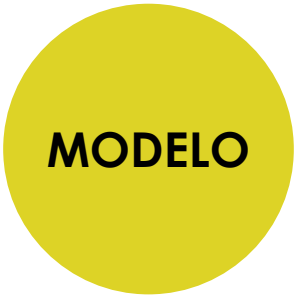
Com um olhar, concordam em não questionar. Apenas por estarem de volta em casa e com um rosto familiar estão felizes.

Mas se perguntam se de fato estão em casa.

## Ensaio Criativo de A PORTA




Usei como inspiração para criação desse conto, meu repertório de histórias e vivências. A ideia surgiu de um relato de terror que ouvi sobre um armário proibido na casa de uma avó e as consequências após a infração dessa regra imposta, logo pensei que poderia criar algo com base nisso. Seguindo adiante, desenvolvi a trama para ser curta e terminasse com uma dúvida deixada no leitor.




Sabia que queria um final aberto, gerando a quebra de expectativa e dúvida: as personagens conseguiram cumprir o objetivo ou não? Depois disso, pensei na narrativa que desenvolveria e a moral que poderia trazer.




Antes mesmo de pensar na ideia, pensei nas personagens. Helena e Vitória, uma dupla inseparável que cresceu junto. Helena, a garota introvertida que não fazia questão de estar próxima aos demais colegas e Vitoria, hiperativa e companheira. Ambas jovens e corajosas o suficiente para infringir regras sem pensar nas consequências e ter que lidar com elas sozinhas. Sendo assim, a narrativa seria movida por tais aspectos.




A estrutura foi montada de acordo com as consequências das escolhas das personagens. No início, a escolha de ir ao lugar proibido; no meio, as consequências do ato e a tentativa de voltar para a 'realidade' delas; no final, elas voltam para o que acham ser o mundo real. No fim, as duas entendem a lição: as regras existem por um motivo.




**Escrita**: verbos no presente e focalização em terceira pessoa. Optei por períodos e descrições curtas com intercalação entre ação e reação das personagens.



# Posfácio

A leitura deste livro evidencia uma convicção pedagógica fundamental: escrever não é um ato fortuito, reservado a momentos raros de inspiração, mas um processo construído, cultivado e aprimorado por meio de leitura, método e orientação qualificada. Ao apresentar a trajetória do projeto *Sala dos Escritores* e reunir contos de suspense produzidos, a obra demonstra, de forma concreta, que a produção textual pode – e deve – ser ensinada, acompanhada e vivenciada como prática formativa.

O percurso coordenado pelo professor Arthur Cavalcante revela que o método de escrita desenvolvido no âmbito do projeto não se limita a oferecer técnicas isoladas ou fórmulas prontas. Trata-se de uma proposta coerente, fundamentada na interação orientador–orientando, na escuta atenta e na mediação pedagógica que respeita as singularidades de cada escrevente. Nesse espaço, a criatividade não é exigida como pré-requisito; ela é despertada, provocada e potencializada pelo diálogo, pela leitura orientada e pelo exercício contínuo da escrita.

Os contos que integram este livro são resultado direto desse processo. Mais do que textos de suspense bem construídos, eles evidenciam o amadurecimento de jovens autores que aprenderam a planejar, revisar, reescrever e assumir a autoria de suas narrativas. Cada conto confirma que a qualidade do

texto não é fruto do acaso, mas consequência de um método de criação consistente, capaz de transformar ideias iniciais em narrativas coesas, expressivas e significativas.

Nesse sentido, o projeto *Sala dos Escritores* se afirma como uma estratégia pedagógica potente de incentivo à leitura e à escrita. Ao criar um ambiente de experimentação e confiança, o projeto rompe com a visão punitiva ou meramente avaliativa da produção textual e a substitui por uma perspectiva formativa. Ler, escrever e reescrever passam a ser entendidos como práticas sociais, intelectuais e estéticas, fundamentais para a construção do pensamento crítico e da autonomia do sujeito.

A importância da leitura, aqui, não aparece como discurso abstrato, mas como prática indissociável da escrita. Ler bons textos, analisar escolhas linguísticas, compreender estruturas narrativas e reconhecer vozes autorais são etapas essenciais do método apresentado. Assim, podemos dizer também que o estudante-leitor torna-se, gradativamente, um estudante-autor, capaz de posicionar-se no mundo por meio da palavra escrita.

Do ponto de vista da formação cidadã, o impacto do projeto é igualmente significativo. Ao aprender a escrever com clareza, intencionalidade e consciência, o sujeito amplia suas possibilidades de expressão, argumentação e intervenção social. A escrita, nesse contexto, deixa de ser apenas uma habilidade escolar e se consolida como instrumento de participação, reflexão e posicionamento crítico diante da realidade.

Este livro, portanto, não se limita a registrar uma experiência exitosa; ele oferece um caminho didático assertivo para docentes e estudantes que acreditam no poder transfor-

mador da palavra. Ao evidenciar que a produção textual está estreitamente ligada a um método de criação bem estruturado e a uma orientação comprometida, a obra reafirma que escrever é uma aprendizagem possível, democrática e profundamente humana.

Que estas páginas inspirem outros educadores a criarem espaços semelhantes de escuta, orientação e autoria; e que os leitores reconheçam, nos contos aqui apresentados, não apenas histórias de suspense, mas o resultado de um processo formativo que fortalece saberes, amplia horizontes e confirma que a escrita, quando bem ensinada, é um caminho sólido de emancipação intelectual e cidadã.

**Prof. Dr. Ayres Charles de Oliveira Nogueira**

# REFERÊNCIAS

**ALIEN**: o oitavo passageiro. Direção: Ridley Scott. Produção: Gordon Carroll; David Giler; Walter Hill. EUA: 20th Century Fox, 1979. 1 arquivo eletrônico (117 min).

ARONSON, L. **The 21st century screenplay**: a comprehensive guide to writing tomorrow's films. Austrália: Allen & Unwin, 2010.

BORDWELL, David. O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema**: documentário e narratividade ficcional. São Paulo: Senac São Paulo, 2005. p. 277-301.

**CAÇADA ao Outubro Vermelho**, A. Direção: John McTiernan. Produção: Mace Neufeld. EUA: Paramount Pictures, 1990. 1 arquivo eletrônico (135 min).

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento, 1995.

CARRERO, R. **Os segredos da ficção**: um guia da arte de escrever narrativas. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

**DOMINGO negro**. Direção: John Frankenheimer. Produção: Robert Evans. EUA: Paramount Pictures, 1977. 1 arquivo eletrônico (143 min).

FIELD, S. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HAUGE, M. **Screenwriting Plot Structure Masterclass**. Entrevistador: Film Courage. [S. l.]: Film Courage, 11 jan. 2017. 1 vídeo (89 min). Publicado pelo canal Film Courage. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=besI6G4p4nw. Acesso em: 5 jul. 2026.

HAUGE, M. **Story structure**: The 5 Key Turning Points of All Successful Screenplays. 2014. Disponível em: http://www.storymastery.com/story/screenplay-structure-five-key-turning-points-successful-scripts. Acesso em: 07 ago 2016.

HASLETT, M; GREENFIELD, S. **The secret of great stories**: volume 1, "How does story work?" based on a theory and materials developed by Melanie Anne Phillips and Chris Huntley. California: Write Brothers Incorporated, 1999.

FERGUSON, Kirby. **Everything is a remix Remastered (2015 HD)**. Canadá, 2016. 1 vídeo (37min30). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nJPERZDfyWc. Acesso em: 20 maio 2021.

MCKEE, R. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

**MORTE tem cara de anjo**, A. Direção: Roy Boulting. Produção: John Boulting. Reino Unido: British Lion Film Corporation, 1968. 1 arquivo eletrônico (118 min).

PHILLIPS, M. A.; HUNTLEY, C. **Dramatica**: a new theory of story. 4. ed. [S. l.]: Screenplay Systems Incorporated, 2001. Disponível em: https://storymind.com/free-downloads/dramatica_book.pdf. Acesso em: 5 jul. 2026.

**REI Leão**, O. Direção: Roger Allers; Rob Minkoff. Produção: Don Hahn. EUA: Walt Disney Pictures, 1994. 1 arquivo eletrônico (89 min).

**SILÊNCIO dos inocentes**, O. Direção: Jonathan Demme. Produção: Kenneth Utt; Edward Saxon; Ron Bozman. EUA: Orion Pictures, 1991. 1 arquivo eletrônico (118 min).

**THRILLER:** um filme cruel. Direção: Bo Arne Vibenius. Produção: Bo Arne Vibenius. Suécia: BAV Film, 1973. 1 arquivo eletrônico (104 min).

VOGLER, C. **A Jornada do escritor**: estrutura mítica para escritores. São Paulo: Aleph, 2015.

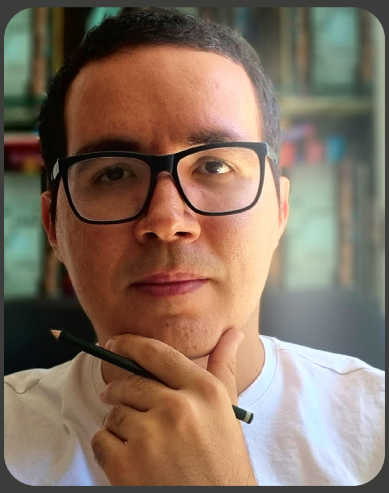

editoraifrn

A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 250 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais: acadêmica, técnico-científica, didático-pedagógica, artístico-literária e cultural potiguar.

Alinhada à função social do IFRN, a Editora reafirma seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a Editora IFRN busca promover a publicação das produções de servidores e estudantes do Instituto, bem como da comunidade externa nas várias áreas do saber, abrangendo a edição, difusão, distribuição de seus produtos editoriais e buscando sempre consolidar sua política editorial, que prioriza a qualidade.





# Arthur Cavalcante

Doutor em Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, teve o curta-metragem *Ciclo* (2012) selecionado para a Mostra Panorama Internacional do Anima Mundi e foi finalista do Festival de Roteiro Guiões (2024), na categoria longa-metragem. É autor dos romances *Labirinto de Escombros* (2020), *Mestre de Guerreiro* (2022) e *Um Conto de Sangue* (2023), além de contos publicados em diversas coletâneas. Atualmente, é professor de Escrita Criativa e Roteiro no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

A partir da Oficina de Criação Literária e do Curso FIC Narrativa e Roteiro Cinematográfico, ambos no *Campus* Natal-Centro Histórico, estão aqui reunidos oito contos e seus respectivos ensaios criativos. Por meio da metodologia do Modelo Narrativo Unificado, os alunos puderam desenvolver seu processo criativo no formato literário, além de oferecerem aos leitores os bastidores da criação, desde o nível da IDEIA até a ESCRITA da seguinte proposta: os contos precisam abordar suspense + uma escola + algo sobrenatural.

9 788583 333593

editoraifrn

EDITORA ASSOCIADA À ABEU
abeu.org.br

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte